

Diário de Lisboa

ANO 66

N.º 22 309

Terça-feira, 10 de Março de 1987

Preço 40\$00



FA's não cedem a Cavaco

EXÉRCITO VETOU TRÊS ESTRELAS PARA HUGO ROCHA

O Conselho Superior do Exército não cedeu às pressões de Cavaco Silva e voltou a não incluir o coronel Hugo Rocha na lista das promoções a brigadeiro. Na última reunião do Conselho Superior de Defesa Nacional a oposição de Cavaco Silva à não inclusão deste antigo colaborador de Mota Pinto, levou a que o Presidente da República «congelasse» as promoções a brigadeiro remetendo-as para uma próxima reunião. Na última sexta-feira, no entanto, o CSE, presidido por Firmino Miguel, reafirmou que, na questão das promoções, estão em causa unicamente critérios de ordem profissional que não abrangem Hugo Rocha, reelaborando uma lista na qual não figura o seu nome.

Pág. 24



Firmino não cedeu, Hugo Rocha fica sem promoção. Cavaco, e agora?

Lotaria Popular já andou

1.º Prémio

270108

2.º Prémio

461703

3.º Prémio

102537

A estreia da nova Lotaria Popular fez-se hoje com a extracção dos números premiados, depois de os bilhetes respectivos terem esgotado desde há muitos dias na maioria dos vendedores, tendo mesmo propiciado alguns casos de especulação. Os principais premiados nesta Lotaria, a preços muito mais baixos do que o jogo normal, são os possuidores dos seguintes números: 1º, 270108; 2º, 461703; 3º, 102537; e, 4º, 14222. Um dos objectivos desta modalidade de lotaria é, expressamente, acabar com o jogo clandestino que nos últimos anos alimentou circuitos paralelos, com elevados lucros que, além do mais, escapavam inteiramente a qualquer tributação fiscal. O primeiro prémio da Lotaria Popular é de mil contos, o segundo de 250 contos e o terceiro de 100 contos. A propósito da candonga que o êxito desta extracção suscitou, as sinalese que ainda esta manhã, quase a andar a roda e nas próprias instalações da Santa Casa, alguns vendedores «espachavam» cautelas que lhes tinham restado.

Seis casos já detectados

Empresas desviam em proveito próprio dinheiros públicos para formação profissional

Pág. 11

**"DL" no Rallye de Portugal
com a
poligrupo**

Problemas de uma maior longevidade

II REORGANIZAÇÃO DO ESQUEMA DE VIDA

Manuel Maria

(Serviço Especial EFE em Exclusivo para Portugal)

SE, de facto, os seres humanos passarem a viver 150 ou 200 anos sobre a Terra, a reforma aos 60 ou 65 terá de ser, necessariamente, alterada, caso contrário transformaríamos a Terra num planeta de reformados. Quanto ao casamento, seria aconselhável fazê-lo depois dos 30 anos. Aliás, isto já se verifica na Europa, onde os casamentos se contraem depois dos 30 anos, e bem mais próximo dos 35 do que dos 30. Em suma, será necessário organizar de outra forma o esquema da vida humana. A idade fértil da mulher, a época de aprendizagem, a maturidade, todas as idades sofrerão mutações, visto que seremos regulados por um novo cronómetro. É lógico que também a idade laboral será alterada, pois não seria compreensível que uma pessoa que vivesse dos 0 aos 150 ou 200 anos, só trabalhasse até aos 60 anos.



Como distribuir a idade do homem

Actualmente, o homem é de todos os animais aquele cuja aprendizagem é mais longa e o que mais tempo demora a atingir a maturidade. Não andamos antes do primeiro ano de vida, não alcançamos a máxima capacidade reprodutora antes dos 20, não somos anos capazes de viver independentes dos nossos progenitores, a nível económico e social quase antes dos 30 anos.

O cavalo, que vive praticamente um quarto da vida humana, faz uso destas faculdades bastante mais cedo. O potro põe-se em pé após nascer e passada meia hora já corre atrás da sua mãe. É capaz de ser pai aos 5 ou 6 anos e atinge a sua plenitude física aos 3 ou 4. É lógico que isto se explica, porque o homem tem mais tempo para fazer as coisas. A mosca tem menos tempo de vida que o cavalo, pelo que faz as coisas bastante mais cedo.

Se a vida do homem sobre a Terra passar a ocupar muitos anos, é lógico que as suas actividades serão distribuídas de forma proporcional. Se agora o

homem se forma até aos 20, trabalha até aos 65 e descansa reformado até aos 75, na altura em que a sua vida tiver o dobro dos anos; cada fase terá que durar obrigatoriamente o dobro do tempo, para que não nos deparemos com grandes desequilíbrios.

Na Bíblia há um exemplo nítido do que poderia ser essa distribuição do nosso esquema de vida no capítulo 5 do Génesis, quando se referem as gerações de Adão e a vida dos seus sucessores e herdeiros, os chamados patriarcas, desde o próprio Adão até Noé, os expoentes da utopia da longevidade.

A longevidade na Bíblia

«Viveu porém Adão cento e trinta anos; e gerou à sua imagem e semelhança um filho, a quem por nome chamou Seth. E depois que gerou a Set, viveu Adão oitocentos anos, e gerou filhos e filhas. E todo o tempo que Adão viveu foram novecentos e trinta anos, e morreu.»

O resto dos patriarcas viveram assim: Seth viveu 912 anos e teve o seu

primeiro filho, Enoch aos 105. Enoch teve o seu primeiro filho aos 90 e viveu até aos 905. Quenan, filho de Enoch, teve o seu primeiro filho aos 70 e viveu até aos 910. O seguinte, Mahalalel, foi pai aos 65 e morreu aos 962. Enoch, pai aos 65, desaparece aos 365, quando Deus o leva num carro de fogo. Matusalém, que ganhou fama como o mais velho dos homens, morreu aos 969 anos e foi pai aos 187. Lamek foi pai aos 82 e morreu aos 777. De Noé, o último da série, sabe-se que tinha 500 anos quando Yaveh o encarregou de fazer a arca.

Toda esta narração teve como finalidade mostrar as duas exigências patentes nesta longevidade: uma, a de ter filhos a uma idade avançada (187 para Matusalém, 130 para Adão e 65 para Mahalalel). A outra exigência era a de ter muitos filhos. Em todos os casos, quando se fala dos anos que cada patriarca viveu após ter tido o seu primeiro filho, refere-se que viveu tantos anos e gerou filhos e filhas, isto é, cada patriarca teve, provavelmente, centenas de filhos, já que entre o nascimento do primeiro filho e a morte, vão muitas vezes 700 anos, o que significa, pelo menos, um filho por ano; caso não estivessem casados com mais de uma mulher.

A reprodução no século XXI

No século XXI, não seria recomendável que cada geração de patriarcas tivesse 600 ou 700 filhos. O problema é que se trata de uma sociedade que aspira à reprodução como meio de substituição, pelo que cada casal tem no máximo três filhos, limitando-se, assim, o período fecundo a cerca de 10 anos, quando a vida do casal, poderá ultrapassar os 100 anos.

O que aconteceria se indivíduos com 70 anos se casassem outra vez na esperança de passar mais 50 anos casados? Será que o período fecundo da mulher poderá estender-se aos 70 ou 100 anos se ela viver até aos 150 ou 200? Actualmente, as mulheres são férteis dos 13 aos 50 anos, enquanto que a sua esperança de vida é de 75 anos; o que corresponde a 50% dos anos de vida. Contudo, se elas têm de viver até aos 150, a fertilidade deveria ser, pelo menos, de 75 anos, dos 20 aos 95.

O mesmo terá que acontecer com o esquema laboral, que se agora dura dos 20 aos 65, isto é, 45 anos dos 75 de vida, numa vida de 150 anos, a vida de trabalho deverá durar, pelo menos, dos 30 aos 100 anos.

Um artigo do «US News World Report» intitulado «O século vindouro» alude a estes problemas e afirma que, após o ano 2000 as pessoas continuarão a trabalhar depois dos 65 anos e mesmo com idades avançadas receberão formação profissional de outras profissões, sendo muitos cidadãos mais velhos contratados para ensinar os mais jovens. Não se pode, portanto, pôr em dúvida que, se vamos viver 200, teremos que ser produtivos até aos 150. Claro que também será necessário assegurar aos mais novos as mesmas hipóteses de profissionalização que teriam caso ops mais velhos não trabalhassem.

III — HAVERÁ PÃO PARA TODOS?



Paula Mariz
22 anos,

agente comercial (pronto-a-vestir)

"As pessoas ficam mais felizes com o Sol"

Paula, parece que a Primavera está a chegar...

— Pois, e o calor. Adoro.

Foste à praia, estes dias mais quentes?

— Não fui porque não pude. Mas este ano já tomei banho, e logo no primeiro dia do ano. Claro, estava a chover e a água estava fria.

Foi a primeira vez?

— Não, já é um costume antigo que tenho com uns amigos. Enfim, apenas uma maneira gira de acabar a noite.

Como é que consegues meter-te na água fria?

— Bom, se não se pensar no frio sente-se menos.

A sensação de frio não é, portanto, coisa demasiado desagradável para ti. O que é que te é verdadeiramente desagradável? Uma dor de dentes?

— Nunca tive. Vou ao dentista de seis em seis meses, é uma questão de hábito.

Os portugueses não gostam muito de ir ao dentista, não é?

— Sim, e é por isso que andam tão de placas.

Voltamos à vaca fria: o que é que é que pode ser desagradável para ti?

— Olha a morte de um amigo, como me aconteceu há pouco tempo.

Como foi?

— Primeiro um pasmo. Surpresa, ele era muito novo. E depois um arrepiozinho dado. Nunca se está à espera.

Costumas pensar na morte, na tua morte?

— Nunca.

Mais coisas desagradáveis...

— A doença. Uma amiga minha, como se já não bastasse, foi agora operada ao cérebro.

Anda a rondar, Paula. Bem, e quanto àquilo que te dá prazer, como é?

— Jogar voleibol, sobretudo. E o Sol, passear pelos jardins, ir à praia, ou ao campo.

Mais prazeres teus, conta lá.

— Ler, ouvir música, ver cinema e teatro.

Qual foi o último livro que leste?

— O «Relatório Hite». Mas tem lá aspectos com que eu não concordo. Não consigo por exemplo achar vulgar que uma mulher se masturbe. Eu nunca me masturbei.

Sim, parece que a Shere Hite exagerou um bocado nesse ponto. Mas não há dúvida que muitas mulheres se masturbam.

— Claro, só que não são tantas assim. Eu moro com duas primas minhas, com 18 e 15 anos, e tive curiosidade em perguntar-lhes se se masturbam ou não. E disseram-me que não. Não sou só eu, portanto.

Quanto à música, o que gostas mais de ouvir?

— Brasileiro. Rock pesado detesto. Dos modernos gostei dos Simply Red. E ouço muitas coisas antigas, Glenn Miller, Barbra Streisand.

Cinema?

— Dos últimos filmes que vi gostei mais de «A Missão». Adorei o Robert de Niro. E ri-me com o «Regresso à Escola». É um bocado tolo mas é giro.

Teatro?

— Sempre fui muito ao teatro. Gostei bastante da «Mãe Coragem», e fui agora a uma revista, como é que se chama?... «Escrita em Dia».

Voltando ao princípio da nossa conversa. O que sentes de novo, com a Primavera?

— Oh, as pessoas ficam mais felizes com o sol. Estou mais bem disposta.

Se pudesses, que coisa desagradável gostarias de tornar agradável?

— Gostaria que as pessoas fossem mais tolerantes umas com as outras. É muito triste quando se entra num autocarro e logo alguém vem com um «seu animal isto, seu animal aquilo».

Depois do Encontro Nacional do MDP

PCP considera consumada ruptura da APU

O PCP afirma em nota do seu Serviço de Informação e Propaganda, citando declarações do dirigente Octávio Pato, que a rejeição pelo MDP das suas propostas sobre a manutenção da Aliança Povo Unido para as eleições autárquicas corres-

ponde a uma ruptura daquela coligação autárquica. Segundo aquele responsável do PCP, membro da Comissão política do partido, a posição assumida pelo MDP no seu Encontro Nacional de Novembro, visava «introduzir na APU modificações que atingiam

aspectos essenciais das suas características e equivaliam de facto a um rompimento».

A nota revela que «apesar disso o PCP fez ao MDP uma proposta em que, garantindo aspectos essenciais da APU, procurava ir ao encontro das questões levantadas».

Referindo-se ao Encontro Nacional do MDP do último fim de semana, o PCP considera que «a rejeição dessa proposta por parte do MDP tem um evidente carácter político negativo e corresponde à consumação da ruptura da APU».

Nesse Encontro o MDP aprovou uma moção em que considera que a proposta do PCP para a manutenção da coligação APU para as autárquicas «impossibilita de momento o acordo sobre uma plataforma política para

a renovação» daquela aliança.

Segundo a moção do MDP, o PCP insistiu, nas suas negociações com o MDP, em posições que «exprimiam na prática a imposição formal de uma situação de subalternidade inaceitável para o MDP».



No jantar de homenagem a Mário Soares

PS está disponível para "pacto de regime" na revisão constitucional

— diz Constâncio

Vitor Constâncio aproveitou, ontem, o jantar comemorativo do primeiro aniversário da posse de Mário Soares como Presidente da República, para manifestar a «disponibilidade do PS para um pacto de regime que possibilite uma revisão consensual».

O secretário-geral do PS invocou, na circunstância, o nome de Soares ao frisar que «tal como o Presidente, também o PS quer a consolidação e o aperfeiçoamento das instituições». Segundo o líder socialista, «as condições que o Presidente tem assegurado à nossa vida política, garantem um quadro favorável ao progresso do país e criam-se, por isso mesmo, responsabilidades acrescidas».

«É em particular ao PS que compete agora completar a vitória de Mário Soares», considerou Constâncio, acrescentando que existe a ameaça de «um governo arrogante e minoritário» que pode «lançar o país num passe político».

Jaime Gama e Silva Pinto

Jaime Gama, que pertenceu à

comissão política do movimento da candidatura de Soares(MASP), usou também da palavra para elogiar o papel desempenhado pelo actual PR no seu primeiro ano de mandato. O líder da corrente minoritária do PS considerou que Mário Soares é uma «personalidade de claro enraizamento na cultura política portuguesa e europeia» e sublinhou que a sua vitória na corrida para Belém foi o «grande triunfo da sua convicção e da sua vontade de fazer de Portugal uma democracia moderna».

Também usou da palavra o empresário Silva Pinto, outro dos responsáveis da campanha presidencial de Soares, que disse não ser possível calar como são «férteis os indícios de quanto seria pernicioso para a democracia portuguesa a constituição de uma maioria absoluta de direita na Assem-

bleia da República».

Silva Pinto, antigo secretário de Estado da Segurança Social no governo de Marcelo Caetano, indicou que «o êxito de Mário Soares» foi o «sucesso da esquerda democrática, defensora da liberdade, da solidariedade, do respeito pelo pluralismo das ideias e dos posicionamentos políticos» e interrogou-se sobre se no actual momento «valerá a pena ter-se receio de chamar direita à direita, continuando a cobri-la com o véu de designações impróprias como centro ou social-democracia».

Depois de considerar que, no âmbito da CEE, a social-democracia é «uma família política de centro-esquerda, vizinha do socialismo democrático», Silva Pinto acrescentou que «a esquerda democrática é uma realidade que, em Portugal, implica duas vantagens: ser a solução mais adequada aos interesses do nosso Povo e ser também a opção política mais querida, desde que bem explicada».

Houve ainda, no jantar, intervenções breves de António

Barreto e do músico rock António Ribeiro.

JS elogia Soares

O Secretariado Nacional da Juventude Socialista divulgou, por sua vez, um comunicado a enaltecer o primeiro ano do mandato presidencial de Mário Soares. Segundo a JS, Soares «é fixe porque tem potenciado a criação e o reconhecimento dos nossos valores enquanto portugueses» e tem sido «gerador de grandes consensos políticos e sociais e, simultaneamente, o garante da estabilidade política».

Entretanto, e no mesmo comunicado, a JS fala das dificuldades dos jovens no acesso ao primeiro emprego como «motivo de adiamento permanente do presente e do futuro de milhares de jovens». Segundo a JS, há 500 mil desempregados jovens e outros 500 mil estão dependentes de contratos a prazo. Sublinha também que 50 por cento dos desempregados têm menos de 25 anos e 70 por cento menos de 30.

Acto Único Europeu: novo debate no Parlamento

A Assembleia da República debate hoje, pela terceira vez na actual legislatura, as implicações do Acto Único Europeu, documento que foi ratificado pelo Parlamento português em Dezembro de 1986.

O relatório da comissão parlamentar de Integração Europeia, que será lido no início da sessão, justifica a realização do debate de hoje pela curta antecedência com que os dois anteriores foram marcados, o que impediu a comissão de fazer «uma análise suficientemente desenvolvida das consequências do Acto Único em Portugal».

O primeiro debate que a Assembleia realizou sobre esta matéria, na actual legislatura, foi em Fevereiro de 1986 e o segundo em Dezembro, durante a discussão que antecedeu a ratificação do Acto Único pelo Parlamento português.

O relatório da comissão parlamentar de Integração Europeia, que marcará o início do debate, foca diversos aspectos do Acto Único Europeu, como disposições de natureza institucional, mercado interno, coesão económica e social, investigação e desenvolvimento tecnológico e política do ambiente.

Este relatório critica também a actuação do Governo no que se refere às informações que fornece à Assembleia da República sobre matérias comunitárias e aponta também dificuldades do Parlamento em poder controlar o que se passa nos conselhos de ministros da CEE.

Aliás, o relatório chama a atenção para o facto de tal situação ser vivida da mesma forma pela maioria dos parlamentos dos países membros da CEE já que as decisões do conselho de minis-

tros da Comunidade «não são sujeitas ao controlo democrático dos parlamentos», que têm procurado conseguir uma maior influência sobre as decisões comunitárias através de mecanismos de consulta prévia.

Proposta de resolução

No final do debate será apresentado um projecto de resolução, da autoria do PCP, que se pronuncia pela «urgente aplicação, segundo os processos de decisão apropriados, do novo artigo 8/0-C, com vista à defesa dos sectores vitais da economia portuguesa e à sua modernização e desenvolvimento durante o período transitório e após o seu termo».

Esta proposta de resolução considera ainda que Portugal, «face às consequências negativas da adesão, pela aplicação do Acto Único deve beneficiar de programas especiais de apoio».

Apesar de não estar agendado, poderá vir a ser votado, em alternativa ao projecto do PCP, um outro, elaborado pela comissão parlamentar de Integração Europeia, que defende a necessidade de «articular estreitamente a introdução de medidas de liberalização do mercado interno, com a concretização do princípio de coesão económica e social, através de programas de auxílio financeiro de montantes muito mais substanciais do que os que têm sido possíveis na actual situação orçamental da CEE».

Portugal e Zaire iniciam conversações

A comissão mista luso-zairense iniciou ontem em Lisboa a sua primeira reunião, destinada a identificar áreas concretas de acção conjunta nos domínios da Agricultura, Pescas e Indústria. No início da sessão, o secretário de Estado da cooperação do Governo de Kinshasa realçou o «significado histórico» destas primeiras conversações específicas bilaterais.

Uma cooperação multifórmica de Portugal com o Zaire foi preconizada

pelo delegado da capital zairense, que salientou ainda a colaboração no domínio das pequenas e médias empresas.

Por seu turno, o secretário de Estado português da Cooperação, Azevedo Soares, realçou a «particular vocação» de Portugal para participar no desenvolvimento do Zaire, mediante um contributo assente na complementaridade das economias dos dois países.

Gonçalves Pereira contra "censura construtiva" do PS

A possibilidade de introdução na revisão constitucional da moção de censura construtiva, proposta pelo PS, foi criticada por André Gonçalves Pereira que a considerou «desvirtuadora» do actual sistema semi-presidencial.

O catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa, que falava num colóquio sobre o «sistema eleitoral», promovido pela Fundação Século XXI, presidiada por Freitas do Amaral, frisou que o mecanismo da moção de censura construtiva conduziria a um maior «apagamento» do Presidente da República que, se já não pode demitir o Primeiro-Ministro, deixaria de o poder nomear, em contradição com o sistema semi-presidencialista definido pela Constituição.

Seria «perigoso», considerou o membro da ex-candidatura de Freitas do Amaral, o PR ser eleito por sufrágio directo e não ter «formas de realizar os compromissos eleitorais assumidos perante o eleitorado». Gonçalves Pereira considerou que um tal mecanismo — defendido por dirigentes do PS como forma de propiciar maior estabilidade governativa — seria útil em sistemas verdadeiramente parlamentaristas ou em monarquias constitucionais.

Gonçalves Pereira criticou a hipótese de «acordo de cavalheiros» proposta por Conselheiro a Cavaco por retirar ao eleitorado a «possibilidade de escolha», salientando ser a via eleitoral a susceptível de dar mais estabilidade governativa.

Na sua intervenção, o conferencista defendeu ainda a substituição do actual sistema eleitoral de representação pro-

porcional pelo sistema de representação maioritária a duas voltas, tal como existe em França, argumentando com o «inconveniente» da instabilidade governativa propiciado, em seu entender, pelo sistema proporcional.

Admitiu, todavia, que o sistema proporcional tem a virtualidade de dar «uma visão mais fiel da sociedade» e defendeu a realização de um «exame sério» dos prós e dos contras de cada um dos sistemas.

Jardim e Amaral vão debater a revisão constitucional

Está previsto para fins do corrente mês o encontro entre os líderes das regiões autónomas, João Jardim e Mota Amaral, que terá como tema dominante a revisão constitucional.

Segundo Jardim, citado pela Lusa, a cimeira insular «pretende contribuir para a elaboração de uma proposta de revisão, no âmbito da ampliação das autonomias, devidamente fundamentada».

O responsável madeirense disse ter enviado já a Mota Amaral um documento com as suas propostas de revisão e referiu ver com «certa apreensão» a actual composição partidária da Assembleia da República, considerando-a «hostil à realização de qualquer alteração constitucional que vise um projecto válido para as autonomias».

reunião de trabalho do chefe do Estado com o primeiro-ministro. Conforme é da prática constitucional, a proposta de prorrogação ou exoneração de mandatos é da inteira responsabilidade do Governo. A publicação do decreto presidencial ocorre dois dias após o termo legal do primeiro mandato (de três anos) do actual CEMGA.

Vernon Walters em Lisboa

URSS E ÁFRICA AUSTRAL FORAM TEMAS CENTRAIS DE CONFERÊNCIA

O embaixador norte-americano junto das Nações Unidas, Vernon Walters, que visitou Lisboa a convite das autoridades portuguesas, afirmou ontem que o seu país não entrará numa crise cíclica devido ao escândalo «Iran-gate» e que o mandato do presidente Ronald Reagan já não sofrerá mais «danos irreparáveis como este».

«Tenho muito mais certeza de que o presidente Reagan esteja no poder daqui a dois anos do que o senhor Gorbachov», comentou o diplomata norte-americano com a certeza de quem advinha o futuro. Walters fez esta e outras afirmações durante uma conferência no Instituto de Defesa Nacional, onde abordou algumas das questões mais polémicas da política externa dos EUA.

Referindo-se ao escândalo «Iran-gate/contras», o general Walters afirmou que «o Governo norte-americano ficou abalado» com isso, mas que é seu convencimento de que a situação ficará ultrapassada «daqui a dois ou três meses» (?), pois, entende que «enfraquecer o presidente dos Estados Unidos não traz vantagem para ninguém» (!). Sobre as recentes reformas ocorridas na União Soviética, Vernon Walters disse que os EUA as encaram com «optimismo prudente», visto que, segundo as suas palavras, «já houve outras falsas alvoradas na URSS».

Falando sobre o líder soviético Mikail Gorbachov, o diplomata norte-americano (que durante a conferência se exprimiu fluentemente em português), declarou: «Temos diante de nós um homem que, pelo menos até agora, parece decidido a mudar as coisas». Chamou porém a atenção para as dificuldades internas que o novo dirigente da URSS poderá ter de enfrentar para pôr em prática uma nova orientação política: «Há muita resistência

dentro da burocracia do Partido Comunista e na inércia da burocracia do Estado», salientou Walters, para acrescentar que deseja sinceramente que Gorbachov consiga impor as suas ideias de abertura e reestruturação económica.

Falando mais da política interna soviética do que da política externa norte-americana (de acordo com o tema proposto para a conferência), e comparando a situação da URSS com as recentes transformações na China, o general Walters lembrou que também os chineses quiseram mudar o sistema e já estão a ter problemas.

EUA e a América Latina

O diplomata norte-americano abordou entretanto a política do seu país em relação à América Latina, nomeadamente com o México, Brasil e, sobretudo, Nicarágua, país em relação ao qual salientou que a «ajuda aos contras foi também aprovada pelos democratas e não apenas pelos republicanos». Considerando que a Europa tem manifestado alguma dificuldade em compreender as relações norte-americanas com a América Central, Walters disse que esta região está para os EUA como a Argélia, Marrocos e a Tunísia estão para os franceses: «A América Central é o nosso Magreb», salientou o general para acrescentar



que a partir desta comparação, o Governo francês pareceu entender o papel desempenhado pelos Estados Unidos naquela região geopolítica.

Referindo-se à África do Sul, o conferencista disse que o seu país «já não pode fazer mais do que já fez na-quele país para combater o racismo». «Procurámos vencer o Governo de Pretória a abolir o apartheid; não queremos favorecer a luta armada pois receamos que os brancos possam vencer», afirmou Walters, sem sorrir.

Quanto à política norte-americana face a Angola, o embaixador sublinhou que os EUA «não têm relação com o Governo angolano», desde que pediu «o cumprimento dos acordos de Alvor» que, no seu entendimento, o executivo de Luanda «os esqueceu completamente».

Sobre Angola, Walters ainda disse: «Achamos que não é bom que Savimbi dependa apenas da ajuda militar sul-africana e do material de guerra apreendido ao MPLA». Para o conferencista, a ajuda do seu país à organização armada representa «menos da décima parte da ajuda militar soviética e cubana ao MPLA».

O chefe da missão dos EUA junto da ONU encontrou-se ontem com o presidente da República, Mário Soares, e primeiro-ministro, Cavaco Silva.

Vizela vai às urnas a 31 de Maio

As eleições para as Assembleias de Freguesia de S. João e S. Miguel das Caldas, em Vizela, foram ontem marcadas para 31 de Maio em reunião do executivo da Câmara Municipal de Guimarães.

Na proposta, apresentada pelo presidente da edilidade, António Xavier, foi aprovada por maioria, e nela são nomeados, por ordem alfabética, as pessoas que farão parte das comissões administrativas das Assembleias das respectivas freguesias, distribuindo, entre si, os cargos.

Para a freguesia de S. João foram nomeados Carlos José Gonçalves Ferreira, Joaquim Luís Almeida e José Maria Pereira Martins.

Belmiro Ribeiro Martins, Manuel da Silva Costa e José Joaquim Vilela Costa integrarão a comissão administrativa da freguesia de S. Miguel.

Recorda-se que a Câmara Municipal de Guimarães fez estas nomeações porque os actuais elementos das Juntas de Freguesia manifestaram a sua indisponibilidade para constituírem aquelas comissões, que deverão administrar as respectivas autarquias até à realização das eleições.

Número recorde de iates no porto da Horta

Um total de 758 iates, nacionais e estrangeiros, escalou ao longo de 1986 o porto da Horta (ilha do Faial) — informaram as autoridades marítimas da cidade.

Segundo tais informações, a maioria das embarcações de recreio que por aqui passaram era de nacionalidade francesa (139) e norte-americana (108).

Com pavilhão português escalar no ano passado o porto da Horta, escala obrigatória para barcos de recreio que naveguem no Atlântico Norte, sete iates.

Lemos Ferreira reconduzido

Só hoje foi publicado em suplemento ao «Diário da República» o decreto presidencial que reconduz por mais dois anos o mandato do general Lemos Ferreira no cargo de Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas.

O diploma havia sido assinado por Mário Soares, ainda em Bragança, na habitual

Vida feminina

Semanário de actualidade da mulher e da moda

O SEU MAGAZINE À VENDA HOJE

NESTE NÚMERO:

- O SIDA E A MULHER
- 25 ANOS DE ENFERMEIRAS PÁRA-QUEDISTAS
- FESTIVAL RTP DA CANÇÃO

DISTRIBUIÇÃO INTERPRESS

COMUNA

TEXTO DE ROGER VITRAC

3.º MÊS

"VICTOR"

ou

as crianças no poder

DOMINGO 17 H

VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS

*TERÇA *QUARTA *QUINTA*

PREÇO UNICO: * 200.00

APÓLIE - ESTREIJA - A FRANÇAISE

BRÁS E BRÁS * SECLA-FAIANÇA * R. COMERCIAL

TEATRO DE PESQUISA

PRAÇA DE ESPANHA - T. 726 08 18

CAFÉ TEATRO

SEXTAS-SÁBADOS ÀS 23.30 H

FARSA VOCE MESMO

2 SALAS

2 ESPECTÁCULOS

O MESMO GRUPO

Coimbra perdeu mais um nome importante

PAULO QUINTELA VAI HOJE A ENTERRAR EM BRAGANÇA

«Coimbra tem sido bastante penalizada neste últimos tempos: primeiro foi o Joaquim Namorado, depois o José Afonso e agora o Paulo Quintela», lamentou o professor Orlando de Carvalho, da Faculdade de Direito de Coimbra, a propósito do falecimento ontem, ao princípio da manhã, do grande germanófilo e homem de teatro que foi Paulo Quintela.

Nascido em Bragança, sempre muito ligado à terra transmontana, o professor Paulo Quintela esteve no entanto muito ligado à vida e à cultura coimbrã. De Coimbra o seu corpo foi trasladado até à cidade natal, onde decorre o funeral, pelas 15 horas de hoje.

«Paulo Quintela teve repercussões óbvias na tradução e no fazer poético português», considerou Orlando de Carvalho. «E o teatro deve-lhe muito. Foi ele quem trouxe à cena a obra de Gil Vicente, ele quem divulgou os autores clássicos e a teatologia grega. Deu a conhecer os dramaturgos espanhóis, como Garcia Lorca, e alguns escritores nacionais, tais como Miguel Torga e José Régio», adiantou ainda.

Exímio tradutor de Goethe,

Nietzsche ou Kant, especializado na obra poética de Holderlin, conhecedor do trabalho teatral de Bertolt Brecht, Paulo Quintela cedo ocupou um lugar de destaque no meio literário português.

Filho de pedreiro e padeira, conseguiu a matrícula no curso de Filologia Germânica da Faculdade de Letras de Coimbra e, após uma licenciatura com 19 valores, pôde completar os seus estudos na Alemanha, como bolseiro da Fundação Humboldt. Para lá voltou mais tarde como leitor de português, permanecendo até à subida de Hitler ao poder.

Foi um dos fundadores do TEUC, em 1938, e esteve na sua direcção artística durante três décadas. Fundou a Associação de Estudantes de Letras coim-

brã, pelos idos de 1926, e esteve à frente do jornal académico «Gente Nova», órgão do Centro Republicano de Coimbra.

Homem activo e participante, dele diz Orlando de Carvalho ser «uma figura paradigmática na cultura portuguesa e universal». Daí afirmar-se, um pouco por brincadeira, mas com o respeito e a admiração suscitados pela figura de Paulo Quintela,

que o professor de Coimbra «fazia cultura como um almoceve».

Adveio também dessa sua característica um forte sentido cívico, que o fez opositor ao regime do Estado Novo. Em telegrama de pêsames enviado à família, o Presidente da República, Mário Soares, escreve mesmo que «com o desaparecimento desta grande figura a cul-

tura portuguesa fica mais pobre. Mas permanecerá a sua valiosa obra e o seu exemplo de dignidade cívica e dedicação aos altos valores da liberdade».

No seu empenho em intervir na vida nacional, Paulo Quintela, que recebeu em 1983 a comenda da Ordem da Liberdade, resolveu entrar como militante no Partido Socialista, do qual saiu mais tarde, confessando-se

cansado da política.

Faria em Dezembro 81 anos. Homenageado em vida (medalha de ouro do Instituto Goethe, comenda da Ordem do Infante D. Henrique, medalha de ouro da cidade de Coimbra), o professor Paulo Manuel Pires Quintela influiu, na verdade e decisivamente, em toda a riqueza actual da cultura que partilhamos como portugueses.



4WD

NOVA TOYOTA HILUX

não é apenas um **todo-o-terreno**
é **tudo-o-mais** de que você precisa!

Você sabe bem quais os problemas que se lhe deparam no seu dia-a-dia. Na agricultura, no comércio, na indústria e no desporto ou em simples actividades recreativas, a nova **HILUX 4WD** é extraordinariamente segura, confortável e resistente.

Com tracção às 4 rodas, com a potência dos **motores super-económicos** da nova

geração TOYOTA, com grande facilidade de manobra que a **direcção assistida** lhe confere, a nova **HILUX 4WD** apresenta-se em várias versões mostrando, assim, a sua **extraordinária versatilidade**.

Incomparável no seu rendimento e durabilidade a **HILUX 4WD** foi concebida para rolar na estrada e... fora dela.

TOYOTA

uma **FORÇA** para o **FUTURO**

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL CONTINENTAL E INSULAR SALVADOR CAETANO I.M.V.T., S.A.R.L.
CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

A "Nova Seara Nova" iniciou a série de 1987

Com a publicação do número nove, a revista «Nova Seara Nova» inicia a série de 1987 e considera, no editorial, que estão prestadas as provas públicas de que «era possível fazer a Revista». Conciliando, num espaço cultural aberto, o tradicional militantismo cívico dos «seareiros», com as preocupações da actualidade, a «Nova Seara Nova» apresenta-se como uma publicação que era necessária e que se propõe aliar a valorização de uma cultura democrática de raiz portuguesa ao rigor crítico.

Neste número, Fernando Correia escreve sobre «A responsabilidade social do jornalismo», Aquilino Ribeiro Machado discute o comportamento político da esquerda portuguesa, João Vasco Villalobos fala de «O papel dos Intelectuais na Revolução da Esquerda», o

eng. José Caetano Velez colige notas sobre «A política florestal portuguesa», o brigadeiro Pezarat Correia analisa o «Livro Branco da Defesa Nacional-1986», Fernando Piteira Santos apresenta «Duas Cartas de António Sérgio a Câmara Reis em que se fala de Raúl Proença», Gregory Mc Nab, da Universidade de Rhode Island (USA), comenta o romance «Ombro, Arma!» de José Manuel Mendes. Um poema de Ester Luísa Rodrigues Dias e a secção «Factos e Documentos», completam este número de «Nova Seara Nova».

O artigo do eng. Aquilino Ribeiro Machado que se intitula, interrogativamente — «A esquerda mais estúpida da orbe?», parece destinado a suscitar reacções polémicas na conjuntura portuguesa actual.





**SINDICATO DOS MAQUINISTAS PRÁTICOS
AJUDANTES E ARTÍFICES
DA MARINHA MERCANTE DE PORTUGAL**

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

RELATÓRIO E CONTAS DO ANO DE 1986

Nos termos do Artigo 33.º dos Estatutos do Sindicato dos Maquinistas Práticos, Ajudantes e Artífices da Marinha Mercante de Portugal, convoco a Assembleia Geral Ordinária do Sindicato para o próximo dia 27 de Março de 1987, pelas 17 e 30 horas, na sede central do nosso sindicato, sita no Largo do Calvário, n.º 30-r-c-Dt.º, Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º Discussão e eventual aprovação do Relatório e Contas do Sindicato referente ao exercício do ano de 1986.
- 2.º Informações.

Lisboa, 6 de Março de 1987

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Fernando Piedade Gomes

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 2 059-A, 3.ª Secção.
Exequentes — A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P., com sede em Lisboa, e executada Maria Adelaide Seabra Gonçalves, residente na Rua José Guilherme de Oliveira 10 — Santo Amaro de Oeiras, e actualmente em parte incerta, e nestes autos correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, posterior ao dos editos, deduzirem os seus direitos na execução acima indicada.

O Juiz de Direito
Vitor Manuel Pinto Ferreira Mesquita
O Escrivão de Direito
Maria Antonieta Tavares Sousa Gomes

D.L. 10/3/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

Na segunda secção do segundo Juízo deste Tribunal Judicial de Oeiras, correm termos uns autos de Execução de Sentença registados sob o n.º 33/A/79, em que são exequente a Companhia de Seguros Império, E.P., com sede em Lisboa, e executada Maria Adelaide Seabra Gonçalves, residente na Rua José Guilherme de Oliveira 10 — Santo Amaro de Oeiras, e actualmente em parte incerta, e nestes autos correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, posterior ao dos editos, deduzirem os seus direitos na execução acima indicada.

Oeiras, 24 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)
A Escriutária
(assinatura ilegível)

D.L. 10/3/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE RIO MAIOR

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção deste Tribunal, na Execução Ordinária n.º 116/86, movida pelo exequente: BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, EP, com sede em Lisboa e filial em Coimbra na Rua João de Ruão — Edifício Amado, contra os executados: FRANCISCO JOSÉ DA SILVA MELO e mulher MARIA JULIA SOARES FERREIRA MELO, ele comerciante e ela doméstica, residentes em parte incerta, com última residência conhecida em Algueiros — Cadaval, desta comarca, correm editos de TRINTA DIAS contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando aqueles executados, para, no prazo de DEZ DIAS, posterior ao dos editos, deduzirem oposição, pagarem o capital em dívida de ESC.º 3 123 183\$60 e juros vencidos, além de custas e procuradoria condigna; ou nomearem bens à penhora, sob pena de se devolver ao exequente esse mesmo direito.

Rio Maior, 4 de Março de 1987

O Juiz de Direito,
a) João Manuel Crespo de Goes
Pinheiro

O Escrivão de Direito,
a) Adélio Viana Maranhão

«DL» 10/3/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução sumária n.º 11.536, 3.ª Secção.
Exequentes — ALMIAT — Com. e Rep. de Utilidades Domésticas, Lda.
Executado — Maria Armanda Cazzella, residente na Torre A, Corpo A, 12.º — Dt.º, Miraflores-Algés.

Lisboa, 18 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)
O Escrivão de Direito
(assinatura ilegível)

D.L. 10/3/87 — 1.ª Pub.

ALHANDRA TERRENO

Vende-se barato. Autorizado à construção.
Contacte tel. 982 67 46

Provável reunião ainda este mês

PORTUGAL E ESPANHA PREPARAM-SE PARA ACCIONAR ACORDO DO GUADIANA

Está prevista para este mês uma reunião luso-espanhola com o objectivo de desbloquear o litígio entre os dois países sobre o acordo de pesca do Guadiana, o qual está desde 1 de Março em vigor para Portugal mas que a Espanha contesta e de algum modo denunciou lateralmente a passada semana, ao contestar o defeso da apanha de bivalves entre 1 de Março e 31 de Maio.

Portugal encurtou para dois meses esse defeso de três, a pedido dos pescadores algarvios, mas nem mesmo assim os espanhóis querem ceder. No entanto, os negociadores do país vizinho sabem que não têm razão.

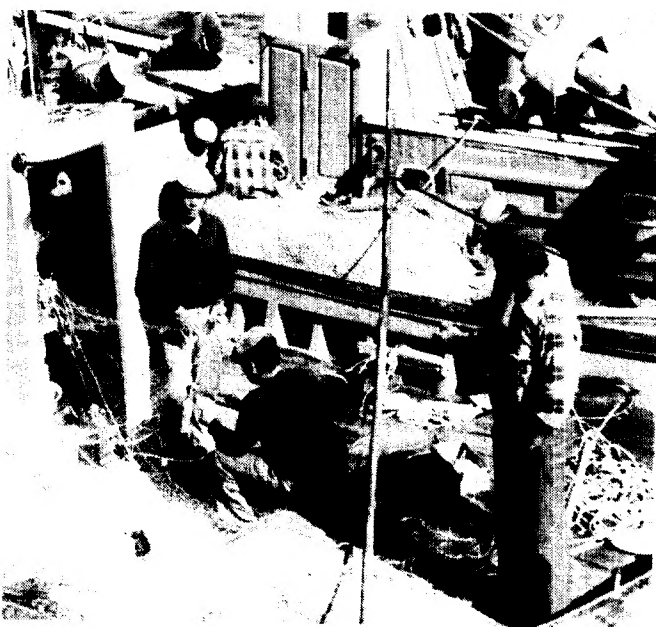
Seja como for, Portugal está disposto a negociar o desbloqueamento do impasse, indo ao encontro — aparentemente — das pretensões espanholas cujos representantes não estão satisfeitos com a «abertura» atrás referida: redução de três para dois meses do período de defeso. Daí que o ministro da Agricultura, Florestas e Alimentação tenha afirmado ao «Jornal do Comércio» estar projectado um encontro de delegações dos dois países, mas não haja, para já, adiantado os termos concretos nem a matéria agendada para essa reunião.

O Acordo Fronteiriço do Guadiana estabelece que a pesca do arrasto-longueirão será exercida por catorze barcos espanhóis em águas portuguesas e que a parte contrária se compromete a conceder dezasseis licenças a outros tan-

tos barcos portugueses em águas espanholas. Nenhum deles, que saibamos, foi autorizado pelas autoridades espanholas a fainar nas suas águas.

Diz ainda que serão concedidas sete licenças em águas espanholas para barcos portugueses e que o nosso país livrará dez licenças para que outros tantos barcos espanhóis de arrasto operem nas nossas águas na apanha de conchilha. Estipula este ponto que esses barcos tenham motor fixo interior de potência unitária não superior a 60 CV (cavalos).

O acordo fronteiriço do Guadiana, válido até 31 de Dezembro de 1995, poderá ser modificado por acordo das duas partes, a pedido de qualquer delas. O Acordo Fronteiriço do Guadiana, segundo os termos da acta da reunião de 11 e 12 de Dezembro, em Sevilha, não impõe qualquer restrição quanto à convocação de um encontro nesse sentido. É porventura ao abrigo dessa omissão que a Espanha está já disposta a um encontro com Portugal a nível ainda por determinar: ao nível de director-geral ou de secretário de Esta-



do das Pescas. É muito provável que seja a este último, uma vez que foram Eurico Monteiro (director-geral das Pescas de Portugal) e Milar Doñoro (directora das Pescas de Espanha) que assinaram o acordo de 12 de Dezembro em Sevilha.

Entretanto, Álvaro Barreto reafirmou em Lisboa que o defeso para a pesca da arte da ganchorra estava previsto no acordo luso-espanhol sobre pesca no rio Guadiana, acrescentando que as autoridades portuguesas consideram «inaçeptável a posição de última hora de Madrid» ao denunciar unilateralmente o acordo nas

vésperas de ele entrar em vigor.

O ministro salienta que este caso «de modo nenhum» ameaça a cordialidade das relações luso-espanholas. Sobre a experiência da integração na CEE na área do seu Ministério, Álvaro Barreto admite que os períodos de transição para adaptação da agricultura portuguesa à vida comunitária poderão não ser suficientes, argumentando que «o contexto actual da evolução da política agrícola comum é diferente» da que existia quando da negociação do tratado de adesão.

No domínio das pescas

PORTUGAL QUER COOPERAR MAIS COM A GUINÉ-BISSAU

Portugal revelou ontem em Bissau a sua disponibilidade e vontade de aumentar a cooperação com a Guiné-Bissau no domínio das pescas. O anúncio foi feito pelo secretário de Estado das Pescas, Jorge Godinho, na cerimónia de inauguração do novo edifício da Secretaria de Estado das Pescas da Guiné-Bissau, construído ao abrigo do acordo de cooperação assinado em 1977 entre os dois países.

Portugal, disse Jorge Godinho, pode apoiar a Guiné-Bissau na consecução dos objectivos por ela definidos para o sector pesqueiro, tais como a formação, a investigação científica, abastecimento local e a criação de infra-estruturas.

«Quero reiterar — acrescentou Jorge Godinho — a disponibilidade do meu país e da minha Secretaria de Estado para ampliar a formação de marinheiros-pescadores, estendendo-se à formação de mestres-pescadores, que jugo ser uma via útil para o aprofundamento da profissionalização da pesca e consequente incremento da sua produtividade».

Jorge Godinho frisou que a geminação do Instituto de Biologia Pesqueira da Guiné-Bissau com o Instituto Nacional de Investigação das Pescas (INIP) contribuirá para um melhor conhecimento dos recursos disponíveis e à definição das melhores regras para a sua adequada gestão.

O secretário de Estado português das Pescas disse ainda que o acordo entre a Comunidade Europeia e a Guiné-Bissau, em vigor desde Junho de 1986, pode dar um novo impulso «às nossas aspirações comuns, na medida em que coloca à nossa disposição novos instrumentos e mais amplos meios de actuação».

Referindo-se a acções concretas, Jorge Godinho manifestou a disponibilidade de Portugal na área do desenvolvimento de uma fase industrial, projecto de pesca artesanal da ilha de Bubaquem, no arquipélago dos Bijagós, e colocação à disposição das autoridades guineenses, por intermédio da Associação de Armadores de Pesca Industrial, de uma embarcação de pesca de médio

porte, equipada para a pesca a maiores profundidades e dirigida a espécies de grande valor comercial.

Jorge Godinho revelou também que a Mútua de Pescadores de Arrasto de Portugal, decidiu proporcionar a formação completa de três mergulhadores, permitindo a resolução de avarias em embarcações de médio e grande porte, nas suas partes submersas.

O secretário de Estado das Pescas anunciou a oferta do Governo português ao povo da Guiné-Bissau de 28 mil latas de conservas de peixe, no âmbito dos esforços que este país vem fazendo para a melhoria das condições alimentares da sua população.

Marcha para Lisboa durou vários horas

REFORMA AGRÁRIA MANIFESTA-SE EM LISBOA

«**H**Á dez anos que sucessivos governos nos roubam as terras, os gados, as máquinas, as instalações, impedem-nos de semear e produzir o pão de que o País precisa» — afirmam as diversas estruturas da Reforma Agrária cujos representantes se encontraram, esta manhã, com os jornalistas na Estrada Nacional n.º 10, no Infantado, concelho de Coruche, aos quais expuseram as razões da marcha da Reforma Agrária para Lisboa.

Foi na área do Infantado que se juntaram as três colunas de trabalhadores das unidades cooperativas do Alentejo e do Ribatejo que integram a marcha da Reforma Agrária que vieram a Lisboa protestar, junto da Assembleia da República, contra aquilo que os dirigentes das UCP/Unidades Colectivas de Produção e dos Secretariados Agrícolas da RA consideram como ofensiva desencadeada por sucessivos governos de direita que se têm empenhado em espoliar a terra e bens dos cooperantes em proveito de uma minoria de latifundiários e seus protegidos.

Mais de 750 mil hectares de terra foram retirados à Reforma Agrária e entregues aos agrários, mais de 230 Unidades Colectivas de Produção Agrícola foram destruídas, mais de 50 mil postos de trabalho foram liquidados, milhares de trabalhadores foram espantados, centenas deles julgados e dois assassinados. Isto em troca de quê — denunciam e questionam as estruturas representativas dos trabalhadores da Reforma Agrária.

Os promotores da marcha da Reforma Agrária dizem que em troca lhes foi oferecido miséria, desemprego. Estão hoje abandonadas, ainda segundo eles, mais de meio milhão de herdades, com uma área superior aos 300 mil

hectares, muitas delas localizadas em aldeias e vilas a braços com desemprego, «às quais volta a fome e a emigração», dizem.

De acordo com a exposição assim feita, tal situação justificaria só por si a suspensão imediata da entrega de terras. «Mas o Governo — acusam os Sindicatos Agrícolas — continua a desrespeitar a lei que há oito anos estipulou o prazo para a marcação de reservas».

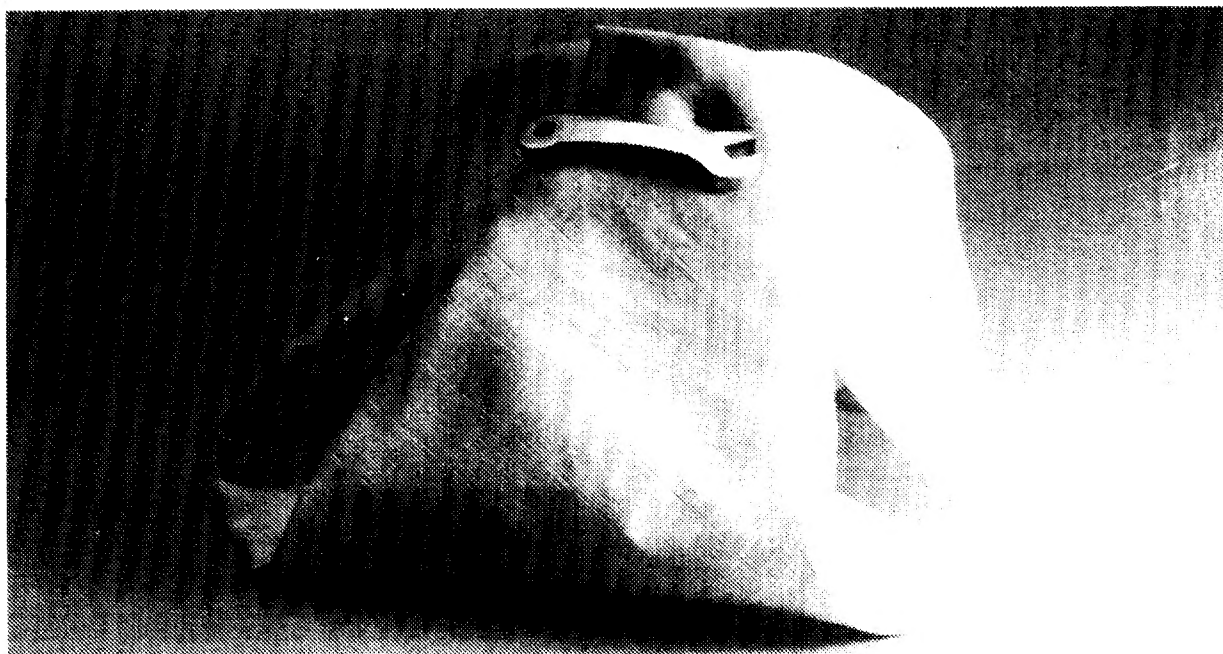
A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores da Indústria Química e Farmacêutica apoia a luta dos trabalhadores da Reforma Agrária, que «se enlaça muito profundamente — diz — com a dos outros ramos de actividade e porque, ao pretender atingir esses direitos, o Governo pretende atingir também a de outros trabalhadores». A Comissão Executiva do Conselho Nacional da FSTIQF manifesta, por isso, a sua «solidariedade activa e militante» aos trabalhadores da Reforma Agrária, apelando a todos os trabalhadores do sector que participem na manifestação.

Organizada pelos Secretariados e Unões das UCP's / Cooperativas Agrícolas e dos Sindicatos dos Trabalhadores da Agricultura dos Distritos de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal, a marcha da Reforma Agrária para Lisboa tem ainda o apoio, entre outros, do Sindicato

dos Metalúrgicos do Porto e órgãos representativos, e do Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários do Sul, que manifestam a sua «total solidariedade na luta dos trabalhadores da RA contra as forças governamentais que pretendam ver destruída uma das mais belas conquistas de Abril».



Assistência, para nós é assim como tratar dum filho



Os concessionários NISSAN não têm dúvida do que representa para si a assistência do seu automóvel: para que ele nunca deixe de ser fiável e valorizado.

Porque tempo é dinheiro e segurança uma necessidade, dispõem os concessionários NISSAN de técnicos especializados e de ferramentas próprias, que asseguram a manutenção do seu automóvel em tempos mínimos.

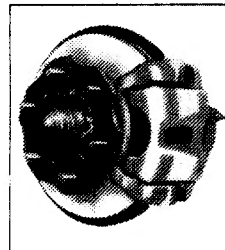
Porque zelo é o seu lema e porque a boa assistência só é assegurada com a peça genuína certa no tempo certo, possuem os concessionários NISSAN stocks permanentes de peças genuínas, agora garantidas por um ano e

que mantém o seu automóvel sempre novo. E eles sabem ainda que a NISSAN, ao instalar na Holanda um armazém central de sobressalentes, pode colocar qualquer peça, em qualquer país da Europa, em 24 horas.

Venha, pois, beneficiar do nosso grande sentido de responsabilidade e das condições especiais

que em Março e Abril os concessionários NISSAN lhe oferecem em qualquer das suas 100 oficinas.

Para os concessionários NISSAN nada é mais importante do que o seu NISSAN!



Para a Nissan o Japão agora é na Europa.

E ENTREPOSTO COMERCIAL
veículos e máquinas sari
Praça José Queiros, 10 Olivas Sul, 1801 LISBOA CODEX
CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

A perfeição tecnológica

NISSAN

TERÇA-FEIRA, 10 DE MARÇO DE 1987

Diário de Lisboa

7



Julgamento foi adiado "sine die" em Santa Clara

DEFESA NO "PROCESSO DOS COMANDOS" APELA À ATENÇÃO DO TRIBUNAL EUROPEU

Manuel Geraldo

A repetição do julgamento dos dezanove ex-militares do Regimento de Comandos da Amadora, iniciada em 12 de Janeiro deste ano, ameaça transformar-se num escândalo jurídico, com repercussões internacionais, face à atenção com que a evolução do polémico processo, a instâncias da defesa, está a ser seguida pelo Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, organismo que deverá estar representado em Santa Clara à data da leitura do acórdão.

Recorde-se que os arguidos (eram vinte antes da morte por ataque cardíaco do primeiro-sargento de Cavalaria Armando Branca, em meados de Outubro do ano passado) são acusados de, em 30 de Julho de 1975, terem procurado afastar o coronel Jaime Neves da liderança da unidade, substituindo-o pelo coronel Leal de Almeida. Julgados de 4 de Março a 7 de Julho de 1975, foram todos absolvidos com base na Lei da Amnistia. Todavia, num posicionamento controverso, face à jurisprudência de uma País democrático, o comandante da Região Militar de Lisboa, general Ricardo Durão, ordenou ao promotor de Justiça do 2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa (2.º TMT), coronel Nuno Vilares Cepeda, a interposição de recurso para o Supremo Tribunal Militar (STM).

Em 23 de Janeiro de 1986, no auge das eleições para a Presidência da República, com a «vaga de direita» liderada por Freitas do Amaral, e no meio do mais comprometido dos silêncios, o STM determinou a anulação do julgamento, com base em alegadas contradições e obscuridades no acórdão do 2.º TMT, tornando-se notada a declaração de voto contrária do próprio juiz-presidente, general Oliveira Rodrigues, e do juiz-auditor, dr. Mai Gonçalves.



Os drs. Jerónimo Martins e Loffe Barreto, dois dos advogados de defesa

Indisponibilidade do juiz-auditor

A repetição do julgamento iniciada em 12 de Janeiro deste ano foi desde logo marcada por um facto pouco comum nos tribunais castrenses; a substituição de todos os juizes militares, incluindo o juiz-presidente, coronel Clodomiro Alvarenga, e o promotor de Justiça, coronel Cepeda. Como sobrevivente apenas o juiz-auditor, dr. Cidarte, significativamente o único civil, e o único com formação jurídica de base no colectivo que absolveu os vinte réus.

Pois duas sessões decorridas e eis que, na tarde de 2 de Fevereiro, o 2.º TMT decidiu adiar o julgamento, precisamente na sessão em que estava marcada a audição de Jaime Neves.

Estamos neste momento em meados de Março e o pleito continua suspenso por alegada indisponibilidade do juiz-auditor. «Por doença?», foi a questão que colocámos aos serviços burocráticos do Tribunal. «Poderá ser uma das causas», foi a resposta, lacónica e algo enigmática, que obtivemos.

Só que para a defesa e ao que nos foi dado auscultar, «trata-se de uma situação chocante, tanto mais injustificável quando o processo já se arrasta há doze anos, com réus sujeitos a penas de prisão».

«Situação chocante» para a jurisprudência portuguesa sobretudo se pensarmos, tal como refere a defesa, que nos países da Comunidade Económica Europeia, onde Portugal se integra, é de cinco anos o prazo máximo que medeia entre a ocorrência e o final do julgamento. Residirá nesta «situação chocante», com a qual não desejará ser conivente, a indisponibilidade do dr. Cidarte? Nos bastidores de Santa Clara já há muito quem cmece a pensar assim!...

Levaram par de binóculos "esquecendo-se" de 440 contos

Dois indivíduos armados assaltaram, na noite de anteontem, o posto de gasolina da GALP, em Santo Amaro de Oeiras, mas levaram apenas um par de binóculos que estava numa gaveta, não conseguindo localizar os 400 contos que estavam numa outra gaveta e os 40 contos que se encontravam depositados num cofre.

Belarmino de "coração novo" comemorou 43 anos no hospital

Belarmino da Silva, o paciente que, no mês passado, foi submetido no Hospital de S. João ao primeiro transplante cardíaco realizado no Porto, festejou ontem o su 43.º aniversário «com boa disposição», segundo revelou o médico que o operou.

O dr. Queirós Machado afirmou que o seu doente «passa grande parte do tempo a ler jornais e a ver televisão», tendo observado que não obstante já terem decorrido 20 dias sobre a operação, Belarmino «ainda não está livre de perigo, embora o seu estado continue a evoluir favoravelmente».

Consumidores de haxixe detidos no Barreiro

A PSP deteve no Barreiro seis indivíduos acusados de consumo de haxixe. São eles Paulo da Silva, de 21 anos, solteiro, desempregado, José Duarte, de 20, Paulo Vera, de 19, solteiro, ajudante de serralheiro, Joaquim Serrão, de 20, sem profissão, Diamantino Nunes, de 28, operário químico, e Luís Onofre, de 27. As detenções foram efectuadas em várias artérias daquela cidade e na Escola Secundária de Santo André. Presentes ao juiz de Instrução Criminal da comarca, ficaram a aguardar julgamento em liberdade, com excepção de Luís Onofre, que tinha em seu poder oito quilos de doga e que recolheu à cadeia do Montijo.

Para "um navio de registo estrangeiro"

"Gretl" transborda armas ao largo de Gibraltar

O cargueiro alemão-federal «Gretl», proibido pelo governo de Bona de entregar no Irão uma carga de munições recebida em Setúbal, está a ser descarregado ao largo de Gibraltar, disse um porta-voz governamental.

Em conferência de Imprensa, Friedhelm Ost, principal porta-voz do governo de Bona, disse que 145 toneladas da carga de 1400 toneladas já foram transferidas do «Gretl» para um navio de registo estrangeiro ancorado ao seu lado.

A operação começou no sábado e deverá ficar concluída na quinta ou sexta-feira se o tempo for favorável, acrescentou Ost, que disse não ter pormenores sobre a origem ou destino do

segundo navio.

Bona ordenou no mês passado ao «Gretl» para colocar a carga em qualquer porto mediterrânico adequado pertencente a um Estado da Comunidade Europeia, depois de ter sabido que o cargueiro se dirigia para o Irão com uma carga de granadas de morteiro portuguesas, em violação de uma lei alemã-federal que proíbe a exportação de armamentos para áreas de tensão.

Portugal rejeitou tentativa de regresso do cargueiro, que, aparentemente, não conseguiu obter autorização para atracar em nenhum outro país.

Fontes governamentais disseram que a decisão do transbordo da carga no mar era da responsa-

bilidade exclusiva da Companhia Juergen Stahmer, de Hamburgo, proprietária do cargueiro de 4300 toneladas.

Acrescentaram que o governo de Bona não era parceiro no negócio de munições entre Lisboa e Teerão, e que a sua única preocupação era de que nenhum navio alemão-federal deve transportar material militar sem uma licença alemã-federal, o que o «Gretl» não possuía.

O cargueiro recebeu as munições para o Irão no porto de Setúbal em 8 de Fevereiro, cumprindo os preceitos da legislação portuguesa, que permite vendas de armas para Estados do Golfo Pérsico.

Chama-se Guiomar e trabalha num supermercado

Totoloto de 71 542 contos "obrigou-o" a sair do anonimato

Já se encontra identificado o apostador anónimo que acertou «em exclusivo» na «chave» do Totoloto de sábado passado pelo que irá receber 71 542 contos. Trata-se de José João Guiomar, residente no Barreiro e funcionário no supermercado «Pão de Açúcar», no Lavradio, onde ainda ontem compareceu de manhã para dar a boa nova aos seus companheiros de trabalho.

Em seguida abandonou as instalações, avisando desde logo para que não o procurassem em casa, dizendo que ia «festejar rijamente» o prémio que ganhou.

José Guiomar jogou com sete apostas, tendo gasto apenas 105 escudos para arrecadar o terceiro maior prémio individual na história ainda curta do Totoloto.

Mário
Castrim



Postal para Zília

*Recortaram-te os dedos
vidros
medos
tu a andar sobre o gume
iluminada fonte
a inventar um perfume
um horizonte
a esperança da maré
e um sorriso, até,
até os gestos suaves
amorosas cautelas
que só têm as estrelas
e as aves.*

Postal para Catarina

*Para mim
entre clarões e laços
nada peço.*

*No corredor, enfim,
oiço os teus passos.
Adormeço
para os sonhos que vençam
o dia que aí vem.
Deita-me a tua benção
mãe.*

Postal para uma velha militante

*Velha
doente
o teu olhar espelha
a manhã nascente.
Envelheceste
sem compromisso.
Tu nem deste
por isso...*

*De ti a voz
em colectivo salta
e quando dizes nós
falas da malta.
Pois tens razão
então:
só envelhece
quem o merece.*

Postal para Eva

*Tudo era treva
antes de seres, Eva.
A luz aconteceu
ao mesmo tempo, entre
o espaço e o teu
ventre.*

*Deus não premeditava.
Mas o que é que se esperava
contigo em miolo
e o Adão nu?
Deus era tolo.
Sábias eras tu.
Ó bendita
cereja
do arado
maternal
quando é que a Igreja
te reabilita
do pecado
original?*

*Esta é a verdade:
a vida dos mortais
após maçã
nunca mais foi vã
(passe a publicidade)*

Postal para a avó Ana

*Se eu olho para trás
(a infância, a paisagem)
é a tua imagem
que em mim se faz.
As sombras tinham
o medo e o alarme
teus braços vinham
embalar-me.
Quando agora acabar
o baile
e eu ficar só
anda-me apertar
outra vez no teu xaile
avó.*

A R T I G O D E F U N D O

ABÍLIO CURTO ACUSA O PSD DE MANOBRAS PARA GANHAR CINCO CÂMARAS AO PS

Alegando falta de condições para desenvolver um trabalho de colaboração, os três vereadores do PSD demitiram-se dos pelouros que detinham na Câmara Municipal da Guarda, permanecendo, no entanto, no executivo municipal. Para o presidente da edilidade, o que está em causa é uma estratégia política nacional dos sociais-democratas que pretendem ganhar algumas Câmaras actualmente dirigidas por socialistas.

«A Guarda é um dos cinco Municípios que a nível nacional o PSD pretende ganhar em próximas eleições autárquicas», declarou ontem o presidente da Câmara em conferência de Imprensa, na qual comentou as demissões dos três eleitos sociais-democratas da Guarda.

Citando, segundo disse, «uma revelação feita por um ministro altamente responsável do actual Governo» Abílio Curto acrescentou que, além da Guarda, estão incluídos no referido grupo de Municípios que o PSD pretende ganhar, as Câmaras

de Braga, Santarém, Portimão e Matosinhos.

«Esta é uma das prioridades do PSD, mesmo que para isso o Partido Social-Democrata tivesse de perder 15 das Câmaras mais pequenas», sublinhou Abílio Curto, revelando que no caso do Município da Guarda, a declinação dos vereadores sociais-democratas é uma forma de «lavar a cara da inactividade que manifestaram durante um ano».

No encontro com os jornalistas, o edil, que estava ladoado por três vereadores socialistas, acusou o Governo

Central de se estar a servir do património da cidade para fazer melhoramentos, «sem que a Câmara seja ouvida».

Como exemplo, Abílio Curto citou «a política de chantagem que está a ser feita pelo Ministério da Educação no respeitante à construção da Escola Preparatória da Guarda», recordando que a edificação deste estabelecimento escolar fora solicitada pela autarquia, tendo a secretária de Estado do pelouro, Marília Raimundo, dito que «não era prioritária», para «15 dias depois vir anunciar a sua criação oficial». O presidente da Câmara Municipal referiu ainda que o Município foi defraudado em 28 mil contos na aquisição de terrenos para implantação do Instituto Politécnico da Guarda, compra a que, segundo sublinhou, «a autarquia foi compelida sob chantagem».

De acordo com Abílio Curto, a demissão da vereação

social-democrata não inicia qualquer crise na autarquia, pois a Câmara continua a funcionar legal e democraticamente.

O presidente da edilidade revelou, por fim, que os pelouros declinados, e que englobavam a Assistência Social, os Cemitérios, a Arborização, os Jardins, a Qualidade de Vida e a Saúde, foram entregues aos vereadores Carlos Baía e António Saraiwa.

«Presidente não tem projectos para o futuro»

Para os vereadores sociais-democratas que abandonaram os seus pelouros, discordâncias com o presidente da edilidade estiveram na origem das denúncias dos seus cargos.

Carlos Andrade, Fonseca Carvalho e Erlander Galhano afirmaram que «o presidente da Câmara e a maioria PS terão forçosamente de reconhecer que não fizeram nada e

não têm projectos para o futuro».

«A cidade continua a crescer de modo linear e desordenado, infraestruturas básicas para a população continuam a não constar nos planos da Câmara, e a maior parte dos esgotos da cidade continuam a sair a céu aberto», revelaram os vereadores do PSD. Aqueles eleitos referiram ainda que o Plano Director Municipal se mantém «num conveniente, para alguns, estado de não aplicação, chegando-se ao absurdo de a própria maioria não reconhecer a necessidade da sua aplicabilidade».

Consideram também não existir qualquer incentivo ao aparecimento de estruturas hoteleiras, não haver dinâmica camarária ao turismo de habitação, nos espaços verdes e zonas de lazer. Os vereadores sociais-democratas denunciaram o desaproveitamento turístico do centro histórico que, em sua opi-

ção, se encontra cada vez mais adulterado.

Neste ponto, as críticas acusam a gestão de Abílio Curto de ser exercida «do ponto de vista dos fins, numa mera actividade de gestão corrente, num navegar à vista, sem vislumbrar qualquer objectivo a atingir». «A sua acção é imbuída de um secretismo absurdo, numa sociedade que se quer livre, aberta e participativa», refere o documento apresentado pelos eleitos do PSD.

No texto, Abílio Curto é ainda acusado de «utilizando a maioria, impedir a divulgação das actas das sessões da Câmara Municipal aos partidos políticos e até aos próprios vereadores». A forma como a Câmara é dirigida, sublinharam Carlos Andrade, Fonseca Carvalho e Erlander Galhano, «é desproporcionalmente centralizada, em tom agressivo e grosseiro, mesmo em relação aos restantes vereadores».

Sindicato congratula-se com decisão

Câmara de Lisboa criou subsídio de insalubridade

Na reunião de ontem, o executivo da Câmara Municipal de Lisboa aprovou a criação de um subsídio de insalubridade a atribuir ao pessoal envolvido nas tarefas da limpeza urbana, medida que, de acordo com um dirigente sindical, vem de encontro às reivindicações dos trabalhadores que, recorda-se, fizeram uma greve para obter melhores condições de trabalho.

«Era o resultado por nós esperado», revelou esta manhã ao «DL» um dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa. Ressaltando uma posição definitiva depois de um completo conhecimento da decisão camarária, Rui Nunes sublinhou que, em princípio, o que foi aprovado «vem de encontro ao que sempre lutámos». «Se for isso», concluiu, «congratula-mo-nos com a decisão do executivo camarário».

A proposta ontem aprovada visa a criação de um subsídio de insalubridade e penosidade, em substituição do chamado «Prémio do Lixo», a atribuir aos trabalhadores do Município envolvidos nas diferentes tarefas da limpeza urbana, com valores que oscilam entre os 302 e os 396 escudos por dia.

De acordo com os serviços de Imprensa do Município, «este subsídio varia em função da insalubridade e penosidade das tarefas a executar, não sendo atribuído por categorias profissionais, mas sim como compensação das tarefas efectivamente realizadas», e será atribuído retroa-

tivamente desde a data em que entrou em vigor a Lei da uniformização das prestações por horas extraordinárias e nocturnas para a Função Pública.

No primeiro escalão, a que é atribuído um subsídio de 396 escudos diários, estão contempladas, entre outras, as tarefas de limpeza mecânica, lavagem de ruas, levantamento de montureiras, limpeza de colectores, entre outras, sendo igualmente atribuído aos calceteiros e cozeiros dos cemitérios municipais.

O segundo escalão, a que corresponde um subsídio de 372 escudos por dia, contempla nomeadamente, as tarefas de condução de veículos especiais na limpeza urbana, de tratadores e apanhadores de animais e limpeza de paleleiras.

Por fim, o último escalão, com um subsídio de 302 escudos diários, abarca o exercício das funções de capataz na limpeza urbana e de colectores.

Lavandarias e refeições para bairros municipais

Por unanimidade, a Câmara

decidiu autorizar a aplicação de disponibilidades de tesouraria do Município em financiamentos de curto prazo à EPUL, possibilitando, deste modo, a redução dos custos de financiamento em cerca de 25 por cento.

Com o mesmo sentido de voto, o executivo camarário deliberou autorizar a abertura do concurso público para os fardamentos e equipamento diverso para o pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros, aprovando também a criação de um grupo de trabalho para, no prazo de dois meses, proceder à análise do regulamento de disciplina militar a que aquele Batalhão está sujeito, com vista a adequá-lo aos actuais princípios constitucionais e ao regulamento das Forças Armadas.

Por outro lado, a Câmara de Lisboa aprovou uma proposta no sentido de promover o estudo de instalação de lavandarias piloto do tipo «self-service» em bairros municipais criteriosamente escolhidos tendo em conta as suas características sociológicas, desenvolvendo simultaneamente uma campanha publicitária formativa para a sua utilização ser partilhada por homens e mulheres.

Do mesmo modo, o Município estudará a possibilidade de alguns refeitórios municipais fornecerem refeições confeccionadas para abastecimento local das populações, designadamente idosos e mulheres.

Sr. Empresário:

DÊ Juventude

À SUA EMPRESA

E GANHE COM ISSO!



Hélder Costa recebendo a medalha das mãos do dr. João Lencastre na presença do dr. Botto e Carmo, director das Relações Públicas da TAP

Funcionários da TAP em destaque

Hélder Blanco da Costa recebeu em Lisboa, do presidente do Conselho de Gerência da TAP, dr. João de Lencastre, a medalha comemorativa dos 30 anos de serviço na empresa. Admitido na TAP Air Portugal, em 1957, nos Serviços de Operações no Aeroporto de Lisboa, foi chefe dos Serviços TAP no aeroporto de Nova Iorque entre 1970 e 75. Actualmente delegado da TAP Air Portugal, em Joanesburgo — África do Sul — desde 1983, foi ainda delegado em Bruxelas (1975/79) e no Funchal (1979/83).

Entretanto, outro funcionário da Transportadora Aérea, José Pedrosa Morais, delegado da TAP no Funchal, foi louvado publicamente pelo Governo da Região Autónoma da Madeira, na altura em que terminou as suas funções na Madeira (Fevereiro deste ano).

Refere aquele louvor que o delegado da TAP Air Portugal estabeleceu uma articulação perfeita com o Governo da Madeira, contribuindo decisivamente para uma melhoria de serviços e, sobretudo, considerou sempre a observância e o respeito pelos interesses da população madeirense.

No sentido de poder contribuir para o fortalecimento dos laços de bom entendimento entre o Governo Regional da Madeira e a TAP Air Portugal, foi nomeado delegado naquele território, José Domingues, T. M. Varela, funcionário da empresa desde 1963, com larga experiência no campo do turismo e do transporte aéreo.

B.F.N.

O Banco de Fomento Nacional, dando continuidade às acções de apoio à promoção de produtos portugueses no mercado espanhol, esteve presente na Feira Têxtil-Hogar efectuada em Valência.

A representação nacional, a maior das estrangeiras presentes, integrava vinte e uma empresas do sector de têxteis para o lar (incluindo duas de bordados da Madeira) e foi organizada pelo Instituto do Comércio Externo.

Air Atlantis

A Companhia Charter portuguesa Air Atlantis fechou contrato com a congénere francesa, Point-Air, para efectuar alguns voos servindo Marselha, Ouagadougou, na República do Alto Volta e Bangui na República Centro Africana, continuando a Air Atlantis em negociação para voos envolvendo outros destinos em África. As operações realizam-se em Boeing 707, com capacidade para 189 passageiros, e em regime de subcharter para a companhia francesa. A Air Atlantis alarga assim a sua actividade a destinos africanos, e procura rentabilizar a sua frota durante a época baixa do turismo.

Moda desportiva invade Lisboa

É um facto: a moda desportiva toma conta das preferências da nossa juventude. Caso específico acontece agora com a «Levis», que veio morar no Center do Rossio (Praça D. Pedro IV, 4 e 5, Lisboa) pela mão de Miguel Ribeiro, em instalações decoradas por Graça Viterbo que a Imprensa visitou numa promoção do repórter fotográfico Abel Dias. Depois, teve lugar um jantar no restaurante «O Pagem» onde, ao ritmo do Far-West, se falou de desporto, com os jornalistas em diálogo com figuras populares do nosso «sport».



Ao som da música «country», na voz de Rodrigo d'Orey e Pedro Seabra, confraternizou-se no «Levi's Center»

União Portuguesa de Arte em Porcelana

Foi constituída em Lisboa, a União Portuguesa da Arte em Porcelana, que é liderada pela pintora Lourdes Abraços, que desde há vários anos divide a sua acitividade entre Portugal e o Brasil.

A direcção da associação estabeleceu já o programa de actividades para o ano corrente, de que se destaca a realização de uma Exposição Nacional em Lisboa, no mês de Junho e uma Exposição Internacional em Dezembro, também em Lisboa.

Com esta associação esperam os artistas que trabalham em porcelana contribuir de forma decisiva para a divulgação e engrandecimento da cultura em geral e da sua arte em particular.

Iberia

A Ibéria transformou a sua frota de DC 9, reduzindo para 105 o número de lugares neste tipo de avião. Esta alteração, que visa proporcionar maior conforto aos passageiros, foi completada em meados de Janeiro.

Moda no Bla-Z

No «Bla-Z» (Centro Comercial Libersil, Loja 1, Avenida da Liberdade, 38) festa rija oferecida por Maria Olímpia, proprietária do salão unissex onde elas e eles procuram os penteados mais correctos para este tempo. Os profissionais São, Nuno e Jú apresentaram, para a Comunicação Social, modelos para a Primavera. Depois, foi a moda, pela mão de Augustus: destaque para Ariane num modelo inspirado no filme «África Minha», Anett (mesmo estilo), Patrícia (destacando as cores preto e branco), Ana Wilson, linha muito, «sexy» e Nely (também «up-to-date»).



FACULDADES DE LETRAS EM GREVE ROTATIVA

O alunos da Faculdade de Letras de Lisboa efectuam hoje um dia de greve, que se insere num movimento grevista rotativo de todos os estabelecimentos congêneres do país.

Quarta-feira, a greve é na Faculdade de Letras de Coimbra e na da Universidade Nova de Lisboa e, quinta-feira, na do Porto.

Vitor Gonçalves, da coordenadora de luta da Faculdade de Letras de Lisboa, disse à agência Lusa que todos os os estabelecimentos superiores de Letras, envolvidos num processo conjunto de luta desde Janeiro, paralisarão na sexta-feira e, às 15 horas desse dia, concentrar-se-ão em Lisboa, em frente do Ministério da Educação.

«Nesta concentração, parti-

ciparão ainda estudantes universitários do interior do País, bem como alunos do ensino secundário», informou.

Entretanto, na segunda-feira, no Porto, uma reunião geral de alunos da Faculdade de Letras daquela cidade decidiu convocar para quinta-feira uma concentração junto da Delegação Regional do Ministério da Educação.

Vitor Gonçalves referiu que as formas de luta decretadas pelos estudantes universitários de Letras visam pressionar o ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, a ratificar um acordo rubricado há cerca de um mês entre uma comissão paritária de estudantes e membros dos Conselhos Científicos das Faculdades.

«Desejamos essencialmente — afirmou — que o ministro

aceite, por escrito e perante nós, que não haja «numerus clausus» nos dois anos extracurriculares de formação profissional no final da licenciatura e que sejam determinadas com clareza e precisão as saídas profissionais, que actualmente não existem».

Os alunos da Faculdade de Letras de Lisboa decidiram ontem em reunião geral afastar das instalações da Associação de Estudantes os dirigentes cuja eleição foi impugnada por suspeita de fraude.

Vitor Gonçalves, da Coordenadora de Luta da Faculdade de Letras de Lisboa, afirmou à Lusa que «a ocupação foi pacífica, não houve resistência alguma», acrescentando que uma comissão eleita em RGA «está a inventariar os documentos e objectos que se encontram nas salas».

Com carácter vinculativo

Conselho de Comunicação Social recomenda à RTP e RDP/Madeira respeito pelo pluralismo

Os Centros Regionais da Madeira da RTP e RDP devem respeitar os princípios constitucionais de pluralismo ideológico e de livre expressão e confronto de opiniões — esta a recomendação do Conselho de Comunicação Social (CCS) na sua última reunião.

Difundida em comunicado assinado pelo seu presidente, Artur Portela, a recomendação do CCS, de carácter vinculativo, decorre de queixas apresentadas por dois partidos políticos, PCP e PS, por alegadas recusas do direito de resposta.

A queixa do PS, apresentada no último Verão, reportava-se à recusa pela RDP/Madeira da transmissão de um comunicado da estrutura daquele Partido,

comunicado em que se respondia a uma nota oficiosa do Governo Regional. Apoiava a RDP/Madeira a sua atitude na consideração de que a nota oficiosa em causa constituía resposta à mesma força política, pelo que o que os socialistas pretendiam era «um direito de réplica que legalmente não se encontra previsto».

O protesto do PCP tinha igualmente a ver com uma recusa do direito de resposta ao Executivo Local, esta imputada à RTP da Região Autónoma, então dirigida por Virgínia de Aguiar, em Março de 1986.

Defendia Virgínia de Aguiar a improcedência do pedido, alegando que a nota oficiosa que lhe estava na origem não continha

«qualquer afirmação desprimosa ou susceptível de responsabilidade civil ou criminal», assim se socorrendo de uma lei que o CCS considerou não se aplicar ao caso.

Invocando o tempo já decorrido sobre estes acontecimentos, o CCS decidiu não recomendar a reposição dos direitos que considerava terem sido sonegados aos queixosos, mas sim tomar posição preventiva de «ocorrências semelhantes».

Assim, expôs o entendimento de que os Centros Regionais da Madeira da RTP e RDP devem «respeitar os princípios constitucionais de pluralismo ideológico e de livre expressão e confronto das diversas correntes de opinião».

Intercâmbio de estágios de estudantes de Medicina

Cento e oito estudantes portugueses de Medicina irão estagiar este ano em faculdades de várias partes do mundo — disse à agência Lusa, Rui Portugal, da Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Rui Portugal adiantou que 108 estudantes estrangeiros de Medicina estagiarão este ano em Portugal, ao abrigo de um acordo que será estabelecido durante uma reunião de representantes da Federação Internacional das Associações de Estudantes de Medicina, que se iniciará hoje nas instalações do INATEL em Oeiras.

Segundo aquele dirigente, os estudantes portugueses serão repartidos por faculdades de Espanha, França, Itália, Holanda, Alemanha Federal, Dinamarca, Suíça, Islândia, Noruega, Finlândia, Suécia, Áustria, Jugoslávia, Checoslováquia, Polónia, Hungria, Egipto, Sudão, Israel e possivelmente Moçambique.

«O acordo é de troca recíproca, por isso os estudantes estrangeiros provêm dos mesmos países», acrescentou.

Rui Portugal frisou que os estudantes pagam as suas viagens, sendo o alojamento oferecido

pelos hospitais escolares dos diferentes países, que igualmente se prontificam a ministrar o estágio num dos seus departamentos.

No encontro, que se prolongará até sexta-feira, os presentes analisarão o programa internacional de intercâmbio da citada federação para este ano, «deven-do ainda estudar o projecto electivo», que levata a possibilidade de os estudantes fazerem os seus exames de uma cadeira num outro país, sendo os resultados homologados depois pelo seu professor».

Trabalho infantil nos Açores é pontual

A Inspeção de Trabalho dos Açores sustentou ontem, apoiando-se num levantamento recentemente efectuado, que o trabalho infantil na Região Autónoma abrange «casos meramente pontuais, sem qualquer ressonância social».

O levantamento em que se baseia aquela inspecção revela que, em empresas de construção civil, serração de madeiras e carpintaria mecânica inspeccionadas nas ilhas de S. Miguel, Santa Maria, Terceira, Graciosa, Faial e Pico, entre 3046 trabalhadores 235 eram menores (com idades entre os 14 e 17 anos).

A Inspeção de Trabalho disse que os sectores inspeccionados, nomeadamente o da construção civil, constituem «tradicionalmente um campo fácil para o recrutamento de menores», daí que o levantamento seja considerado indicativo sobre o índice de trabalho infantil no arquipélago.

Portugal oferece plantas de café a Cabo Verde

Portugal vai oferecer a Cabo Verde 18 mil plantas de café com vista à multiplicação de uma variedade resistente às ferrugens das sementes, informou o professor Mendes Ferrão.

Mendes Ferrão, professor catedrático do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa, está em Cabo Verde no âmbito de uma acção apoiada pela Fundação Luso-Americana cujo principal objectivo é incrementar a co-ope-eração entre os dois países no domínio da investigação agrícola.

Essa cooperação, pela qual as autoridades da Cidade da Praia já manifestaram grande interesse, será feita entre o Instituto Cabo-Verdiano de Investigação Agrária (INIA), o Instituto Português de Investigação Científica e Técnica e ainda o Instituto de Cooperação Económica, também de Portugal.

O projecto será financiado em 15 mil contos portugueses pela Fundação Luso-Americana, à razão de três mil contos em cada um dos próximos cinco anos, devendo a cultura dos cafeeiros ser feita na ilha de Santiago.

As 18 mil plantas germinarão dos seis quilogramas de sementes especialmente preparadas pelo Centro de Investigação das Ferrugens do Café, em Portugal, onde estagiará durante um mês e a partir de 20 de Março, um técnico cabo-verdiano.

MOÇAMBIQUE RENEGOCIA DÍVIDA SEM INTERVENÇÃO DO FMI

MOCAMBIQUE poderá tornar-se no primeiro país africano a obter uma reprogramação oficial de dívidas, sem o acordo prévio, tipo «stand by», com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

A informação é do jornalista da IPS, Jonathan Friedland, que cita fontes financeiras em Washington.

Em vez desse acordo prévio, adianta o jornalista, é provável que o FMI e o Banco Mundial apliquem um programa conjunto

para controlar o progresso económico daquele país da África Austral, lançando as bases para o necessário refinanciamento de parte da sua dívida externa — 2800 milhões de dólares — e para a chegada de novos fundos de doadores.

Segundo alguns analistas em

Washington, este precedente poderia significar um enfraquecimento do sistema rígido que as nações industrializadas aplicam no seu tratamento da dívida externa africana que totaliza 65 mil milhões de dólares.

«No caso de Moçambique, queremos evitar as altas taxas de

juros e atrasos significativos», disse um funcionário altamente colocado do Departamento de Estado norte-americano.

«Para muitos países africanos, foi impossível enfrentar a rigidez dos programas de cancelamento de empréstimos «stand by», adianta.

No Banco de Fomento Nacional

A procura dobra a oferta dos títulos de participação

Os pedidos para subscrição dos 3 milhões de títulos de participação do Banco de Fomento Nacional ultrapassam o dobro do montante emitido — disse ontem uma fonte da instituição.

Os títulos estão a ser subscritos desde ontem. A mesma fonte sublinhou que o BFN está a privilegiar a efectiva subscrição dos títulos pelo público, em detrimento dos pedidos prévios de instituições ou de clientes do banco.

«O BFN recebeu até quinta-feira pedidos que ultrapassavam o dobro do montante de títulos emitidos, o que significava, em termos práticos, que a emissão estava esgotada antes do seu início», acrescentou.

«Para o BFN, todavia, o sucesso desta emissão não está na rapidez de colocação, mas na sua abertura ao público».

Os títulos podem ser sub-

critos até 8 de Abril nos balcões daquela instituição de crédito.

Até hoje, 60 por cento da emissão está reservada a subscrições até 500 contos e 10 por cento a funcionários do BFN.

A mesma fonte adiantou que o BFN vai emitir, ainda este ano, acções de outras entidades, dado o seu carácter de entidade emitente, e «eventualmente, obrigações de caixa ou clássicas», não se prevendo até ao final de 1987 mais emissões de títulos de participação.

Sobre os títulos de participação BFN/87, acrescentou que o banco vai solicitar às Bolsas de Valores de Lisboa e do Porto a cotação não oficial para as cautelas, depois de encerrado o período de subscrição, e para os títulos definitivos, após a sua entrega.

A entrega dos títulos definitivos far-se-á no período máxi-

mo de seis meses, a partir de 6 de Abril.

Os títulos agora emitidos têm um valor nominal de mil escudos cada e proporcionam uma remuneração fixa e outra variável.

A fixa resulta da aplicação de uma taxa de juro igual a 85 por cento da taxa de referência das obrigações sobre 3/4 do valor nominal dos títulos.

A remuneração variável incide sobre os restantes 25 por cento do valor nominal e é função da variação dos resultados do banco nos dois anos anteriores.

A remuneração dos títulos está isenta dos impostos de capitais, complementar e sobre sucessões e doações.

O reembolso pode ser pedido ao fim de 10 anos quer pelos participantes, quer pelo BFN com pré-aviso de 6 meses.

Seis casos de corrupção confirmados em cursos de formação profissional

O presidente do Instituto de Emprego e Formação Profissional disse ontem terem sido detetados seis casos de corrupção em empresas que ministram cursos de formação profissional.

Álvaro Martins acrescentou que «estão a decorrer auditorias e se forem provados os casos, os responsáveis serão punidos com a suspensão do acordo, o reembolso das verbas entregues a remessa do processo a Tribunal».

«Os montantes ascendem a alguns milhares de contos nas áreas dos serviços, artesanato e sector têxtil» — disse.

O presidente do Instituto de Emprego e Formação Profissional que ontem se deslocou ao Centro Integrado de Emprego e Formação Profissional de Setúbal anunciou que «até final do corrente ano será aberto o Centro Experimental de Criação de Empresas».

«Esse centro, que vai funcionar nas instalações do Centro de Emprego de Setúbal, dará possibilidades de instalação a 30 empresários que por sua vez poderão criar 150 postos de trabalho» — disse Álvaro Martins.

«A instalação, em espaços cedidos em troca de uma renda simbólica, visa incentivar a criação de empresas na região de Setúbal» — sublinhou.

Trinta empresários da região reuniram-se com o presidente do Instituto de Emprego e Formação Profissional que lhes solicitou colaboração com vista à colocação dos 75 alunos que estão a frequentar no Centro de Emprego de Setúbal cursos de electrónica geral, serralharia mecânica, escriturário-dactilógrafo, cabeleireiros e esteticistas.

EPAC dos Açores apela à Alta Autoridade

Os trabalhadores da EPAC recorreram à Alta Autoridade contra a Corrupção para esclarecimento das circunstâncias de adjudicação a uma empresa privada dos Açores da importação de cinco mil toneladas de milho.

Um porta-voz da subcomissão de trabalhadores da Empresa Pública de Abastecimento de Cereais,

em Ponta Delgada, disse ser «incompreensível» que a importação tenha sido atribuída a essa firma privada quando a EPAC apresentou uma proposta «mais vantajosa».

Referiu que o recuso dos trabalhadores da EPAC se seguiu à exigência, junto da Comissão do Mercado dos Cereais — entidade que fez a adjudicação — de revisão do resultado do concurso.

Mantém-se o pré-aviso de greves sectoriais na CP

A persistência em não desbloquear o conflito que opõe os trabalhadores ferroviários ao Governo e à gerência da CP, persistência essa atribuída, inteiramente, pelas organizações sindicais aquelas duas entidades, dá como praticamente inevitáveis as greves sectoriais na empresa mar-cadas para os dias 11, 12, 13 e 16 do corrente.

Segundo a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários, o Governo e a CP ainda não deram «o mais leve sinal de desejarem qualquer passo no sentido de evitar a agudização do conflito laboral», pelo que o pré-aviso de greve se mantém para ser aplicado em séries de meio período do trabalho diário nos diversos sectores da actividade dos caminhos de ferro.

Em causa estão a negociação do acordo de empresa e também as carreiras cujo novo regime foi aprovado no ano passado mas nunca foi cumprido, de acordo com os compromissos assumidos.

«Os trabalhadores ferroviários não desejam lançar a CP numa crise de consequências imprevisíveis-sublinha um comunicado da Federação dos Sindicatos-mas também não estão dispostos a aceitar a obstrução ao diálogo, que começa pela recusa de cumprir um acordo assinado em 25 de Abril de 1986 e se completa na tentativa de impor à maioria dos ferroviários uma espécie de acordo de empresa cozinhado com organizações sindicais minoritárias e afectas ao Governo».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53\$45	59\$45
ALEMANHA FED. (marco)	75\$80	77\$00
ÁUSTRIA (xelim)	10\$75	10\$95
BÉLGICA (franco)	3\$458	3\$708
BRASIL (cruzado)	3\$800	6\$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105\$10	107\$60
(notas de 5 a 1000)	105\$60	108\$10
DINAMARCA (coroa)	20\$15	20\$55
ESPAÑA (peseta)	1\$054	1\$174
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	140\$65	144\$15
(notas de 5 a 1000)	141\$15	144\$65
FINLÂNDIA (marka)	31\$00	31\$60
FRANÇA (franco)	22\$80	23\$50
HOLANDA (florim)	67\$15	68\$25
IRLÂNDIA (libra)	203\$85	207\$85
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$871	\$926
NORUEGA (coroa)	20\$20	20\$70
REINO UNIDO (libra)	224\$65	229\$15
SUÉCIA (coroa)	21\$75	22\$25
SUIÇA (franco)	89\$90	91\$40
VENEZUELA (bolívar)	5\$10	6\$10

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



A rainha Isabel II cumprimenta o arcebispo sul-africano Desmond Tutu, que se encontra na Grã-Bretanha. Esta manhã, a polícia da África do Sul ordenou a suspensão de uma edição do maior jornal diário do país, «Star», para impedir publicidade sobre um proposto «Dia Nacional dos Detidos».

Com a morte de 22 pessoas em Fevereiro atingidas pela Sida, subiu para 377 o número de casos fatais no Reino Unido, segundo o Ministério da Saúde Pública. Os dados publicados pelas autoridades inglesas indicam que as pessoas com mais possibilidades de contrair o síndrome de imunodeficiência adquirida (Sida) são os homossexuais e os bissexuais. A informação do Ministério britânico da Saúde Pública adianta que o número de pessoas atingidas pela doença, incluindo os mortos, é de 731 em todo o país. Entre os 640 homossexuais ou bissexuais, 317 já morreram. Na classe dos hemofílicos registaram-se 28 casos de Sida, tendo morrido 22. Em Janeiro o número de vítimas mortais da doença no Reino Unido foi de 62.



O líder xiita Nabi Berri recebeu as mulheres dos quatro professores raptados em foi ontem pelco de novos ataques no âmbito da chamada «guerra dos campos», com o palestinos e elementos da milícia xiita Amal.

Turquia acusada de genocídio

Parlamentares austríacos acusaram a Turquia de genocídio contra o povo curdo perante o Parlamento Europeu de Estrasburgo, informou o secretário geral do Partido Socialista Austríaco, Fritz Marsch. Marsch assegurou a uma comitiva de residentes curdos na Austria que o seu partido «não tolerará as aberrantes violações dos direitos humanos» cometidas pela Turquia, de acordo com uma declaração divulgada pelo serviço de imprensa do seu partido. O dirigente socialista condenou os ataques aéreos perpetrados na passada quarta-feira contra localidades curdas na parte turca e iraquiana do Curdistão, afirmando que «a Turquia, para fora, dá a imagem de uma país democrático, enquanto no interior trata de eliminar fisicamente toda uma população étnica». «A Turquia terá de mudar imediatamente, senão quiser cair de novo num total isolamento internacional», sublinhou Marsch, aludindo à situação existente há dois anos quando aquele país se encontrava suspenso em várias organizações europeias. O político austríaco denunciou também o programa do governo turco para a deslocação forçada da população curda das zonas montanhosas e a sua instalação ao longo do território turco, como práticas «que recordam o de tão má memória apartheid sul-africano». «A guetização de um milhão de curdos que se pretende explicar cinicamente com a necessidade de preservar o meio ambiente nas montanhas do Curdistão, visa, na realidade, fins militares», disse Marsch.

América Latina debatida em Viena

Delegados de 20 partidos latino-americanos filiados ou próximos da Internacional Socialista (IS) estão reunidos em Viena de Austria, para debaterem questões sobre a dívida externa, a democratização das relações entre a América Latina e a América Latina. O seminário, patrocinado pela academia política do Partido Socialista austríaco, pretende aprofundar o diálogo com a América Latina e apresentar o sistema político deste país neutral como um modelo gerador de conceitos democráticos, disse à agência IPS um porta-voz do PS austríaco. O encontro foi inaugurado domingo pelo ex-ministro dos Negócios Estrangeiros e actual presidente da Comissão Parlamentar para os Assuntos Exteriores, Peter Jankowitsch. Três grupos de trabalho aprofundarão durante a semana os temas da dívida externa latino-americana, o conflito centro-americano e as reivindicações democráticas dos partidos e movimentos políticos na América Latina. O compromisso directo da social-democracia austríaca para com os porcessos de democratização latino-americanos será discutido numa mesa redonda para a qual foram convidados como oradores o secretário internacional do Partido Democrático Trabalhista Brasileiro, Miguel Bodea, e o vice-presidente da Comissão Internacional do Partido Aprista peruano, Mauricio Mulder.

Trocas de tiros em Paris

Quatro pessoas, três homens e uma mulher, foram detidas ontem depois de um tiroteio com a polícia em frente da residência do adjunto do presidente da Câmara de Paris, confirmou um informador policial. Dois dos detidos ficaram feridos e um encontra-se em estado grave, precisou o porta-voz da polícia de Paris. As primeiras investigações não indicam a existência de eventuais relações entre os autores da agressão e o grupo de extrema esquerda «Acção Directa». Segundo a polícia francesa, que não revelou a identidade dos detidos, nenhum deles figura nas listas de supostos terroristas e só um possuía cadastro por pequenos delitos.

Não obstante oposição dos socialistas

PRESIDENTE COSSIGA PEDE A ANDREOTTI PARA FORMAR NOVO GOVERNO ITALIANO

O Presidente italiano, Francesco Cossiga, pediu ao político veterano democrata cristão Giulio Andreotti para tentar formar um novo Governo, após quase uma semana de consultas sobre como resolver a crise aberta pela demissão do Primeiro Ministro socialista Bettino Craxi. Andreotti reservou a sua resposta sobre a aceitação do mandato, o que é considerado procedimento normal até se aperceber da sua possibilidade de formar Governo, informaram fontes oficiais.

Cossiga fez recair a sua escolha em Giulio Andreotti, o único candidato da Democracia Cristã, maioritária, apesar da forte oposição do Partido Socialista do Primeiro Ministro cessante, Bettino

Craxi. Andreotti, de 68 anos, à saída do palácio presidencial, disse aos jornalistas que tentará aglutinar um Governo na base da coligação cessante de democratas cristãos, socialistas,

republicanos, liberais e sociais democratas.

O último mandato de Giulio Andreotti como Primeiro Ministro, em 1979, durou apenas onze dias, e não conseguiu por quatro vezes formar Governo após ter sido encarregado de o fazer, duas das quais por oposição dos socialistas.

Os socialistas encaram Andreotti como um símbolo da era pré-Craxi, quando os democratas cristãos consideravam o papel de Primeiro Ministro e a sua posição dominante como direitos adquiridos.

Acrescentaram que os democratas cristãos não deviam ter tido o direito automático de impor Andreotti, que era ministro dos Negócios

Estrangeiros no Governo cessante.

Cossiga tinha pouco espaço de manobra. Os membros do Governo cessante concordaram que o Primeiro Ministro devia ser da democracia cristã e este partido insistiu que Andreotti era a sua escolha.

Francesco Cossiga, um antigo Primeiro Ministro democrata cristão que desistiu do seu cartão do partido para se tornar Chefe do Estado, levou mais 48 horas do que o previsto para anunciar a sua decisão.

A querela entre os democratas cristãos e os socialistas sobre o cargo de Primeiro Ministro está por detrás da queda do Governo na terça-feira da semana passada.

Segundo negociador soviético

Reagan e Gorbachev poderão realizar uma nova cimeira

A possibilidade de uma nova cimeira entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev foi ontem considerada pelo chefe da delegação soviética às negociações de Genebra sobre desarmamento nuclear. Em declarações à televisão norte-americana NBC, Yuri Vorontsov, disse, contudo, que um novo encontro entre o presidente dos Estados Unidos e o secretário-geral do PC soviético só teria sentido se for possível atingir resultados concretos nas negociações sobre armas estratégicas e no espaço.

Os rumores sobre a realização de uma nova cimeira entre os líderes das duas superpotências surgiram depois de Gorbachev ter anunciado que Moscovo está disposto a assinar um acordo sobre os mísseis de médio alcance,

sem exigir previamente que os Estados Unidos renunciem à «Iniciativa de Defesa Estratégica», conhecida por guerra das estrelas.

Interrogado acerca da última proposta de Gorbachev, Vorontsov afirmou que se trata de uma «cedência» por parte da União Soviética, mas negou que Moscovo tivesse mudado a forma de encarar as negociações sobre redução dos armamentos nucleares.

Entretanto, começaram em Viena de Austria as negociações entre países membros da NATO e do Pacto de Varsóvia sobre limitações das armas convencionais e tropas estacionadas na Europa. As negociações de correm na embaixada da RFA em Viena, estando envolvidas no maior secretismo.

«Zona de paz»

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, exortou os dirigentes comunistas da Indochina a ajudar Moscovo a fazer do Sueste asiático uma zona de paz e estabilidade.

Shevardnadze falava num jantar que lhe foi oferecido pelos dirigentes do Laos, onde ontem chegou procedente de Jacarta. O chefe da diplomacia soviética, que hoje chegou a Phnom Penh, não fez nenhuma referência à situação no Kampuchea.

A visita de Shevardnadze ao Laos foi perturbada pela explosão de uma bomba, que causou um morto e um ferido grave, no exterior do Centro Soviético de Informação em Viena.

Nicarágua

Arturo Cruz abandona direcção dos «contras»

O líder anti-sandinista Arturo recção da Unidade Nicaraguense tendo ainda divulgado as razões. Arturo Cruz, ex-embaixador sandinista, ameaçava há alguns meses deixar o seu colega Adolfo Calero, to, continuar após a demissão de sido dadas garantias de que o tendentes a uma maior democracia.

Os «contras» da Nicarágua, que, com o apoio dos Estados Unidos, nos últimos, oito meses, cinco da Nicarágua e um avião CH-47.

Por seu lado, o Ministério dos Negócios Estrangeiros divulgou uma nota de Managua dirigida às Honduras e o talhão de Exército hondurenho Nance, uma localidade na fronteira. Na nota de protesto, o Ministério dos Negócios Estrangeiros solicita ao «governo» das Honduras uma investigação dos factos que consideram responsáveis por sete incidentes.

URSS esforça-se por tranquilizar Estados do Pacífico Sul

Sylvie Crossman-Le Monde/DL

Diplomacia e comércio: estes são, a acreditar em Eduard Shevardnadze, os únicos sectores que a União Soviética pretende implementar no Pacífico. Foi assim que o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros descreveu a sua visita, durante uma conferência de imprensa realizada na quarta-feira passada após dois dias de encontros com dirigentes australianos.

Em grande estilo, sem dúvida, mas com que substância? Uma pergunta que nos sentimos tentados a fazer ao primeiro membro do Bureau Político do Partido Comunista da União Soviética que visitou a Austrália. Shevardnadze respondeu a todas as questões com um talento singular ou seja, acabando sempre por não fornecer uma resposta. Um exemplo: a quem lhe perguntou se, no actual contexto de transparência, o cientista Andrei Sakharov teria autorização para se deslocar a um congresso científico que se deveria realizar na Austrália, Shevardnadze retorquiu com uma longa exposição a propósito do actual estado de saúde de Sakharov, que disse ser bom, do seu entusiasmo, do reinício das suas actividades na Academia de Ciências e da sua participação no fórum pela paz, que se reuniu em Moscovo.

Esta visita-ponto alto na campanha de charme levada a cabo pelos diplomatas soviéticos na região desde a famosa abertura sobre o Pacífico, proclamada no discurso de Julho de Gorbachev- foi assim essencialmente uma operação destinada aos «media», como o prova o fluxo de resoluções que dela resultou.

O ministro soviético ca-

minhou sobre veludo: a URSS é a única grande potência que assinou o tratado de desnuclearização do Pacífico Sul, uma iniciativa da Austrália. A juntar a isto, acrescenta-se o facto de Hayden, ministro dos Negócios Estrangeiros, defender que deve haver uma resposta positiva ao impulso soviético na região, desde que este seja «construtivo».

Agora, Shevardnadze repetiu que a URSS, ao estender a mão à Austrália e a outros pequenos Estados da região através de acordos de pesca, como o que recentemente foi assinado com o Vanuatu- não tinha «qualquer carta escondida na manga», «nenhuma segunda intenção». «Apenas o desejo de desenvolver os laços comerciais e turísticos com esta zona», sublinhou Shevardnadze.

Compras de trigo e de lã

O ministro soviético não negou o aumento, neste últimos anos, da presença militar da URSS no Pacífico Norte, mas defendeu que Moscovo mais não faz do que responder aos investimentos militares de Washington na região. «Os soviéticos não estão no Pacífico Sul», declarou Shevardnadze. «Não há razões para temer nenhu-

ma implantação militar soviética neste zona do Oceano». E rindo, concluiu: «Nós não temos bases militares em Vanuatu!».

Os encontros com os dirigentes australianos foram em grande medida dedicados ao «processo de democratização» em curso na URSS, um tema que Shevardnadze parecia ansioso por explicar aos australianos.

Tranquilizados, na aparência, os australianos aceitaram então, na passada quarta-feira, passar ao outro grande tema: o trigo. A URSS é o maior comprador de trigo australiano e um importante consumidor da sua lã. Kerin, ministro da Agricultura, procurou obter junto de Shevardnadze a garantia de que a URSS continuará a ser um grande cliente da Austrália, beneficiando assim os produtores australianos, que têm sofrido com a descida dos preços mundiais e a concorrência dos Estados Unidos e da Comunidade Europeia.

«A candura, a boa vontade e a independência do espírito», estas qualidades que Shevardnadze, ao partir, disse ter sentido junto dos dirigentes australianos, encontraram na decisão seguinte a sua melhor expressão: afirmando que não seria lucrativo assinar um acordo de pescas com a Austrália, Hayden declarou, no entanto, a Shevardnadze, que estava disposto a conceder uma autorização a cineastas soviéticos para que, sob a supervisão dos seus homólogos australianos, inspecionassem as águas ao largo das costas australianas para verificarem por si que o peixe já não abunda naquelas paragens.

Ministro britânico confirma

Entrada de água provocou naufrágio do "Herald"

O ferry-boat «Herald of Free Enterprise» voltou-se após uma entrada súbita de água através das suas portas móveis para carga, confirmou ontem o ministro britânico dos Transportes. John Moore, discursando na Câmara dos Comuns três dias depois do desastre que causou 53 mortos e 81 desaparecidos, disse não haver provas de defeitos de construção no ferry, construído na Alemanha Federal há sete anos.

Moore disse que o governo decidiu dar um milhão de libras (227 mil contos) para um fundo especial de desastre criado pelo Conselho Municipal de Dover, porto a que pertencia o

ferry. O representante do governo disse ainda aos parlamentares que estão em curso investigações preliminares e anunciou que o juiz sir Barry Sheen presidirá a um inquérito público ao desastre.

Entretanto, as companhias de seguros britânicas prepararam-se para receber pedidos de indemnização superiores a 30 milhões de libras esterlinas, segundo afirmou a companhia «Lloyd's» de Londres. Um porta-voz da companhia, David Lerner, disse que deverão passar semanas antes de serem avaliados os pedidos de indemnização para passageiros, tripulação e carga do ferry afundado ao largo do porto belga de Zeebrugge.

Sismos no Equador causaram 300 mortos

O Presidente do Equador, Leon Febres Cordero, afirmou que a tragédia causada pelos terremotos registados desde a passada quinta-feira é a maior da história do país. Numa mensagem à nação, o Presidente equatoriano disse que a tragédia custará ao país um terço do orçamento geral do Estado (cerca de 587 milhões de dólares). Cordero fez um apelo de trégua aos seus adversários políticos para trabalharem unidos na reconstrução.

Segundo o Observatório Astronómico de Quito, os cerca de mil tremores de terra registados no Equador provocaram 300 mortos

na região amazónica e prejuízos materiais de vários milhares de contos.

O último sismo foi registado ontem, às 9 e 45 de Lisboa e teve uma intensidade de três graus na escala de Richter.

As consequências dos tremores de terra começaram a ser conhecidas no passado fim-de-semana, depois de os helicópteros da defesa civil terem sobrevoado a zona mais afectada.

Cálculos do hospital regional de Tena, cidade próxima do epicentro dos tremores de terra, indicam que pelo menos 300 pessoas ficaram soterradas nos escombros.

24 HORAS



Bispo ameaçado de morte

O bispo de Linares, Carlos Camus, que tem feito declarações contra o regime militar chileno, pediu protecção policial às autoridades. Monsenhor Camus, que nos últimos dias tem recebido ameaças de morte, é um crítico permanente e decidido do regime militar, tendo-o qualificado de «vergonha nacional» em entrevista publicada no semanário «Aspi». O bispo apresentou o pedido aos tribunais explicando que recentemente encontrou um panfleto no seu escritório que dizia: «Camus, se segues a política da Igreja de Linares, vais visitar São Pedro». A cidade de Linares situa-se 300 quilómetros a Sul de Santiago do Chile.

Conversações Chade/Líbia

O Primeiro Ministro do Sudão, Sadek Al-Mahdi, confirmou implicitamente que conversações secretas de paz entre o Chade e a Líbia estão em curso na capital sudanesa, Cartum. Interrogado durante uma conferência de imprensa sobre reuniões entre os representantes dos dois países em Cartum, Al-Mahdi respondeu, sem pormenorizar: «Eles regressarão para consultas com as suas chefias respectivas sobre o desfecho». O Primeiro Ministro sudanês realçou a neutralidade do seu país no conflito e afirmou que o Sudão não concederá facilidades militares ao Chade ou à Líbia, países com os quais tem fronteiras.

Actividade diplomática em Madrid

As conversações entre o Primeiro Ministro espanhol, Felipe Gonzalez, e o líder da Swapo, San Nujoma, iniciaram ontem uma semana de intensa actividade diplomática na capital espanhola. San Nujoma, o Presidente e o Primeiro Ministro franceses, o principal assessor de Gorbachev e o embaixador norte-americano na ONU, passam esta semana por Madrid. Nujoma parte na quinta-feira para uma viagem ao Brasil, Venezuela, Argentina e Uruguai. De referir que o Governo espanhol reconhece a SWAPO como o único representante do povo da Namíbia e apoia o processo de independência deste país através das resoluções das Nações Unidas.

Novo primeiro-ministro irlandês

O Parlamento irlandês deve escolher hoje o novo Primeiro Ministro da Irlanda, mas não se sabe se Charles Haughey conseguirá os três votos de que necessita para vencer estas eleições. Nas últimas eleições gerais, o Fianna Fail, partido de Haughey, ficou a três votos da maioria parlamentar e dos 84 lugares necessários à formação de um Governo maioritário. A partida, e considerando o voto de Neil Blaney, um independente que normalmente apoia o Fianna Fail, Haughey terá 82 votos favoráveis à sua nomeação para Primeiro Ministro da República da Irlanda.

Estudantes mortos em Daca

Mais dois estudantes morreram hoje em consequência de ferimentos causados pela explosão de uma bomba na Universidade de Daca, capital do Bangladesh, aumentando para três o número de vítimas, anunciaram as autoridades. A revolta estudantil provocada pelos acontecimentos de ontem fez com que centenas de explosivos detonassem por todo o Bangladesh, convertendo o que de início era uma greve contra os preços das tarifas dos autocarros numa campanha contra o Presidente Hussain Mohammad Ershad.

TODOS COM OS OLHOS NO PÚBLICO

Oficialmente o Rallye de Portugal começou hoje, com as verificações técnicas, realizadas a partir das 8.30 no Pavilhão dos Desportos de Cascais, mas as verdadeiras emoções começam amanhã, quando a primeira série de oito carros, com partidas de 10 em 10 segundos, iniciar o circuito de cinco voltas ao Autódromo do Estoril, primeira prova de classificação que, por razões que todos conhecem, substitui a tradicional ronda de Sintra. Para os verdadeiros entusiastas do desporto automóvel, Sintra deixa saudades. A própria vila e o seu turismo perderam muito em divulgação com este facto, mas os organizadores não podiam arriscar mais.

Ontem foi dia movimentado no Estoril e em Cascais. De manhã a Martini Racing reuniu os jornalistas no Guincho e proporcionou-lhes a oportunidade de serem, por momentos, navegadores silenciosos dos pilotos da Lancia. É uma operação simpática — que já habituou a comunicação social e que lhes permite, por alguns momentos, apreciar ao vivo como é andar dentro de um verdadeiro carro de rallyes, conduzido por um piloto de primeiro plano mundial.

Se é possível, com alguma atenção, descrever no plano técnico aquilo que o piloto vai fazendo para levar a máquina a obedecer-lhe em situações de limite, já ao nível das emoções a descrição torna-se praticamente impossível. Estes homens

levam os carros a situações em que só a grande confiança que inspiram permite ao «pendura» manter a respiração. São uma espécie de artistas das impossibilidades possíveis.

Por sua vez a Renault Sports convidou à tarde os jornalistas para um convívio em Cascais com os seus pilotos e em que, naturalmente, estiveram presentes os portugueses.

Segurança palavra de ordem

Os reflexos dos acontecimentos do ano passado ainda não estão esquecidos. Tanto por parte dos responsáveis das equipas como dos próprios pilotos há uma preocupação comum: o público. Vai-se comportar melhor? Vai defender o espe-

ctáculo? E aquilo que todos perguntam mesmo antes de se ocuparem dos aspectos competitivos da prova.

Entretanto, ontem à tarde, no Autódromo do Estoril, os pilotos da Lancia tiveram uma sessão de ensaios com vista essencialmente a adequar os carros ao circuito com que se inicia o Rallye. O percurso é o habitual da Fórmula 1, mas a meio da recta, frente à bancada central, foi improvisada uma «chicanne» para reduzir velocidade. Os pilotos saíram da pista como quem vai entrar nas «boxes» a seguir à «passarelle» e entram junto à torre. Simplesmente, neste local há um grande desnível no asfalto o que faz os carros levantarem a parte direita, aterrando depois em desequilíbrio. É espectacular mas tem algum risco para as mecânicas.

Renault aguardará

Jean Ragnotti e Chatriot são os dois pilotos da Renault que podem discutir os primeiros lugares, mas dificilmente poderão ser apontados como favoritos, a menos que algo de anormal aconteça. É nisso que os franceses jogam.

«No papel, diz Ragnotti, a Lancia tem todo o favoritismo e vão ser mais rápidos, naturalmente. Mas não podemos esquecer que são carros



Biasion e Silviero, vencedores do Monte Carlo, são também favoritos em Portugal

A NOSSA EQUIPA DE REPORTAGEM VIAJA COM lubrificantes GALP

muito novos e ainda não totalmente experimentados, podendo vir a ter alguns problemas. Nós jogamos na fiabilidade dos Renault 11 Turbo e aí residem as nossas possibilidades.

O piloto francês pensa que o Rallye de Portugal é uma prova para se conduzir com muita serenidade e na qual a resistência é um factor importante.

Quanto aos portugueses julgamos que vão ter oportunidades como nunca tiveram. Manuel Mello Breynier é neste momento um nome a reter. Em nítida ascensão, pode vir a ser uma das grandes surpresas desta prova no seu grupo, sem precisar de mais nada do que ser igual a si próprio.

Lancia sem tática preconcebida

A Lancia não tem qualquer tática preconcebida para o Rallye de Portugal declarou ontem ao «DL» Massimo Biasion, vencedor do Rallye de Monte-Carlo, depois do seu colega de equipa, Kankhunen, que seguia em primeiro lugar ter penalizado de propósito para que o italiano fosse o vencedor da primeira prova do Mundial de 1987.

Então, segundo a equipa italiana revelou, como dois dos seus pilotos lutavam para o primeiro posto, foi decidido que o que fizesse o melhor tempo numa classificativa, escolhida por consenso, seria o vencedor da prova monegasca.

«As pessoas compreendem mal o que se passou em Monte-Carlo», lamentou Biasion, referindo-se à polémica que a decisão da equipa suscitou. «Por isso, aqui em Portugal, quem for à frente, mesmo que seja depois da terceira classificativa, é o piloto apontado para ganhar», sublinhou.

No entanto, para Kankhunen, nada está decidido. «Não sei de nada, e o melhor é perguntar isso ao director da equipa, Cesar Fiorio», limitou-se a dizer o finlandês. Perante a ausência do responsável italiano, o desenrolar da prova irá ou não confirmar a posição manifestada por Biasion.

No entanto, os dois pilotos alimentam esperanças para esta prova, e estão de acordo que os troços cronometrados disputados em terra, especialmente Arganil e S. Lourenço, apresentam um mau piso, «muito difícil».

Para Kankhunen há, ainda, uma preocupação adicional: «espero que depois do que se passou no ano passado, o público se comporte bem, e não haja problemas».

«Rallyes mais difíceis que a Fórmula 1»

Preocupações diversas eram as da equipa clínica da Lancia, constituída pelos médicos Bem Bartoletti e Giovanni Musatti. E nos conhecimentos e experiência destes homens que os pilotos podem encontrar as ajudas necessárias para conseguirem aguentar o ritmo elevado das provas do Mundial de Rallyes.

«Por rallye, Markku Alen perde quatro kilos, o Biasion três, e o Kankhunen que é o mais jovem, apenas dois quilos e meio», declarou Bartoletti, sublinhando que «os Rallyes são mais difíceis que a Fórmula 1».

«Nas pistas e nas corridas de Fórmula 1, o esforço e a tensão é mais concentrado, e com os anteriores grupos B, de elevada potência, os pilotos estavam sempre em tensão», prosseguiu, revelando que durante o ano transacto, «os rallyes não estavam à medida do homem, e o ser humano tem limites que se devem respeitar».

Um compasso de 4 rodas

Depois de um passe de ginástica sobre os tubos de segurança que acompanham a estrutura do carro, consigo mergulhar na «bacquet» de Siviero. Num banco tipo sarcófago, um mecânico ajuda a fixar o cinto de segurança de quatro pontos, e é então que cumprimento Biasion. Segundos depois, o repórter do «DL» tinha um condutor de luxo: o vencedor do Rallye de Monte Carlo.

Em pequenos golpes de aceleração, o motor vai ganhando rotações, enquanto que o pé esquerdo de Massimo Biasion vai acariciando a embreagem. Depois, subitamente, um barulho metálico, a primeira velocidade engrenada, e as minhas costas vão-se colando, ainda mais, ao banco.

Seguimos não entre muros de neve, onde Biasion ganhou a primeira prova do Mundial de Rallyes, mas numa faixa de asfalto e terra delimitada por um conjunto de grades e o areal do Guincho.

Com gestos fortes, a manete de velocidades vai subindo todos os degraus, as quatro rodas motrizes transmitem ao terreno a potência, a velocidade aumenta.

A mudança de direcção é acompanhada por uma série de reduções de caixa, em ritmo elevado, seguida de uma forte travagem, e a entrada em piso de terra é feita em segunda velocidade com as rotações a subirem gradualmente. Um salto revela a presença de regos, e os mais de 200 cavalos da Lancia Delta HF de treinos são fáceis de controlar devido à transmissão integral da potência. Em curvas apertadas o carro apresenta uma excelente motricidade, e só a vontade de Biasion, o faz derrapar... às quatro rodas.

Depois, fixando-se num ponto imaginário, a frente esquerda do carro como agulha de um compasso, com precisos movimentos de volante, o piloto italiano desenha uma circunferência por entre nuvens de poeira e mais alguns saltos.

Foi assim que, durante poucos minutos, acompanhámos um dos candidatos à vitória do Rallye de Portugal, no centro de um compasso.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6132, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Aldeia Galega da Mercana, concelho de Alenquer, de um novo troço a 10 KV, n.º 210/R 14, com 86 metros, do poste n.º 7, da linha n.º 210/R 3, ao poste n.º 1 (antigo n.º 9).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 24 de Fevereiro de 1987

Pelo ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

SÉTIMA CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE LISBOA

ANÚNCIO

O Conservador, Licenciado em Direito, Joaquim do Amaral Pereira da Silva, faz saber que Frederico Schiappa Pietra Alves dos Santos, de 22 anos, solteiro, natural da freguesia de Nossa Senhora de Fátima, concelho de Lisboa, e residente na Avenida dos Estados Unidos da América, n.º 71, 3.º Esq., freguesia de Alvalade, concelho de Lisboa, de acordo com os Art.ºs 347 e seguintes do Código do Registo Civil, requereu nesta Conservatória que lhe seja concedida autorização para alteração do nome que lhe foi fixado no assento de nascimento e que é o n.º 2260 desta 7.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa, para Frederico Schiappa Pietra Alves Saramago.

Por isso, se convidam todos os interessados a deduzirem a oposição que tiverem perante a Conservatória dos Registos Centrais no prazo de 30 dias.

7.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa 5 de Março de 1987.

O Conservador,

Joaquim do Amaral Pereira da Silva

«D.L.» 10/3/87 — 1.ª Pub.

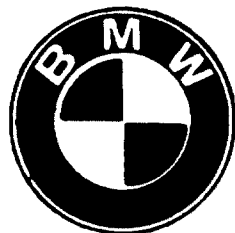


Telef: 25646 Torres Vedras

O seu concessionário

BMW

na Região do Oeste



BMW - pelo prazer de conduzir

TONY BARNABÉ: GOLFE BATE-SE POR CAMPO EM MONSANTO

Neves de Sousa

Nasceu em S. Martinho do Porto mas estudou em Torres Vedras. António Castanheira das Neves Barnabé (no mundo golfista conhecido como Tony Barnabé) praticou várias disciplinas desportivas ao serviço do Torreense (entre os 11 e os 16 anos), ou com as cores da Educação Física de Torres Vedras, nomeadamente hóquei em patins, futebol, ciclismo e atletismo. Ainda jogava hóquei quando Joaquim Bechior o convidou para ir trabalhar num campo de golfe com nove buracos, no Porto Novo (Vimeiro). Foi: ficou apaixonado.



Vilamoura, Hotel Dom Pedro: numa cercadura de jornalistas, ao lado do técnico tenista Manuel de Sousa e do campeão Nuno Marques, está Tony Barnabé, porventura a alma mater do golfe português

Compreendi que, para além de modalidade desportiva de excepção atractivo, seria (a breve tempo) imã de muitas divisas para o nosso País. E procurei imediatamente evoluir, aprender: durante cerca de dois anos estagiei no Estoril, com profissionais portugueses, batendo cerca de mil bolas por dia. Voltei ao Vimeiro (curioso dizer que antes de lá ter estado pela primeira vez, nem sequer sabia como se jogava golfe, e ali estive longo tempo, sempre aperfeiçoando os conhecimentos que ia adquirindo).

Tony Barnabé continua:

Em seguida, emigrei para Inglaterra, com um pequeno punhado de libras contadas uma a uma. Saí num barco, na Rocha de Conde de Óbidos: ninguém à partida e ninguém à chegada a Londres. Falava inglês e francês: tive a sorte de encontrar portugueses no barco, sempre ajudou a deitar melhor as contas à vida.

«Fui trabalhar em hotelaria fazia, sandes, lavava pratos, servia às mesas. Depois, dei um salto para Verolun, e, a seguir, para St. Albans, onde fui assistente de um campo de golfe: ganhava pouco mais que o suficiente para pagar a hospedagem. Voltei a trabalhar em restaurantes: já recebia cerca de 20 contos por semana quando me inscrevi numa escola de Londres (a Hall Dright) onde obtive o diploma de profissional-chefe de golfe e fiz contactos com gente importante que praticava esse desporto, desde «estrelas» dos palcos e dos «écrans» a políticos influentes. Tive a espantosa sorte de ser aluno de um profissional, com 80

anos, que me ensinou o que faltava: a facilidade com que o golfe pode ser jogado.

O homem que hoje chefia os profissionais portugueses de golfe prossegue:

Foi então a altura em que recebi convite do Vilamoura e durante largos anos estive a chefiar o golfe no Clube Dom Pedro. No intervalo, saltei até ao Sultanato de Omã: por proposta do ministro do petróleo ensinei lá golfe durante dois meses e meio. Quando voltei a Portugal, confirmei que os prémios aos golfistas eram muito baixos e, mesmo sendo titular de Portugal e tendo representado o nosso país no campeonato mundial (em Benguecoque) e participado no torneio das Nações (em Harlow, Inglaterra), continuei com a ideia de que o golfe era considerado modalidade desportiva elitista: fui novamente emigrar, por não considerar que, na minha terra, existiam condições para trabalhar.

«Retirei-me das competição com profissional, só aceitando provas por convite, como aconteceu, há dois anos, no Snow Golf (Canadá) em torneio com receita oferecida para o Lions de Winipeck. E foi muito agradável ver que, apesar dos 27 graus negativos que cercavam os concorrentes, tínhamos em nosso redor extraordinário calor humano. E um sonho cresceu mais dentro do meu espírito: por cá o golfe não podia pertencer a meia dúzia de pessoas. Voltei para o Algarve, lutei, tive desaires e, finalmente, a compensação: hoje, estou

feliz porque, depois de largo tempo de luta, em cada golfista tenho um amigo.

«Arrumei a casa»

Tony Barnabé aprecia:

O profissional estrangeiro era mais acarinhado entre nós. Por isso, ainda antes do 25 de Abril, fundei o Clube dos Profissionais Portugueses, que daria lugar à Associação dos Profissionais de Golfe de Portugal, com muita acção no fecho da invasão de concorrentes estrangeiros.

«Arrumei a nossa casa com algumas dificuldades: ainda se pensava que os profissionais de golfe não deveriam servir-se das instalações dos «senhores». Começaram (então) os campeonatos e os torneios com amadores (Pro/Am), a Imprensa aliou-se logo à liberalização que desejávamos, os jornalistas começaram a puxar pelo golfe e a modalidade passou a implantar raízes muito fortes: hoje, o golfe já surge, com muita assiduidade, em todos os noticiários dos «media». Foi uma luta comum: já a vencemos.

Captação externa

Com efeito, Tony Barnabé é hoje um homem feliz: trouxe grandes campeões para os campos algarvios, foi a Inglaterra e conseguiu convencer escolas de golfe (EPPD) a virem até Vilamoura, para os «greens» do Dom Pedro e da Quinta do Lago, o que sucedeu três anos consecutivos. E a Associação dos Profissionais foi ganhando asas: eram três, são hoje 47.

— Depois, meti-me noutra aspiração: conseguir que os Estados Unidos, nos cedessem a qualificação para o campeonato mundial de profissionais de golfe: foi um êxito. Fiz muitas viagens a diversos países apenas para conseguir turistas que viessem com o objectivo de praticar golfe no Algarve: na RFA, em 20 dias, visitei 56 campos de golfe. Sabe o resultado? Num vulgar Dezembro, quando tínhamos 120 camas previstas para o mercado alemão, saltámos para as duas mil!

Golfe corta-fogos

Apaixonado pelo Algarve, Tony Barnabé afirma, com toda a convicção:

— Escreva sem medo: o Algarve não é uma estação sazonal: é um mundo de turismo para ser aproveitado. Em Portugal, há agora 19 campos de golfe (seis dos quais no Al-

garve) e isso é uma espantosa fonte de receitas.

«Mas tenho grande aspiração: ver crescer em Monsanto, nos arredores de Lisboa, um magnífico campo de golfe que possa servir milhares de turistas. Há que seguir o exemplo estrangeiro: criar campos municipais. Um exemplo: em França, existe o «mapa verde», que é a salvação das florestas, porque os campos de golfe cortam os fogos e evitam as grandes catástrofes ecológicas. Além disso, o golfe é a única modalidade desportiva que pode ser praticada por gente de todas as idades e condições sociais. Com todo o respeito por qualquer outra opinião contrária: seria um dos baluartes para a salvação da juventude, porque ocupava a mocidade nos tempos livres e escamoteava-a à droga e ao vício.»

Jamor: um passo?

«Quanto custa um campo de golfe? Não ultrapassa os 200 mil contos e tem extraordinária rentabilidade. Se quisermos construir um já razoável campo golfista não gastamos mais de 90 mil contos: e um terreno municipal é de fácil manutenção. Em Monsanto, nos pulmões da capital, era forçoso criarem-se dois campos, até para evitar um sinistro: fogo, por exemplo, que destrua uma mata frondosa.

«Veja-se o caso da Serra de Sintra, já queimada por diversas vezes: o golfe é considerado, num mundo inteiro, um «quebra-fogos» que ocupa os tempos disponíveis da população e dos turistas.»

Tony Barnabé diz:

— Enfim: creio que, em função da luta desenvolvida, posso dar parabéns ao presidente da Federação Portuguesa de Golfe, porque prevejo que aquele recente «bate-bola» no Jamor é o princípio para que seja feito um campo com o mínimo de nove buracos que fique à disposição de todo o desportista.

Já agora: para o leigo, sempre se diz que entre cada buraco pequeno há uma distância de 150 metros, nos médios a diferença é de 300 metros enquanto nos «buracos grandes» há um intermédio de 450 metros.

O mestre golfista conta mais coisas:

— Contas feitas por estatísticas garantem: em 1985, fizeram-se 2700 voltas no Algarve, a cerca de 3000 escudos por volta, o que rendeu cerca de 810 mil contos. Isto é: só

para o IVA foram 64900 contos. O golfe implica, em termos de conquista de divisas, um mundo: transportes, hospedagens, alimentação, bares, roupas e até recordações.

Tony refere-se, entusiasticamente, ao apoio que o Algarve está a dar ao golfe:

— Temos clínicas num «bate-bola» atrás do Dom Pedro, em zona que pertence ao Clube-Hotel (de que é presidente o dr. Baltasar, desportista que sabe do grande complemento que o Desporto oferece a todo o parque hoteleiro). E, quanto ao facto de muitas Camaras não estarem predispostas para a exploração de campos de golfe: aluguem-nos a profissionais ou a uma organização comercial.

«Voltando ao caso de Monsanto: confio que seja uma breve realidade, para ser pago rapidamente através do seu aluguer.»



Pedro Cardoso: um próximo rei golfista

Vencedor do Pro-Am da 2.ª ronda do Circuito Nacional de Golfistas Profissionais, disputado na Aroeira, aqui temos Pedro Cardoso (16 anos), filho do juiz algarvio dr. Carlos Cardoso. O jovem já anteriormente fora o vencedor absoluto do 1.º Golfe Convívio entre a RTP e a Fima/Lever. Em Palmares, também em Pro-Am, integrou o «team» que obteve a 3.ª classificação no torneio de pré-classificação para o mundial de profissionais. Pedro Cardoso é acompanhado na carreira por Tony Barnabé, incontestavelmente o «revolucionário» (no melhor sentido) do golfe nacional.

Sport-Society

Nauticampo

Hoje, pelas 18 horas, no restaurante que funciona no Auditório 2 da FIL (Lisboa) tem lugar um «cocktail» de apresentação do 1.º Grande Prémio Nauticampo.

Benfica: eleições

Hora de eleições no Sport Lisboa e Benfica intensifica o lançamento das campanhas. A lista comandada por João Santos apresenta-se amanhã (13 horas) no Hotel Meridien (Lisboa), com um encontro com a Imprensa, a que se segue um almoço.

Por seu lado, a comissão executiva da candidatura de Fernando Martins reúne-se com a Comunicação Social no dia 13 (6.ª feira) pelas 18 horas, no Hotel Altis (Lisboa).

Microscópio

Golfe: torneio do Estoril

Jorge Seromenho, com 19 pancadas, ganhou a primeira fase do campeonato do Estoril em golfe, prova que contou com 32 jogadores.

João Salazar de Sousa, com 80 pancadas, foi segundo classifi-

cado, seguido de Gregório de Abreu (80) e de Rui Castro Ferreira (81).

Nicolau de Abreu, de 16 anos, obteve o melhor resultado, 69 pancadas (igualou o pai do campo), mas resolveu abdicar da segunda fase do torneio por preferir competir no campeonato in-

ternacional de Portugal, que se realiza amanhã.

I Pingueponguada Escolar no Algarve

Março vai ser o grande mês de ténis de mesa no Algarve, tendo por base a grande movimentação

que vai ser criada pela respectiva associação na defesa do incremento e da solidificação da modalidade.

Assim sendo e no âmbito dos denominados Torneios Abertos, e com o apoio da delegação do Algarve da Direcção-Geral dos Desportos, a Associação de

Ténis de Mesa de Faro vai levar a efeito uma importante acção denominada «I Pingueponguada Escolar do Algarve».

A prova, que terá a participação de todos os 16 concelhos do Algarve, e que está a despertar enorme interesse, será jogada em

Faro na sua fase final. Cada concelho será representado por 12 praticantes, competindo agora às entidades escolares o apoio essencial para que a prova atinja os objectivos a que se ropõe, ou seja a dinamização, o crescimento da modalidade e o gosto dos jovens pelas actividades desportivas.



O futebolista **Coelho** (do Boavista) vai estar inactivo durante um período de dois meses, em virtude de haver sofrido a fractura da clavícula durante o encontro, do passado domingo, frente ao Torralta. Trata-se duma «baixa» importante no quadro do Bessa numa altura em que iniciou a arrancada para os lugares cimeiros da tabela.



Igual (pouca) sorte está reservada ao seu companheiro de ofício **Festas** (do Salgueiros), que no decurso do confronto «amistoso» realizado no Estádio da Maia, entre o seu clube e o Desportivo de Fafe, fracturou o tornozelo. Os médicos também admitem que **Festas** esteja fora dos recintos durante o período de 60 dias.



Negrete esgotou a sua capacidade de tolerância e veio a público, através dos diferentes meios de Comunicação Social, afirmar o seu descontentamento por não jogar, tendo afirmado ser seu desejo rescindir o contrato que o liga ao Sporting. Todavia o dr. Amado de Freitas garante que a situação se resolverá e o mexicano continuará em Alvalade.



Aurora Cunha e **Joaquim Mesquita** passaram-se para o grupo dos casados, em cerimónia que reuniu a presença de muitos companheiros e demais amigos daqueles atletas, agora unidos pelo matrimónio que há algum tempo vinha sendo anunciado. Ao jovem casal os nossos votos das mais ridentes felicidades.

CEE PROMOVE NATACÃO NOS 12 PAÍSES MEMBROS

Numa Conferência de Imprensa, foi divulgado que o reforço do sentimento europeu junto dos cidadãos é um dos alicerces da realização em Leeds (Inglaterra) dos primeiros campeonatos da Comunidade Europeia em Natação, que terão lugar a 11 e 12 de Abril. A afirmação foi feita em Lisboa por João Vale de Almeida, em representação do Bureau da Comunidade Económica (CEE), tendo estado presente na sessão o presidente da Federação Portuguesa de Natação, Vicente Moura.

A Comissão Europeia decidiu apoiar esta iniciativa desportiva com vista ao reforço da identidade europeia — disse João Vale de Almeida, revelando que a ideia dos campeonatos surgiu em 1985 em Bruxelas, numa reunião entre a Comissão e as Federações. Os campeonatos da CEE em natação serão abertos aos 12 países membros, através da participação dos clubes masculinos e femininos vencedores das respectivas provas de apuramento organizadas pelas diversas federações europeias. Portugal estará representado na competição por in-

termédio de um clube masculino e feminino a apurar da prova de selecção que se disputa na piscina dos Olivais nos dias 14 e 15 deste mês.

Na prova de qualificação para os campeonatos da CEE, na piscina dos Olivais, estão inscritos 24 clubes no sector masculino e 21 em feminino, havendo a salientar a presença de uma equipa da Madeira — revelou o presidente federativo Vicente Moura.

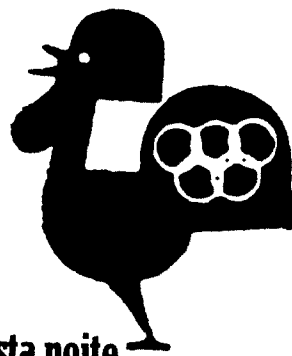
Aquele dirigente desportivo frisou que Portugal se fará representar nos campeonatos da CEE com 12 nadadores e por quatro dirigentes e técnicos, ficando as despesas das viagens a cargo do orçamento comunitário. Os campeonatos (da CEE em natação contam com prémios pecuniários para as equipas melhores classificadas, tendo a realização da prova movimentado a verba de 20 mil contos.

As diversas federações acordaram para Abril a data dos campeonatos, sendo uma altura em que se realizam provas nacionais — frisou Vicente Moura. Os clubes serão apurados para os campeonatos da CEE por pontuação, devendo

a prova (anual) ser rotativa pelos 12 países membros, que certamente a acolherão futuramente.

Em Leeds, as provas de 800 e 1500 metros terão finais directas e as outras serão disputadas por sistema de eliminatórias, havendo contactos para a possível transmissão televisiva para os diversos países da Comunidade. Os campeonatos de natação da CEE surgiram no seguimento de outras iniciativas desportivas daquele organismo já levadas a efeito, tais como a «Volta do Futuro» (em bicicleta) e a «Volta à Europa» (à Vela).

João Vale de Almeida revelou, à margem da Conferência de Imprensa que a «II Volta do Futuro» em bicicleta terá este ano o seu início em Roma (8 de Setembro) com os ciclistas a percorrerem os seis países fundadores da CEE. A «Volta à Europa» à vela (outra iniciativa desportiva da Comunidade) principia no dia 12 de Junho em Haia e terá o seu termo em San Remo, enquanto a «Regata da Constituição» terá a sua partida em Maio, ligando a Europa a Filadélfia (EUA).



Esta noite na Póvoa de Varzim CNID entrega prémios-86

Realiza-se esta noite, no Monumental Casino da Póvoa de Varzim, a festa anual do CNID-Clube Nacional de Imprensa Desportiva que, para além de proporcionar o encontro dos elementos afectos à classe em agradável manifestação de convívio entre colegas de Lisboa, Porto, Coimbra e de outras zonas geográficas, tem a particularidade de materializar o acto de entrega dos «Prémios CNID», instituídos anualmente por votação dos jornalistas da área desportiva ao «Futebolista do Ano», «Atleta do Ano», «Revelação do Ano» e «Jovem Promessa/CNID/Adidas», e que em 1986 couberam, respectivamente, a Paulo Futre, Aurora Cunha, Rita Vilas-Boas e Sandra Neves.

Ao acto, que será presidido pelo nosso colega Vítor Sérgio, estarão presentes, como convidados, o director-geral dos Desportos, presidente do Comité Olímpico Português e os presidentes das federações de Futebol, Atletismo, Ginástica e Natação, bem como Fernando Gomes na qualidade de «capitão» da equipa do FC Porto.

O jornalista Manuel Mota (60 anos de carreira) receberá o emblema de ouro do CNID, cabendo a Vítor Santos fazer o elogio daquele velho companheiro e Alfredo Farinha procederá à sua entrega.

Colectividades

Benfica impulsiona ginástica

A secção de ginástica do Sport Lisboa e Benfica realiza, hoje, um festival, a fim de comemorar a passagem do seu 83.º aniversário. Local: Teatro Maria Matos, pelas 21 horas.

Os milionários do ténis

O jovem Stefan Edberg lidera a lista dos «milionários» do ténis profissional, ao somar 213 108 dólares (cerca de 30 mil contos) de prémios conquistados nos torneios em que participou esta temporada.

A lista dos tenistas com maiores lucros esta temporada é a seguinte: 1.º Edberg, 213 108 dólares; 2.º Mecir, 173 717; 3.º Noah, 106 001; 4.º Lendl, 86 175; 5.º Tim Mayotte, 82 362; 6.º Boris Becker, 72 652; 7.º Jimmy Connors, 60 150; 8.º Wally Masur, 57 679; 9.º Pat Cash, 53 196 e 10.º Paul Annacone, 50 421.



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS

COMUNICADO AVISO

COBRANÇA DA TAXA DE LIGAÇÃO AO COLECTOR

Os S.M.O. informam os proprietários de prédios urbanos, dos Concelhos de Oeiras e da Amadora de que se encontra a pagamento a taxa de ligação ao colector, durante o corrente mês.

A sua liquidação poderá ainda ser efectuada, nos 60 dias seguintes, com o acréscimo de juros de mora de 2% no primeiro mês e de 4% no segundo mês.

Oeiras, 4 de Março de 1987

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Isaltino Afonso Morales

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 16.º JUÍZO ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, nos autos de Execução Sumária registados sob o número 4700, cendentes na 3.ª Secção deste Tribunal, movidos pela Exequirente ALMAF - COERCIO E REPRESENTAÇÕES DE UTILIDADES DOMÉSTICAS, L.D. contra o Executado ALBINO ALVES DE SOUSA, com última residência conhecida na Alameda Padre Proença, Lote C-2, 8.º Dto, 1500 Lisboa, é este Executado citado para, no prazo de 5 dias, que começa a correr depois de finda a dilatação de trinta dias, contada da segunda e última publicação do presente anúncio, deduzir oposição, pagar ao Exequirente ou nomear bens à penhora, sob pena de esta se considerar devolvido o direito de os nomear.

O pedido consiste no pagamento da quantia de 42 470\$50, acrescida dos juros de demora que se vierem a vencer-se, bem como das custas e condigna procuradoria.

No caso de vir a deduzir oposição, deverá a mesma dar entrada nesta Secretaria instalada no 8.º Piso do Palácio da Justiça de Lisboa, onde se encontra o duplicado da petição inicial, que fica à disposição do Executado ou de quem o represente.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1987

O JUIZ DE DIREITO,
(Illegível)

O Escrivão Adjunto,
A. Nunes

D.L. 10/3/87 - 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 13.º JUÍZO ANÚNCIO

FAZ-SE SABER QUE, no dia 24 de Março de 1987, pelas 10 horas, à porta deste Tribunal, e nos autos de Carta Precatória vinda do Tribunal Judicial da Comarca de Louzã, extraída dos autos de execução de sentença que Manuel Moreira da Cunha Pinto move contra José Teófilo de Jesus Moreira e Maria Alice Leite Teixeira, residentes na Rua do Impasse, n.º 2-D, Lote 232, 2.º Fte, Casal de S. Brás, Amadora, que corre seus termos por este Juízo e 1.ª secção, com o n.º 130, não de ser postos em praça pela 1.ª vez, para serem arrematados, acima do valor indicado no processo, os seguintes bens:

- 1: Um frigorífico de marca Oliva, em funcionamento;
- 2: 1 aparelho de Televisão de marca Oliva, em funcionamento;
- 3: Um aparelho de marca OTAKE, com leitor de cassetes, eléctrico;
- 4: Uma mobília de sala de jantar, composta por uma mesa com tampo de vidro de cor castanha, e 6 cadeiras forradas a veludo, 1 tampo de mapas, de cor castanha matizado, e 1 armário-estante de cor castanha;
- 5: 1 candeeiro de tecto, de dois cumes de vidro;
- 6: Uma máquina de lavar roupa, de marca Aspes US/36, em funcionamento, sendo fiel depositária a própria executada.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1987

O JUIZ DE DIREITO,

a) Joaquim Dias
O Escrivão Adjunto

a) Gabriel de Andrade Amaro
D.L. 10/3/87 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da publicação do 2.º e último anúncio respectivo citando os réus para no prazo de VINTE (20) dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção que, em extracto, é o seguinte: Que a ré seja condenada a pagar à autora a quantia de Esc.: 1 466 043\$00 proveniente de prémios de seguro, juros vencidos e vincendos à taxa legal, sobre a quantia de Esc.: 804 540\$80 e ainda nas custas finais. Tudo em conformidade com a petição inicial cujo duplicado se encontra na Secretaria à disposição da citanda.

Acção Ordinária n.º 5866, 2.ª secção. Autor: Companhia de Seguros Império, E.P., com sede em Lisboa. Réu: Indústria Metalomecânica Abel de Melo, Ld., com sede na Rua 28 de Setembro, Lote 2, Ponte de Frielas, Loures, actualmente ausente em parte incerta. Lisboa, 27/02/84

O Juiz de Direito,
Lino A Pinto
O Escrivão Adjunto,
Fátima Valadas Campaniço

D.L. 10/3/87 - 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 8.º JUÍZO ANÚNCIO

Processo N.º 8237
1.ª Secção
8.º Juízo

Faz-se saber que por este Juízo e primeira secção, nos autos de execução ordinária em que são exequente Fábrica de Rações da Beira, SARL e executados José Manuel Mesquita e outra, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Horta de D. Paura Carrasquinho, sítio do Esteveais, Alcantarilha-Gare, correm editos de trinta dias contados da segunda e última publicação deste anúncio citando aquele executado para, no prazo de DEZ DIAS e findo o dos editos, deduzir oposição, pagar à exequente a quantia de Esc.: 600.297\$50 (sendo 46.792\$50 de juros vencidos), bem como os juros que se vencerem à taxa anual de 6% até integral pagamento ou nomear bens à penhora, sob pena de esse direito ser devolvido à exequente.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito,
(a) João Manuel da Cruz
O Escrivão adjunto,
(a) Jansénio Monteiro

D.L. 10/3/87 - 2.ª Pub.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13h.
Bragança	5	4	0,0	Pouco nub.
V. Castelo	9	8	0,0	Muito nub.
Vila Real	7	7	0,0	Pouco nub.
Porto	10	8	0,0	Neblina
P. Dourad.	-	-	-	-
Coimbra	11	11	0,0	Neblina
C. Carvoeiro	14	14	0,0	Encoberto
C. Branco	-	-	-	-
Portalegre	11	11	0,0	Muito nub.
Lisboa	14	13	0,0	Neblina
Evora	13	13	0,0	Nevoeiro
Beja	12	10	0,0	Nevoeiro
Faro	11	11	0,0	Neblina
Sagres	11	10	0,0	Pouco nub.
P. Delgada	13	13	0,0	Neblina
Funchal	20	17	0,0	Pouco nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 19, Porto 16, Faro 19, Ponta Delgada 16, Funchal 23.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	5	5	Pouco nub.
Londres	0	0	Bruma
Paris	-2	-2	Neblina
Bruxelas	-3	-	Limpo
Amsterd.	-	-4	Bruma
Genebra	1	1	Bruma
Roma	2	1	Limpo
Oslo	-15	-15	Pouco nub.
Copenhaga	-	-7	Pouco nub.
Estocolmo	-15	-15	Neblina
Berlim	-6	-6	Bruma
Viena	-5	-7	Encoberto
Varsovia	-8	-8	Limpo
Atenas	1	1	Neblina
Moscovo	-12	-13	Neblina

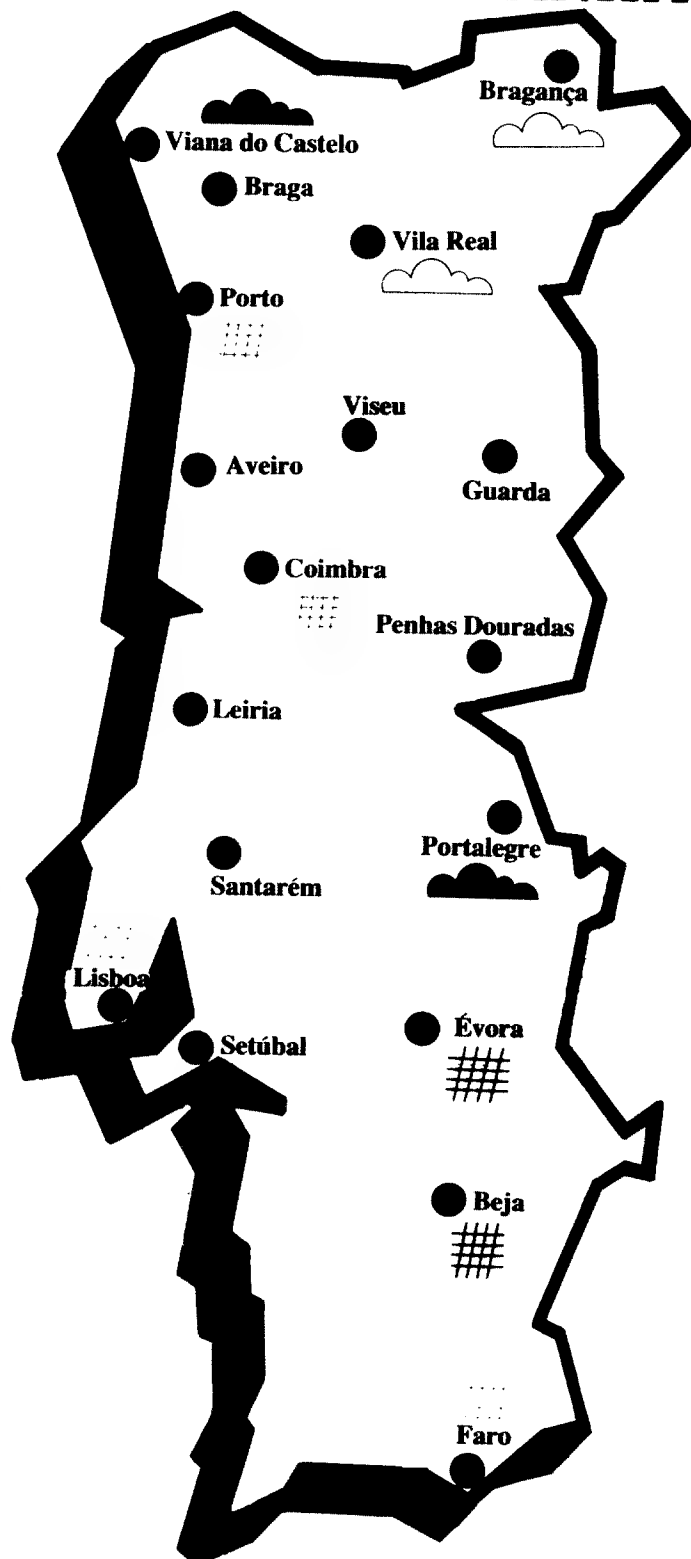
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Min.	Máx.	Às 13h.
Caracas	17	29	Nublado
Joanesburgo	15	27	Chuva
Los Angeles	13	20	Limpo
Montreal	-1	8	Limpo
Nova Deli	17	30	Limpo
Nova Iorque	12	25	Limpo
R. de Janeiro	21	32	Nublado
S. Francisco	9	12	Nublado
Sao Paulo	19	24	Nublado
Tóquio	4	12	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No continente:

Céu com períodos muito nublados, vento fraco, nevoeiros durante a madrugada e manhã. Pequena descida da temperatura máxima.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar geralmente encrespado. Ondulação de oeste com cerca de dois metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

Nos Açores:

No Grupo Ocidental: Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de noroeste enfraquecendo a partir do fim da tarde. Aguaceiros.

Nos Grupos Central e Oriental: Céu muito nublado. Vento fresco a muito fresco de sudoeste. Períodos de chuva, durante a madrugada, passagem gradual a céu com aberturas, vento moderado a muito fresco de noroeste e aguaceiros.

Estado do mar: Mar cavado a grosso. Ondulação de noroeste de quatro a cinco metros no Grupo Ocidental e de três a quatro metros nos Grupos Central e Oriental.

Na Madeira:

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco tornando-se moderado de sudoeste. Pe-

ríodos de chuva fraca a partir da tarde.

Estado do mar: Mar encrespado. Ondulação de noroeste de dois a três metros, sendo de sudoeste inferior a um metro na costa Sul.

AMANHÃ

Céu muito nublado. Vento fraco a moderado de sueste. Períodos de chuva, em especial no litoral oeste.

DEPOIS

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de sueste. Períodos de chuva, em especial no Centro e Sul.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
12.21	5.52 1.9 m
3.1 m	18.00 1.9 m

Amanhã

0.42	3.3 m	6.42	1.7 m
13.11	3.3 m	18.46	1.7 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

A EUROPA ÀS 6 HORAS



Dia 11, encenado por Ricardo Pais

"ANATOL" ESTREIA NO NACIONAL

"Anatol", de Arthur Schnitzler, com direcção de Ricardo Pais, estreia-se 4.ª-feira no Teatro Nacional D. Maria II.

Cinco episódios constituem o espectáculo que vai estar em cena na Sala Garrett; cinco dramas em um acto que Schnitzler considerou «peças perfeitas em si fechadas» e sobre as quais escreveu em carta a Otto Brahm: «em vez de anéis firmemente presos numa cadeia, os meus diferentes actos constituem pedrarias mais ou menos autênticas enfiadas num fio; não é uma necessidade que os mantêm enganchados uns nos outros — apenas se enfileiram sucessivamente na mesma fita».

Unidade diversificada, a personagem de Anatol exige, por isso mesmo, a João Perry um desdobramento complexo em cinco situações episódicas que, no seu conjunto caracterizam um comportamento infiel no amor, ora inebriado na nova aventura, ora velando de ilusões a mulher ideal.

Esta, a mulher mítica, é criada no palco por Fernanda Alves. As mulheres episódicas são representadas por Maria Amélia Matta e São José Lapa. António Rama desempenha o papel de Max, amigo e confidente de Anatol.

Para a concepção de "Anatol", Ricardo Pais reuniu no Teatro Nacional parceiros de outras produções suas, como «Saudades» (1977), «Ninguém» (1978), «Só Longe daqui» (1984) e «Teatro de Enormidades...» (1985); António Lagarto (cenários e figurinos), António Emiliano (música), José Ribeiro da Fonte (programa de manifestações paralelas), António S. Ribeiro (versão portuguesa), Paula Massano (coreografia) e Orlando Worm (luz).

Arthur Schnitzler, austríaco, que viveu em Viena entre 1862 e 1931, é considerado o dramaturgo que melhor soube colocar em cena a Cidade dos

Sonhos e a crise que Freud lhe diagnosticou. Anatol cumpre um ritual de sexo sem amor, de egoísmo e solidão, de arrebatamento e fantasia, próprio de uma época em que «confluem o sonho e a vigília, a verdade e a mentira».

Em constante mudança, rompendo com os valores tradicionais — «a segurança não existe» — Viena vive o «alegre apocalipse» da decadência do Império ao mesmo tempo que os seus intelectuais e artistas, alheados das realidades externas e desdramatizando-as, concentram energias e talentos na pesquisa da complexidade interior do homem e na missão estética de dar forma a essa exploração. Paradoxalmente, o fim da monarquia dos Habsburgo coincide com um período extremamente fértil e criativo na arquitectura, na música, nas artes plásticas, na literatura, na psicologia.

E se Viena, que foi capital imperial e centro médico do mundo, cobriu com uma cortina de silêncio as teorias de Freud, suportou mal as críticas de Kraus e rejeitou as inovações musicais de Schoenberg, hoje é ela entendida, por entre interrogações e fascínios, como o período crucial da edificação da modernidade ocidental, berço do serialismo e da psicanálise, de Hofmannsthal, de Musil e Wittgenstein.

Durante a carreira de "Anatol", com extenso ciclo de realizações, subordinadas ao tema «Viena 1900 apresenta-se», fornece ao espectador um quadro de referências da época. O programa inaugura-se com um recital de lieder de Mahler, Zemlinsky, Richard Strauss e Webern, por Marina Ferreira e Nuno Vieira de Almeida, com apresentação de Augusto M. Seabra (salão nobre do teatro do Rossio, sexta-feira, às 18.30).

Em permanência estão abertas duas exposições documentais — uma na



João Perry e António Rama num momento de «Anatol»

Sociedade Nacional de Belas-Artes (cobrindo as artes plásticas, as artes aplicadas, a arquitectura e o urbanismo), a outra, biobibliográfica, ocupa o «foyer» do Teatro Nacional. No átrio

do teatro, está aberto um Café Vienense, referência do quotidiano austríaco.

O programa paralelo que se estenderá até 26 de Abril conta ainda com a colaboração da Cinemateca Portuguesa

para a exibição de filmes inspirados na obra de Arthur Schnitzler e de múltiplas sessões de amostragem dos aspectos essenciais da cultura austríaca entre 1860 e 1930.

Candy

MÁQUINA DE LAVAR ROUPA

UM ANO DE GARANTIA

2.450\$ POR MÊS

M.L. FERREIRA

R.D. Estefânia, 48A-1000 Lisboa

TEATRO VASCO SANTANA

Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA

VEJA TEATRO ÀS 19 H

— A PREÇOS REDUZIDOS —

NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h

SYLVIA PLATH - Quem a matou?

de BARRY KYLE

Trad. M.ª TERESA GUERREIRO

Dir. LUZIA MARIA MARTINS

Mont. FERNANDO FILIPE

INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)

CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *

MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

GUILHERMINO PEREIRA, L.ª

Certifico que, por escritura de 27 de Novembro de 1986, lavrada a fl. 51 v.º do livro de notas n.º 130-F do 19.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado Luís Lopes Pereira, Fernando da Costa Almeida, casado com Lídia Maria da Conceição Lopes de Almeida, na comunhão de adquiridos, residente na Avenida de Luís de Camões, lote C-31, 2.º, C, em Miratejo, concelho do Seixal, e António José da Conceição Neves, reside na Travessa do Monte, 16, 1.º esquerdo, em Lisboa, casado com Maria Alice Gomes da Cruz Neves, segundo o regime da comunhão de adquiridos, como únicos sócios da sociedade comercial por quotas que usa a firma Guilhermino Pereira, L.ª, com sede em Lisboa, na Travessa do Caldeira, 8 e 8-A, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 2950, deliberaram elevar o capital social de 5000\$ para 400 000\$, aumento este, de 395 000\$00, que está integralmente realizado, em dinheiro, que já deu entrada na caixa social, e foi subscrito em partes iguais por eles dois únicos sócios, tendo assum cada um deles contribuído com a quantia, ou uma nova quota, de 197 500\$.

Que, em consequência deste aumento, alteram o artigo 2.º do pacto social, alterando mais o artigo 4.º do mesmo pacto, os quais ficaram com a redação seguinte:

2.º

O capital social é de 400 000\$, está integralmente realizado, em dinheiro e nos demais bens e valores constantes do activo social, e corresponde à soma de duas quotas iguais, de 200 000\$, pertencendo uma a cada sócio.

4.º

A administração da sociedade e a sua representação incumbem aos sócios Fernando da Costa Almeida e António José da Conceição Neves, os quais ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução.

§ único. Para obrigar a sociedade basta a assinatura de dois gerentes.

Está conforme.

19.º Cartório Notarial de Lisboa, 12 de Fevereiro de 1987.

A Ajudante,

Maria Henriqueta Oliveira Madeira Nazaré

D.L. 10/3/1987

Centenário de Amadeo de Sousa-Cardoso

GULBENKIAN PREPARA EXPOSIÇÃO

Isabel Braga

Serviço Lusa/DL

ALMADA Negreiros chamou a Amadeo de Sousa-Cardoso «a primeira descoberta de Portugal na Europa do século XX», mas o ponto de vista contrasta com a opinião da maioria dos portugueses da sua época.

Dois exemplos, ocorridos quando por causa da guerra de 14-18 ele regressou de Paris à terra natal: na primeira exposição que fez em Portugal, em 1916, no salão do Jardim Passos Manuel, no Porto, um visitante cuspiu-lhe para os quadros.

Em seguida e em Setúbal, também por altura de uma exposição sua, agrediram-no na rua de tal forma que se viu obrigado a receber tratamento no hospital.

É evidente, ninguém nessa altura suspeitava que Amadeo de Sousa-Cardoso iria tornar-se numa espécie de «bandeira» da cultura portuguesa, noção que perdura até aos nossos dias, como se pode ver, nomeadamente, pelo lugar de honra que ocupa na exposição permanente do Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian.

É justamente a Gulbenkian que prepara uma mostra geral da obra de Sousa-Cardoso para 1987, ano em que se comemora o centenário do nascimento do pintor. A iniciativa pretende juntar todos os seus quadros, incluindo os que estão dispersos pela Europa e pelos Estados Unidos.

Assegurada está já a presença em Lisboa das obras de Amadeo propriedade do Museu de Chicago, as do Centro George Pompidou, as do Museu de Amarante e as que ainda estão na posse da sua viúva francesa.

A exposição, a inaugurar a 20 de Julho, incluirá documentação e obras dos companheiros de Amadeo, Emmérico Nunes, Manuel Bentes e Domingos Rebelo, entre outros que, como ele, viviam em Paris nos alvares do século.

Com esta mostra pretende a Gulbenkian descrever o ambiente que rodeava o pintor em Paris e também as diferenças entre ele e os outros portugueses que, como ele, foram para a capital francesa atraídos pela «vida moderna».

Quem era Amadeo

Mas quem era este homem que entre os 19 anos de idade que tinha quando chega a Paris e os 30 com que morre (vítima de uma epidemia de «pneumónica») conseguiu demonstrar que era o maior pintor dos anos 10 nascido em Portugal?

Amadeo de Sousa-Cardoso, filho de uma abastada família rural e ilustrada de «Manhufe», perto de Amarante, partiu para Paris em 1906. Ia frequentar o curso de Arquitectura da Escola de Belas-Artes, após um ano de estudos em Lisboa, de onde saiu desiludido com a cidade a que chamou «anémica, onanista».

Em Paris instalou-se numa confortável pensão familiar, vivendo de uma mesada que o pai lhe enviava. Aí desistiu da carreira de arquitecto e foi aperfeiçoando, inspirado nos modelos da Imprensa parisiense, o desenho de caricaturas a que já se dedicava em Portugal.

Nessa época — conta José Augusto-França na biografia que sobre ele escreveu — «gabava-se dum capote alen-

teano que levava para Paris (e oferecera a Modigliani), declarando ser essa a capa dos grandes fidalgos da pátria distante».

(...) «Dava-se ares de relações no 'Monde' e aparecia de «smoking» aos amigos, anunciando jantares 'En ville' — que não eram muito acreditados pelos comensais da pensão de madame Friot na Rue Delambe... — escreve o mesmo autor.

Amadeo de Sousa-Cardoso não cultivava, em Paris, as saudades de Portugal. Aos poucos afastava-se dos seus compatriotas os quais — confidência, por carta, a um tio — «marcham numa rotina atrasada».

Frequenta os mais célebres «ateliers» de Montparnasse, convive com Modigliani ao qual o liga — diz José Augusto-França — «um idêntico sentido de elegância aristocrática». Com ele e no seu «atelier», faz uma exposição.

Nesses anos de Paris, Amadeo trabalhava sem parar, pesquisando para encontrar um estilo próprio.

A partir de 1912, ano que assinala uma libertação de Amadeo de modelos literários ou outros alheios ao seu próprio trabalho, publica o album «XX Dessins», desenha o manuscrito ilustrado e uma obra de Flaubert, «La Légende de Saint Julien L'Hospitalier» e expõe no Salon des Indépendants.

Participa no Armory Show, em Nova Iorque, exposição repetida em Chicago e Boston, expõe em Berlim e novamente no Salon des Indépendants. Trabalhos seus são reproduzidos no livro «Cubism and Post-Impressionism» de Arthur Jerome Eddy, publicado em Chicago.

Da obra de Amadeo de Sousa-Cardoso pode dizer-se que pertence ao cubismo, orfismo, purismo, abstraccionismo, futurismo e dadaísmo.

Aprendiz de feiticeiro...

«Aprendiz de feiticeiro como todos os criadores do seu tempo, Amadeo não teve idade de vida para saber deter o frenesim da vassoura bailadeira que o destino lhe pusera nas mãos — e ainda menos para saber escolher o que queria ou podia ser, que é ciência da maturidade», escreve José Augusto-França.

Na verdade, Amadeo de Sousa-Cardoso morreu cedo, com 30 anos, de uma epidemia que em 1918 fez muitas vítimas em Portugal. Regressara a casa dos pais, em Manhufe, quatro anos antes, fugindo da guerra, e aqui ficou à espera de poder regressar a Paris e aos projectos interrompidos.

Em Portugal, viveu como um desconhecido num isolamento quase total, quebrado a certa altura pela convivência com o casal Delaunay, Robert e Sonia, refugiados de guerra.

Em 1916, resolve expor no seu país e escolhe a cidade do Porto, para o fazer, já que em Lisboa viviam antigos contemporâneos seus de Paris com quem se desentendera, como Santa-Rita Pintor.

Oitenta óleos, algumas ceras e vinte aguarelas e dez desenhos constituíram a exposição que não agradou ao público



português, antes despertou a sua indignação: «alguém lhe cuspiu num quadro marcando bem, em saliva lusitana, o ódio provinciano a toda a novidade e, na rua, outro desconhecido interpelou o pintor perguntando se fora ele que fizera aquilo que estava ali em cima.

«Respondido que sim, agride-o de chofre, com rancor, mandando Amadeo para o Hospital da Misericórdia» — conta José Augusto-França.

No mesmo ano, Amadeo de Sousa-Cardoso expõe na Liga Naval, em Lisboa e Almada Negreiros escreve um folheto distribuído na sala apoiando o pintor. Sobre ele, disse o Almada que era «a primeira descoberta de Portugal na Europa do Século XX».

A solidão em Manhufe e o afastamento de Paris era cada vez mais difícil de suportar para Amadeo, reflectindo-se na sua produção do último período, onde resalta uma grande angústia. A guerra estava no fim e Amadeo ia

poder voltar a França. Foi então que rebentou a epidemia de «pneumónica», matando-o a ele e a mais cinco pessoas da sua família.

Décadas de silêncio sobre Amadeo de Sousa-Cardoso e a sua obra decorreram desde então, com algumas excepções. Eduardo Viana, seu amigo e companheiro, recorda-o numa exposição em 1921 e, em 1935, António Ferro, director do SNI, cria um prémio com o seu nome, mas até 1952 nenhuma obra sua é mostrada em Portugal.

Só em 1967-68, a pintura de Amadeo pode ser mostrada aos portugueses, quando a Fundação Gulbenkian adquiriu os primeiros quadros do pintor para a sua colecção.

Entretanto, em Paris, aquela que foi mulher de Amadeo de Sousa-Cardoso durante apenas três anos, não voltou a casar-se. É francesa, chama-se Lucia e tem noventa anos, mais de sessenta dos quais dedicou à memória do marido.

"Persona" estreia "Auto da Índia e d'Outras Andanças"

A Persona, que se estreou em 86 com «O Barbeiro de Sevilha» de Beaumarchais, vai agora apresentar «Auto da Índia e d'outras andanças», um espectáculo de Guilherme Filipe, com base nos textos de Gil Vicente «Quem tem farelos» e «Auto da Índia», acrescidos de excertos camonianos e de cronistas de quinhentos.

Pretende-se apresentar uma visão da sociedade portuguesa da época dos Descobrimentos e, através dos tipos cómicos de Mestre Gil, divertir e cativar um público que a nova geração de actores deseja muito mais vasto.

Nesse intuito, tem este espectáculo os seus principais destinatários nos estudantes do ensino secundário, mas também no público em geral.

O espectáculo, subsidiado pela Secretaria de Estado da Cultura, estreará dia 16 no auditório da Biblioteca Nacional, em Lisboa, onde se representará até ao dia 27, de segunda a sexta, sempre às 18 horas. Por amabilidade do Teatro Experimental de Cascais, transitará para o espaço-TEC (ao Pão de Açúcar) onde se representará de 30 de Março a 12 de Abril com o seguinte horário:

Tardes — de 2.ª a 6.ª as 18 h; sábado e domingo às 16 h; noites — 5.ª, 6.ª e sábado às 21h 30m.

O elenco é formado pelos actores (por ordem alfabética) António Cordeiro, Cristina Buero, Custódia Gallego, Guilherme Filipe, Jorge Campos, Paulo Lages, Rosa André. A execução cenográfica é de Alberto Conceição e a execução do guarda-roupa de Mestra Amélia Varejão.

As escolas e instituições interessadas, recomenda-se a marcação prévia dos grupos para os telefones: 84 76 58 (espectáculos na Biblioteca Nacional) e 268 81 46 (espectáculos no Espaço-TEC).

Seis "Cesares" de ouro para "Thérèse"

O filme «Thérèse» de Alan Cavalier, actualmente em exibição em Lisboa, foi no sábado o protagonista da «Noite dos Cesares» ao obter o galardão máximo para o melhor filme, melhor realizador, melhor argumento, fotografia e montagem.

Os «Cesares», equivalentes aos Oscars de Hollywood, foram concedidos em Paris pela Academia Francesa de Arte e Técnica Cinematográfica, que atribuiu o de melhor actriz a Sabine Azema pelo seu desempenho no filme «Melo», do realizador francês Jean Resnais.

Daniel Auteuil recebeu o «Cesar» de ouro pela sua interpretação em «Jean de Florette», o grande êxito de bilheteira do cinema francês em 1986.

«O Nome da Rosa», do francês Jean-Jacques Arnould, recebeu o «Cesar» para o melhor filme estrangeiro. A 12.ª edição dos «Cesares», criada por Georges Cravenne, foi também uma homenagem ao actor francês Jean Gabin, quando se passaram 10 anos sobre a sua morte.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

FILHO DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

T. 763319

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

A VIDA É ASSIM
(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

QUE BELA NOITE DE NÚPCIAS
(Int. m. de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme "O Ralo Verde" realizado por Eric Rohmer (Ciclo Comédias e Provérbios). É um filme de qualidade galardoado com o Leão de Ouro (Grande Prémio) no último Festival de Cannes. A intérprete é Marie Rivière. Em exibição no Estúdio 444

Capitolio

— T. 372358

DESEJOS INTÍMOS
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

APANHADO NUM MUNDO DE BARRETES
(não acons. men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebluco

— T. 556824

DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
OS COMANDOS DA NOITE
(m. 16 anos)
24.00 h

Cinebolso

AS TARDES ESCALDANTES DUMA BURGUESA FRUSTRADA
(Int. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

O UIVO DA FERA
(Int. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

VIDAS EM JOGO
(não acons. men. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
OS COMANDOS DA FORÇA Z
(não acons. men. 18 anos)
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

SUBWAY — SUBTERRÂNEO
(maiores 12 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheraz

TOP GUN — ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

À VOLTA DA MEIA-NOITE
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O MEDALHÃO DO MAL
(m. 12 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

OS MESTRES DO KUNG-FU
(m. 18 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

PEGGY SUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

2001 — ODISSEIA NO ESPAÇO
(n/ac. a men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

O RALO VERDE
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

O GOLPE DO GÊNIO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

MONA LISA
(m. 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

O PRINCEPE DA CIDADE
(n/ac. a m. 18 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

O REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio

— T. 555134

FORTE SAGANE — O HERÓI DO DESERTO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

A MOSCA
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

A MOSCA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
CAL — TEMPO DE GUERRA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma

T. 889192

PSICO III
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

GORDON O PIRATA NEGRO
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, e 21.30 h

Sala 3

FILHOS DE UM DEUS MENOR
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

A VIDA É ASSIM
(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

NADA EM COMUM
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

T. 706666

DESAPARECIDO EM COMBATE — Parte II
(maiores 12 anos)
15, 17.30 e 21.30 h

Voxman

— T. 880808

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15, 18 e 21 h

Xenon

T. 368480

NOITE DOS ARREPIOS
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro
— «Prisão de Mulheres», às 15.30 e 21.15 h (m. 18 anos)

AMADORA — Cineteatro
— «Prisão de Mulheres», às 15.30 e 21.15 h (m. 18 anos)
AMADORA — Cinestúdio
— «O Regresso à Escola», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia
— «Amigo Mortal», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CACEM — Cinestúdio Flores
— «Thor — O Conquistador», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby
— «As Aventuras de Jack Burton», às 21.30 (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António
— «Chamavam-lhe Génio», às 17 e 21.30 h (n/ac. a m. 13 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme
— «Nova Iorque Fora de Horas», às 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril
— «O Nome da Rosa», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000
— «E.T. — O Extraterrestre», às 15.30 e 21.30 (para todos)

OEIRAS — Alto da Barra
— Sala 1 — «Regresso à Escola», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Poltergeist II — O Outro Lado», às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine
— «E.T. — O Extraterrestre», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

CASCAIS — Miramar
— Sala 1 — «Os Bravos do Pelotão», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia
— «Desejo de Morte», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio
— «Acto Selvagem», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almada
— «O Homem da Maiorca», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano
— Sala 1 — «Dois Polícias à Solta», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Campo do Inferno», às 16.15 e 21.45 h (maiores 16 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense
— «Thor, o Conquistador», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)

LINDA-A-VELHA — Cine-tropical
— «Oito Milhões de Maneiras para Morrer», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel
— «Guerreiros do Deserto», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)

CRUZ DE PAU — Cinema Lord
— «Terror no Auto-Estrada», às 16 e 21 h (m. 18 anos)

A INQUISIÇÃO NA BIBLIOTECA

Encontra-se patente na Biblioteca Nacional uma exposição sobre «A Inquisição em Portugal» (1536-1821), que estará aberta ao público até 30 de Abril, de segunda a sábado, das 10 às 17 horas. A exposição consta de livros, manuscritos, gravuras, quadros, mapas e objectos que documentam perto de três séculos em que a Inquisição vigorou em Portugal.

Dos objectos expostos, destacam-se um cofre e uma escultura em terracota, representando S. Pedro de Arbues, que pertenceram à Inquisição de Évora e provêm do Museu daquela cidade, bem como uma ampulheta com a inscrição «Da mesa da consciência e Ordens», pertencente ao Museu Nacional de Arte Antiga. Entre os livros expostos, são de realçar alguns dos índices de livros proibidos e edições da época de autores censurados pela Inquisição, entre os quais Erasmo, Lutero, Tomas Mora, Gil Vicente, Camões, Bernardim Ribeiro e Damião de Gois. Cabe ainda mencionar um desenho original de Soares

dos Reis — «Cena de Inquisição» — cedido pelo Museu Soares dos Reis do Porto, bem como gravuras e objectos pertencentes ao Museu da Cidade de Lisboa e a particulares.

Dois núcleos se destacam na exposição. Um sobre os Autos da Fé e, outro dedicado a processos e processados pela Inquisição. Neste último núcleo, sobressaem os processos de George Buchanan, Damião de Gois, padre António Vieira, António José da Silva (O Judeu), Cavaleiro de Oliveira e José Anastácio da Cunha, todos provenientes do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Passando em 1987 o segundo centenário da morte de José Anastácio da Cunha, a exposição inclui uma pequena mostra sobre a vida e obra deste poeta e matemático do século XVIII.

Paralelamente à exposição, a BN editou um catálogo que inclui uma extensa bibliografia e uma cronologia da Inquisição elaborada por Francisco Bethencourt.



Obra gravada e litografia de Yersin na Gulbenkian

EXPOSIÇÕES

- GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias): exposição de Yersin - obra gravada e litografia, organizada por Françoise Simecek et La Fondation William Cuendet & Atelier de Saint-Prex.
- GALERIA DA LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): exposição colectiva de Pintura com obras de Batarda, João Hogan, Jorge Martins, Menez, António Sena, Nikias Skapinakis e João Vieira.
- GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): Pintura e Gravura de Paiva Raposo até 7 de Abril. Patente de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13. Simultaneamente, o lançamento dos portfólios «Visitações e Crucificações», do mesmo autor.
- HOTEL MERIDIEN (Lisboa): até 20 de Março, a exposição itinerante brasileira «A Gravura Contemporânea», cedida pela Embaixada do Brasil e que foi preparada para

percorrer diversos países da América Latina, sendo Espanha o próximo destino

- PEQUENO FORMATO (R. do Teixeira, 25 r/c): até dia 21, uma amostra das pequenas grandes obras de Pedro Homem de Melo - aguarelas, gouaches e gravuras. Mas o «pequeno formato» expõe, simultaneamente, trabalhos de Alice Vinhas, António Melo, Dourdil, Escada, Jorge Martins, Justino Alves, Lagoa Henriques, Margarida Lagarto, Pedro Campos Rosado, Pedro Tudela, Rosa Carvalho, Santa Cruz, Sérgio Taborda e (muitos) outros. Patente de segunda a sexta das 14,30 às 20, sábados das 15 às 19.
- ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMADORA: até dia 14 uma exposição de Gravura e Serigrafia de Gil Teixeira Lopes, Matilde Marçal, João Hogan, Manuel Cargaleiro, Rogério Ribeiro e Espiga Pinto. Patente nos dias úteis das 9 às 23, sábados das 9 às 13.
- MUSEU DE SETÚBAL (Convento de Jesus): exposição com obras de Eduarda Castelo, Graca Delgado e Pilar Sobral.

- COLEGIO MILITAR (Museu Colegial): até dia 15 a exposição «400 Anos de Relojoaria» evocando a figura de Justiniano de Araújo, relojoeiro inventor dos fins do século XIX, ex-aluno daquele estabelecimento de Ensino. A mostra, que tem carácter didático e cultural, está aberta ao público em geral e a grupos de alunos de outros estabelecimentos, entre as 10 e as 13 e as 15 e as 18,30 (dias úteis) e entre as 15 e as 18,30 aos sábados e domingos.

- MUSEU DE SINTRA (galeria de exposições temporárias): até 20 de Março a exposição «A Pedra, o Barro e a Forma», com trabalhos em mármore e cerâmica dos artesãos Amílcar Salomé e Eduardo Azenha. Patente das 9,30 às 12 e das 14 às 18.
- DIFERENÇA (R. S. Filipe Neri, 42): exposição de fotografia de Ernesto de Sousa com o título «Itinerários». De terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

- BIBLIOTECA MUNICIPAL (Entroncamento): exposição de Pintura de João Alfaro. Patente todos os dias das 17 às 20, sábados e domingos das 15 às 20.
- JUNTA DE FREGUESIA DE SANTIAGO: exposição de desenhos de Fátima



Pintura de Paiva Raposo, na Galeria de S. Francisco

Teixeira Lopes, patente até dia 21.

- CENTRO CULTURAL (Santarém): no Forum deste centro regional, uma exposição de Pintura de Stela Barreto.
- GALERIA DE ARTE DE TAVIRA: exposição de escultura de Pedro Ramos, até dia 27, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19.
- GALERIA MUNICIPAL (Aveiro): Zé Penicheiro expõe pinturas sobre o tema «Aveiro - a Ria e o Mar», até 22 deste mês.

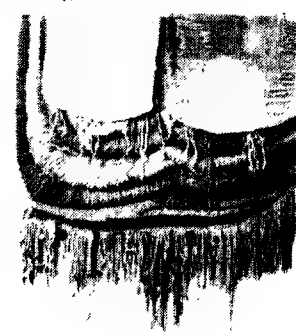
- CETÁRIA (Setúbal): até 9 de Maio, uma exposição com trabalhos de Nuno Henrique de Castro (pintura) e Susana de Barros (cerâmica). Patente de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.

- ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca): Pintura de Joaquim Baltazar até 12 de Março. Patente de segunda a sexta, das 11 às 20.

- SALA DO CASTELO (Campo Maior): Tapeçarias de Portalegre por iniciativa da Associação de Artes Plásticas de Campo Maior. Tapeçarias sobre cartões da autoria de Almada Negreiros, Carlos Botelho, Júlio Pomar, Cruzeiro Seixas, Costa Pinheiro e Pinto Coelho. Até 15 de Março, das 9 às 12 e das 14 às 17, todos os dias excepto segundas-feiras.

12,30 e das 15,30 às 19,30, sábados e domingos das 15,30 às 19,30. A galeria encerra às segundas e feriados.

- MUSEU DE JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): até dia 22, a exposição «Alguns Reflexos da Arte da China em Portugal», com o patrocínio do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian. Esta mostra, que consta essencialmente de peças de porcelana, azulejos e mobiliário dos séculos XVII e XVIII (documentação fotográfica), é exemplo da influência da arte oriental na arte portuguesa.



Tapeçaria de Gisella San ti, no Casino Estoril

- GALERIA PAULINO FERREIRA (R. Nova da Trindade, 18-B): exposição de Pintura de H. Mourato, até dia 30 de Março, de segunda a sexta das 9 às 12,30 e das 14,30 às 19, sábados das 9 às 13.
- SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): Pintura de 1976 a 1986, todos os dias das 14 às 20, excepto segundas e feriados.
- HOTEL ALBATROZ (Cascais): Pintura de Carlos Lança, durante o mês de Março das 10 às 23.
- OLHARTE (Calçada do Cardal, 18): exposição de Pintura de três jovens artistas plásticos - Carlos Augusto Ribeiro, Gil Heitor Cortesão e João

Jacinto - sob o título «Duíno». Patente até dia 18, de terça a domingo das 16 às 20.

- GALERIA LAPUB (Figueira da Foz): exposição de trabalhos de José João Brito.
- MUSEU DO TRAJE: Ana Silva e Sousa expõe esculturas com o título «Viagem da Boa Esperança», comemorativa do 5º centenário da viagem de Bartolomeu Dias. Até 15 de Março.

- GALERIA HOLLY (L. da Trindade, 17): colectiva com novas obras de João Hogan, Mário Cesariny, Raul Perez, Barros, Cargaleiro, João Cutileiro, Joaquim Rodrigo e Gonçalo Duarte. De terça a sábado das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30, segundas das 15 às 19,30, até 31 de Março.
- DITEC-ESPAÇO ARTE (Av. da Igreja, 46-A): Pintura de Zé Penicheiro com o título «Lisboa 1900», onde o artista retrata, no seu estilo, «o mundo das ruas, bairros, vielas e costumes alfacinhas nos primeiros dez anos deste século». Patente até 15 de Março, de segunda a sexta das 14,30 às 19,30, sábados das 10 às 13 e das 15 às 19,30.
- EDIFICIO CASTIL: Os Artesãos e Gonçalo Ramos Pereira apresentam a sua nova colecção «Les Mariees».

CINEMAS

- CINEMATECA NACIONAL: Cinema Francês-Anos80 com o filme «Aos Nossos Amores» de Maurice Pialat, com Sandrine Bonnaire (18,30) e Schnitzler em Filme com «Liebelci» de Max Ophuls, de 1932, com Magda Schneider e Wolfgang Liebeneiner (21,30).
- FORUM PICOAS: Ciclo New York, New York com «O Príncipe na Cidade» de Sidney Lumet, sessões às 19 e 22.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— **ALTO DE SANTO AMARO:** Teles, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE:** Belo, Av. de Roma, 53-A (T. 7763140); **ELVIRA:** PORTAS DE BENEFICA: Progresso, E. A-Damaia, 74-C (T. 702226); **CAMPO DE OURIQUE:** Porfírio, R. Francisco Metras, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70:** Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO:** Vitalis, R. Moraes Soares, 69-C (T. 841779); **LUMIAR:** São Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **OLIVEIRA SUL:** Antunes Rosas, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **RATO:** D. João V. R. D. João V. 16-C (T. 682772); **SÃO VICENTE:** Rosa e Viegas, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **TIVOLI - RESTAURADOR:** Galénia, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **PATAMEIRAS - ODIVELAS:** R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 982545); **PONTINHA:** Pontinha, E. de Santo Elói, 4 - lote SE (T. 990220).

REFOÇO — ALVALADE - POTE DE ÁGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-b (T. 890131); **AMOREIRAS - CAMPOLIDE:** Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS:** Góis, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **AREIRO - APEADEIRO:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIXA:** Teixeira Lopes, R. do Ouro, 154-155 (T. 324816); **CAMINHOS DE FERRO:** Alves Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE:** Nova Iorque, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **D. CARLOS I:** Lys, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE:** Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **PICHELEIRA:** Mar-luz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA:** Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS:** Canto, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **BRANDOA - AMADORA:** Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 883220); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Chal, Av. General Humberto Delgado (T. 240318). Até às 19 horas; **IARANJEIRO:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 21 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA:** Moura Carneiro, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243720). Até às 22 horas; **ARRENTELA:** Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10 (T.

2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2430100). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Permanente; **Bairos,** R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Bonfim,** Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias e Saraiva, Av. Afonso Pala (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 183 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECE:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OELAS:** Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PA-REDE:** Brandão, Av. da República, 77-C (T. 247054). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL:** São João, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2471312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Permanente; **Clarel,** R. António Sardinha, 23-D (T. 493851). Permanente; **Amadora,** P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CA-CEM:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **ALGUEIRÃO:** Vitor Manuel, E. de Algueirão, 123 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO:** Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA:** Marrazes, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM:** Soares, R. José L. Moraes, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; **LOURES:** Sávia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas; **AVEIRO:** Central, R. dos Mercadores, 26 (T. 23870). Permanente.

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb., às 21.30, e domingos, às 17 h.
«VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER» de Roger Vitrac, Enc. de João Mota.

CAFÉ-TEATRO

Sextas e Sábados, às 24 h «FARSA VOCÊ MESMO» — um espectáculo de café-teatro — coordenação geral de Carlos Paulo e João Mota.

Teatro «O Bando»

P. de Espanha — Tel. 726 69 10

«A VIAGEM», de Sophia de Mello Breyner. Encenação e cenografia de João Brites.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«ESCRITA EM DIA», Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mario Zambujal. Intérpretes: Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Manna Mota.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES», texto de César de Oliveira e Varela Silva. Intérpretes: Ivone Silva, Camilo de Oliveira, Maria Armada, Dulce Guimarães, Luís Mascarenhas e Luís Aleluia, entre outros.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00

«A MULHER DO CAMPO», de William Wycherley. Pelo Teatro da Comucópia. Intérpretes: Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria, Márcia Brea, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, entre outros. Música de José Mário Branco.

Porto — Teatro

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30

«MEROPE — LIBERDADE OU MORTE!», baseado em textos de Almeida Garrett, pelo TEAR. Recolha de textos e encenação de Castro Guedes.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31

De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«O MOTIM», de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sã da Bandeira

R. Sã da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira. Raul Solnado e Iralho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

Teatro Infantil de Lisboa

Aos sábados às 16.00

«O CHOUPO ANDARILHO»

Domingos, às 16.00

«O AVESTRUZ MECANICO»

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)

De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30

«O JARDIM DAS CEREJAS», de Tchekov. Versão de João Lourenço. Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Pais Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

Alges — Teatro 1.º Acto

R. Eduardo Augusto Pedrosa, 16-A — Tel. 211 50 33

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«NÓ CEGO», pelo Grupo Teatro Espaço.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

3.ª, 4.ª e 5.ª, às 19.00; 6.ª e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro Estúdio d Lisboa

«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe. Intérpretes: Clara Joana, Luisa Ortigosa, Manuel Mendonça e Maria Dulce

Teatro «A Barraca»

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Diariamente, às 21.45; domingos, às 16.00

«MÁRIO GIN TÓNICO», sobre textos de Mário Henrique Leiria. Pelo Teatro Experimental do Porto. Interpretação de Mário Viegas.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«A VIDA É SONHO», de Calderón. Encenação: Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Francisco Soromenho, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Luzia Paramés e Miguel Martins. Um texto e um espaço: o resto quase não existe.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quinta a domingo, às 21.30

«DRACULOS JÚNIOR», texto e encenação. Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirta.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

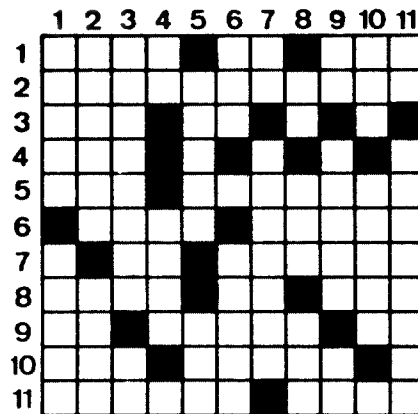
«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 978

HORIZONTAIS:

- 1 Morada. Preposição. Rio de Portugal.
- 2 O mesmo que acarretaricis.
- 3 Mágoa. Carta de jogar.
- 4 Cólera.
- 5 Figura que simboliza o povo americano. Decoroso.
- 6 Largo de Lisboa. Enoveloi o fio de uma meada.
- 7 Medida japonesa igual a dois decilitros. Tostas.
- 8 Freguesia do concelho de Santa Comba Dão. Duas consoantes iguais. Época.
- 9 Bismuto (s.q.). Fechara as asas para descer mais depressa. Vição.
- 10 Título honorífico na Índia. Cidade dos Estados Unidos, na Florida.
- 11 Meter em mala. Rezem.



VERTICAIS:

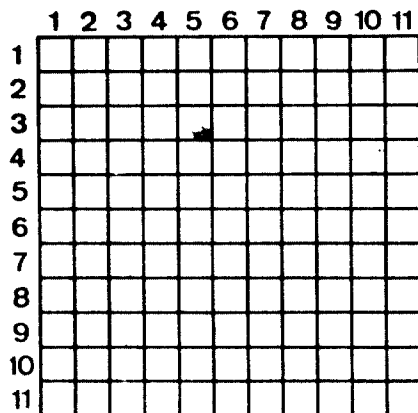
- 1 Cidade de Espanha. Indigente.
- 2 Assanhar. Tempo do verbo ver.
- 3 Apelido. O mesmo que uma (ant. e pop).
- 4 Clima. Cordas de reboque.
- 5 Dinheiro (gir). Magnete natural.
- 6 Concedes. Atração.
- 7 Espera resposta. Pequeno país na vertente meridional dos Pirinéus, entre a França e a Espanha.
- 8 Satélite de Júpiter. Grande quantidade. Patrão.
- 9 Preposição. Oculta. Caminhar.
- 10 Suspiros. Senra.
- 11 Ósmio (s.q.). Colocaram.

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 807

HORIZONTAIS:

- 1 Região meridional do antigo Congo Belga. Cobalto (s.q.).
- 2 Trabalho. Chiste.
- 3 Espera resposta. Oceano. Rénio (s.q.).
- 4 Completariam.
- 5 Estimaras. Planta textil do Ceará.
- 6 Guarnecem de asas. Natureza animal.
- 7 Abreviatura de Santíssimo. Confrontar.
- 8 Prendes. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- 9 Sobrara. Doutora.
- 10 Uma das Cíclades. Preposição e artigo (pl).
- 11 Calculara. Pega.



VERTICAIS:

- 1 Simples. Nome de peixe.
- 2 Nadaste (fig).
- 3 O mais. Conjuncção. Arsénio (s.q.).
- 4 Nome de fruto. Item.
- 5 Abaixem. Ir para fora.
- 6 Mulheres dos filhos. Rate.
- 7 Grego (abrev). Leitis.
- 8 Restara.
- 9 Alugas.
- 10 Cidade de Espanha. Rate.
- 11 Olá. Que são do ar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 977

HORIZONTAIS:

- 1 BOM. RAPEIRO.
- 2 Pás. Ru. Na.
- 3 César. Alter.
- 4 Art. Ia. Aero.
- 5 Carraca.
- 6 Ado. Macerai.
- 7 Seco.
- 8 Valado. Ah!
- 9 Ais. Lésbio.
- 10 Ando. Ar. los.
- 11 Coas. Ramas.

VERTICAIS:

- 1 CAÇA. O. AC.
- 2 Operado. ANO.
- 3 Mastro. Vida.
- 4 Sa. Casos.
- 5 Riam.
- 6 Ar. Acalas.
- 7 Fuá. Acedera.
- 8 La. Ecos.
- 9 INTEIRO. Biá.
- 10 Raer. Aios.
- 11 Rolinhos.

PROVÉRBIO: Bom rafeiro caça o ano inteiro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 806

HORIZONTAIS:

- 1 Prata. Pasma.
- 2 Massa. Aer.
- 3 Parótida.
- 4 Arcara.
- 5 Fiara. Ramas.
- 6 Atiá. Sigo.
- 7 Or. Mas. Air.
- 8 Omittas.
- 9 Amial. Ce.
- 10 Manta. Vinha.
- 11 Rosas. Aa. Ar.

VERTICAIS:

- 1 Pó. Afã. Mr.
- 2 Brito. Pão.
- 3 Am. Cairo. NS.
- 4 Tapara. Mata.
- 5 Asara. Mimas.
- 6 Sra. Bati.
- 7 Pão. Siava.
- 8 Toas. Alia.
- 9 Sai. Mias.
- 10 Med. Agi. Chã.
- 11 Ara. Sortear.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.50: Autores portugueses do século XX; 16.30: Álbum musical; 17.00: Cancioneiro popular português; 17.30: Concerto sinfónico; 18.40: Orquestras de câmara; 19.00: Integrais; 19.35: Sonoridades; 20.40 Música, para clarinete; 21.00: Ciência e tecnologia; 21.20: Suires, para orquestra; 22.00: As palavras dos músicos; 22.30: Os grandes mestres do lied; 23.00: Intercâmbio musical; 00.20: Fantasia, opus 18, de Tchaikovsky; 00.45: Mazurka, de Debussy; 00.50: Último andamento e resumo; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Tereira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola Branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 20.30: Meia de música; 21.00: Palácio de Cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

RTP 1

17.30 - Mira Técnica

Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário

18.07 - Brinca Brincando

«O Regresso de Lampada Maravilhosa», «Rato Rolando» e «O Pica Pau».

18.50 - Par ou Impar

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.10 - Palavras Cruzadas

42º Episódio: - Em casa da família Salgado começa a ser notada, cada vez com maior preocupação, a ausência de Rui. No escritório de Filipe, os empregados notam a ausência de Paulo, mas Simão ignora. [Paulo conta a João que algo de anormal se está a passar na empresa, mas ambos resolvem manter segredo. Simão encontra-se com Helena e pede-lhe que reponha o dinheiro retirado da empresa, mas ela diz-lhe que, de momento, não o pode fazer. Mina diz à mãe que o melhor é ela ir viver com Simão e dar-lhe o andar a ela. Lurdes argumenta que não tem dinheiro para lhe proporcionar luxos desses.

20.45 - Primeira Página

21.40 - Dempsey e Makepeace

18º Episódio: - Dempsey e Makepeace vão a caminho de SI 10 acompanhados por Jimmy, um jovem oficial, quando este vê Shore, um preto conhecido por estar ligado ao tráfico de droga. Shore está acompanhado pela namorada, Faith, e quando Jimmy sai do carro para ir verificar se leva droga consigo, Shore é mortalmente atingido por um tiro e Faith foge, em pânico.

Jimmy desafia o assassini, mas também ele é alvejado e morre. Dempsey e Makepeace ficam espantados com o sucedido, pois Jimmy era um excelente atirador. Só um profissional poderia ter disparado sobre ele.

E quem estaria interessado em assassinar o jovem oficial?

Realizador: Tony Wharmby

22.35 - 24 Horas

23.05 - Remate



No 1º canal, às 20.45, «Primeira Página» com o Presidente Mário Soares



15.05 - Agora, Escolha!

16.30 - Notícias

16.35 - Trinta Minutos Com...

Gonçalves das Neves

17.05 - Countdown

18.00 - Estádio

18.55 - Nino Show

20.05 - 5ª Dimensão

105º Episódio: - Marilyn Cubere, uma jovem de 18 anos, é escolhida para a «transformação», cujos poderes farão dela uma rapariga extraordinariamente bonita, sem qualquer imperfeição física. Mas toda a gente fica surpreendida quando Marilyn afirma que não tem a certeza de querer passar pela «transformação». O próprio Estado, os médicos, um psiquiatra e a sua mãe a tentam convencer. Mas Marilyn só se lembra do pai...

Realização: Abner Bieberman

20.30 - Uma Família às Direitas

81º Episódio: - Mike termina finalmente os seus estudos, arranja um emprego fixo e promete



A seguir, no mesmo canal, mais um episódio de «Dempsey e Makepeace», cerca das 21.40

que é desta que ele e Glória vão deixar a casa dos Bunkers...

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - E de Ler

«O Rumor da Língua» de Roland Barthes

21.35 - Cinema Dois

«A Guerra do Mirandum»: - O ponto de partida deste «filme histórico» é um episódio da «Guerra dos Sete Anos», na segunda metade do século XVIII. A reconstituição histórica, que passa tanto pela utilização dos cenários naturais em que os acontecimentos se verificam como pelo tratamento realista do guarda-roupa, tem como objetivo derradeiro dar conta de um típico fenómeno de mobilização popular face à ameaça de um exército invasor.

Interpretação: Maria do Céu Guerra, José Gomes. Teresa Madruga, Fernando Filipe, Laurinda Ferreira, Manuel Cavaco, Rui Furtado, Amílcar Botica e Santos Manuel.

Realizador: Fernando Matos Silva

AMANHÃ

RTP-1

17.30 - Mira Técnica

18.02 - Sumário

18.07 - Brinca Brincando

18.50 - Par ou Impar

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.05 - Vamos Jogar no Totobola

20.20 - Palavras Cruzadas

21.00 - Lotação Esgotada

23.05 - A Música de Michel Legrand

00.05 - 24 Horas

00.35 - Remate

RTP-2

14.17 - Novo Amor

15.05 - Agora, Escolha!

16.30 - Notícias

16.35 - Trinta Minutos Com...

17.05 - Countdown

18.00 - Estádio

19.00 - Nino Show

20.00 - Notícias

20.05 - 5ª Dimensão

20.30 - Uma Família às Direitas

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - E de Ler

21.35 - Natasha



AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

Dempsey e Makepeace

RTP 2

CinemaDois

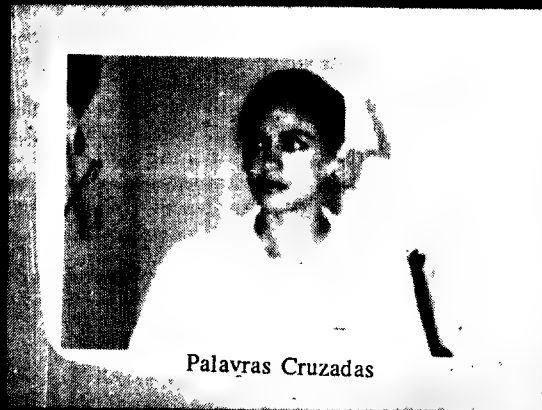
GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17

Cruz Quebrada-1495 LISBOA

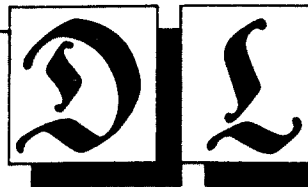
Telex: 4197570



Palavras Cruzadas



PORTE
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: **RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.**
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço de noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do «DL» na Madeira 40\$00

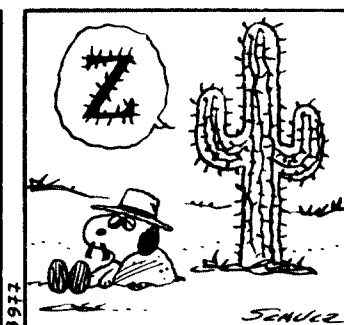
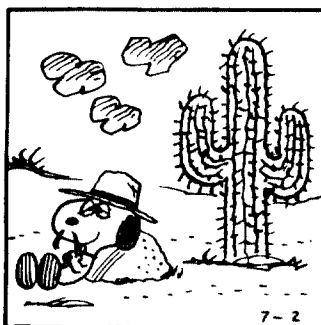
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

A greve de hoje dos estudantes da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa registou uma adesão total, segundo uma dirigentes sindical. «Até ao fim da manhã apenas um estudante furou a greve e fez um teste no curso de História», segundo a mesma fonte. Como noticiamos nesta edição, esta é a primeira de uma greve rotativa que durante esta semana de - verá afectar as Faculdades de Letras de Lisboa, Porto, Coimbra e de Ciências Humanas da Universidade Nova.



Hugo Rocha de novo afastado

O Conselho Superior do Exército confirmou, na passada sexta-feira, os nomes dos coronéis Sales Grade, Mourato, Espírito Santo, Areia e Bonito para as cinco vagas de brigadeiro em aberto neste ramo das Forças Armadas. Este órgão do Exército reuniu-se dois dias depois do Conselho Superior de Defesa Nacional, a que preside o Chefe do Estado, ter «congelado» as promoções de coronel a brigadeiro por da lista não constar o nome de Hugo Rocha. A atitude do CSDN «caiu bastante mal» no seio do Exército, soube o «Diário de Lisboa».

O «DL» apurou também esta manhã que, entre os novos generais promovidos na reunião do CSDN na passada quarta-feira, figura o nome de Marçalo Teixeira de Jesus, natural — como Hugo Rocha — da Madeira. Segundo uma fonte militar, uma vez mais a posição assumida por Alberto João Jardim «foi descabida», ao insurgir-se contra a não inclusão de Hugo Rocha na lista dos coronéis apenas por ser madeirense.

A mesma fonte frisou ao «Diário de Lisboa» que a única condição que está em questão é que o coronel Hugo Rocha neste momento não preenche o «vector profissional». O Conselho Superior do Exército, ao qual compete, em sintonia com o Chefe do Estado-Maior do Exército, elaborar e propor as promoções neste ramo, é um órgão com características profissionais «onde não entram factores políticos», ainda segundo o mesmo informador.

Para o CSE a promoção de Hugo Rocha a brigadeiro é questão que se não coloca. O órgão com forte «vector político» para situações deste tipo é, de facto, o Conselho Superior de Defesa Nacional, onde as promoções daqueles cinco coronéis a brigadeiros marcaram passo devido à posição assumida pelo Primeiro-Ministro. Em meios castrenses, a leitura que se faz da decisão — «congelamento» de cinco novos oficiais-generais — é de que apenas «razões políticas» estiveram na sua origem. O Conselho Superior do Exército entendeu, por isso, reafirmar os nomes da mesma lista, ignorando as «pressões» feitas para a inclusão de Hugo Rocha, por não dispor neste momento de «perfil profissional».

É muito provável que venha a ser convocada uma reunião extraordinária do Conselho Superior de Defesa Nacional a curto prazo para ultrapassar o impasse, uma vez que o «caso Hugo Rocha» não poderá impedir as legítimas ambições daqueles cinco coronéis e o CSDN tem periodicidade própria para se reunir. A este órgão é, por outro lado, facultada a possibilidade de não aceitar a lista, mas é-lhe vedado riscar ou introduzir qualquer outro nome.

A lista dos cinco coronéis propostos pelo Conselho Superior e pelo chefe do Estado-Maior do Exército ao posto de brigadeiro foi confirmada em reunião do CSE na passada sexta-feira, como acima se diz, e entregue ao ministro da Defesa, Ribeiro de Almeida, ontem. O nome de Hugo Rocha não figura nela apenas por «características profissionais».

Em meios militares ainda hoje se comenta a forma como Hugo Rocha veio a integrar à última hora um dos cursos de promoção no Instituto de Altos Estudos Militares, no tempo de Salazar Braga, ao que parece por pressão do falecido vice-primeiro-ministro Mota Pinto, a cujo gabinete estava adstrito. Aliás, os mesmos meios lembram que a sua carreira tem sido feita, nos últimos anos, em gabinetes ministeriais, não recolhendo por isso o «perfil necessário» para que neste momento o CSE o proponha a brigadeiro.

Uma fonte militar exemplificou, neste aspecto, a forma como foi indicado para adido militar de Portugal em Espanha: o lugar pertencia, no quadro de rotatividade dos ramos das Forças Armadas, a um coronel da Força Aérea, já que o anterior titular foi o coronel Pombeiro, do Exército. Ninguém sabe como, em vez de um oficial da FA foi destacado para Madrid o coronel Hugo Rocha...



LINDA RONSTADT e **James Ingram** são os intérpretes da canção «Somewhere Out There», que faz parte da banda sonora do filme «An American Tail» — o primeiro filme em desenho animado de Spielberg — e que é uma das composições nomeadas para o óscar de melhor tema musical de 1986. Além de «Somewhere Out There» encontram-se ainda nomeados «Glory of Love» (Karate Kid II), «Life in a Looking Glass» (That's Life), «Mean Green, Mother From Outer Space» (Little Shop Horrors) e «Take My Breath Away» (Top Gun).

ROCHA VIEIRA, ministro da República para os Açores, recebeu ontem em Angra do Heroísmo o embaixador da Nigéria em Lisboa que iniciou uma visita de quatro dias à região autónoma. Alhagi Ambursa, que se desloca ao arquipélago para contactos com as autoridades regionais, vai também encontrar-se com os presidentes do Parlamento e Executivo açorianos, Reis Leite e Mota Amaral.

CARLOS ZINGARO dará nas próximas semanas con-

certos em várias cidades francesas e no Festival de Salzburgo, disse à Lusa um amigo do violinista português. Integrado num trio com o saxofonista Daunik Lazaro e o contrabaixista Jean Bolcato, Zingaro estará a partir de 17 de Março nas cidades francesas de Metz, Avignon, Lyon e Paris e no Festival de Salzburgo, na Austria. Durante a sua estada em França, Zingaro será entrevistado na Radio France Culture pelo director da revista «Jazz Magazine», Philippe Charles.

JOSÉ SARAMAGO viu o seu romance «Memorial do Convento», traduzido em francês por «Le Dieu Man-chot», qualificado no jornal «Le Figaro» como um «ballet barroco». «Sobre um pano de fundo de Inquisição, de intrigas de corte, trabalhos forçados e epidemias mortíferas, o romancista brinca aos aprendizes-feiticeiros dum formidável ballet barroco que terminará nas chamas», escreveu o crítico da aquele diário francês. O crítico de «Le Figaro» considera que «desde que a Europa celebrou há dois anos o cinquentenário da morte de Fernando

Pessoa a literatura portuguesa passou de novo a ser apreciada pelos franceses».

MARIA JOAO PIRES obteve um assinalado sucesso com o concerto que deu domingo no Teatro do Rond-Point des Champs-Élysées. Durante este concerto, a pianista portuguesa interpretou obras de Bach, Chopin e Schubert. Segundo informaram os seus agentes em França, Maria João Pires irá tocar novamente a Paris no próximo dia 12 de Abril, no Teatro da Música, no Cha-telet.

MIRANDELA DA COSTA foi eleito vice-presidente do bureau executivo do Comité para o Desenvolvimento do Desporto (CDDs), organismo que abrange 24 países do Conselho da Europa, informou a Direcção-Geral dos Desportos. Portugal regressa assim a este órgão dirigente depois de em 1984 ter cedido o lugar à Grécia. O Conselho da Europa aceitou o projecto português sobre jogos populares e desportos tradicionais, cujos trabalhos preparatórios terão início este ano, em Novembro.

Para já, pelo menos

Regadas: operação aliviou problemas

A intervenção cirúrgica visando a extracção de um tumor no cérebro de Júlio Regadas correu melhor do que os médicos previam, segundo elementos colhidos esta manhã pelo «DL». Contudo, os diagnósticos e prognósticos estão ainda dependentes dos exames histológicos à matéria extraída na referida operação que, para já, aliviou a tensão intra-craniana aparentemente responsável pelos males que apoquentavam o inspector da PJ.

Uma das curiosidades de todo este processo que culminou com a referida intervenção cirúrgica foi o facto de a sua necessidade ter sido sentida e anunciada pelos médicos do Hospital de S. João, na altura em que a Polícia Judiciária se aprestava ao seu transporte e internamento no Hospital Prisão de Caxias.

Este elemento, reforçado pelo facto de o internamento de Júlio Regadas ter sido do conhecimento prévio de alguns jornais e não da Polícia Judiciária que o procurava para dar cumprimento a um mandado de captura, reforça o ambiente de estranheza quanto ao recente desenvolvimento deste caso.

Mas, ainda dentro da mesma linha se inserem os incidentes verificados à entrada do próprio hospital, quando agentes da Judiciária tentaram entrar no Serviço de Urgência, defrontando a oposição do porteiro de serviço no local, Norberto Teixeira.

Segundo este elemento da vigilância do hospital, os agentes terão tentado forçar a entrada sem se identificarem previamente, como ele exigia, em cumprimento das normas regulamentares ali vigentes. Só que os agentes, após terem mostrado a sua identificação, deram ordem de prisão ao porteiro e chegaram mesmo a levá-lo à directoria da PJ no Porto. Seria posto em liberdade pouco tempo depois.

O inspector da PJ, procura desde 29 de Dezembro pelo seu provável envolvimento do chamado «São bentogate», encontra-se agora sob apertada vigilância policial, no hospital portuense onde foi internado e operado.

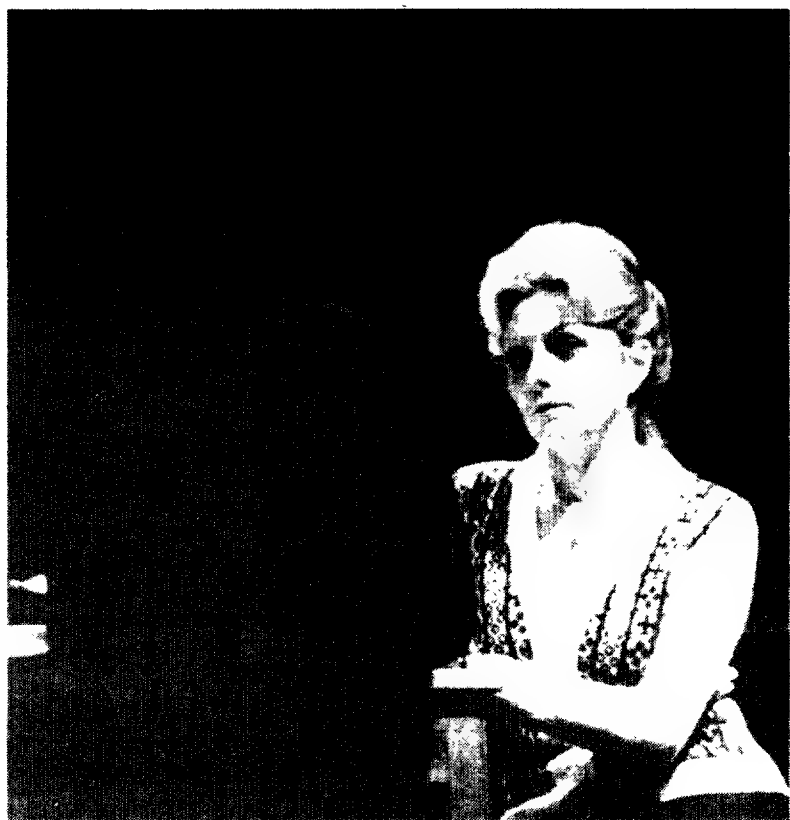
SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

Dois novos espaços no Sete Ponto Sete: Manuel Cintra inicia uma série de entrevistas com actores, encenadores, cenaristas, intitulada **Retratos no Teatro**. O primeiro retrato é o de Manuela de Freitas, na página 3 desta edição. Daniel Reis inicia outra série de perfis, intitulada **Mulheres do Meu Tempo**. O seu primeiro trabalho é sobre Lúcia Franco, na página 8 desta edição. Trata-se de novos espaços semanais, que os leitores do Sete Ponto Sete encontrarão todas as terças-feiras, nas mesmas páginas do suplemento.

Retratos no Teatro

Manuela de Freitas



Mulheres do Meu Tempo

Lúcia Franco



Entrevista com Martin Scorsese

A história completa de «A Cor do Dinheiro»

HÁ 25 anos, Paul Newman, belo como um deus, tornava-se Eddie (Fast) Felson, esgueirando-se entre salas de bilhar no filme de Robert Rossen e tornava-se um clássico. Em *The Colour of Money*, de Martin Scorsese, o actor, envelhecido mas cada vez mais belo, tem um magnífico «espada» branco, vende uísque e tem uma amante *barmaid*. Ele tem saudades do bilhar e dá-se conta disso quando se cruza com um jovem sobredotado, Tom Cruise, que, como ele próprio fazia dantes, se passeia entre salas de bilhar, acompanhado pela *girlfriend*, uma jovem nada tímida. E começa o *match* terrível, eterno, entre o homem à beira da velhice e o adolescente a quem não falta temo, que tem toda a vida diante de si.

A história das filmagens é mais complicada do que a história do filme. E começou há muito tempo, há mais de dois anos, em casa de Paul Newman, com Martin Scorsese e o autor do guião, Richard Price.

«Richard e eu», diz Martin Scorsese, «chegámos de *blue-jeans* e de *blazers* pretos e estoirados pela diferença horária. Paul levou-nos para a varanda, sob um sol dourado, conosco quase sufocados: dois *Nosferatus*.»

Richard Price, o autor do guião, entra no jogo:

«Marty estava para ali com o seu 'spray' nasal, eu fumando como uma chaminé e tossindo como um moribundo: dois palhaços novaiorquinos com o senhor Hollywood. Dir-se-ia um filme de Jim Jarmush.»

Scorsese retoma:

«E Paul começou a falar do prazer sensual que encontra ao comer talhadas de melão durante o duche. Richard e eu olhávamos um para o outro como se nos perguntássemos o que lhe tinha dado. Mas a situação era delicada, tratava-se de Paul Newman...»

Newman reconhece que a publicação do romance de Walter Tevis lhe ressuscitou a imagem de Eddie Felson. «Contrariamente a um Butch Cassidy, Felson não estava liquidado. Perguntei a mim próprio o que lhe poderia ter sucedido. O personagem ainda me era fisicamente familiar». Ele perguntou a Newman: «Quem é que já está implicado nisto?» E Newman: «Ninguém, ó você e nós. Temos um guião sobre o qual tenho algumas



Paul Newman em «The Colour of Money»

reservas, mas dou-lho na mesma para o ler. Leia-o.»

Scorsese gostava das primeiras trinta páginas, mas não do resto. Havia referências de mais ao outro filme, demasiados *flash-back*: o filme não lhe parecia poder aguentar-se sozinho. Seria necessário ter visto o primeiro para entender o segundo.

«Havia ali um grande potencial, mas era preciso outro guião.» Paul Newman confessa então que já está a trabalhar no projecto há um bom ano, que, no mínimo, era preciso dar uma segunda oportunidade ao guionista original. Scorsese não gosta da ideia e põe-se a trabalhar com Richard Price.

«De início, diz este, não me apetecia que ele continuasse a jogar bilhar. Se ele queria continuar na-

quele universo, mais lhe valia transformar-se em 'empresário', em financeiro. Em vez de rei dos ladrões, ele devia tornar-se em seu conselheiro. Devia tornar-se no ser mais amoral, mais cínico, mais vicioso, mais venal. Numa palavra, ele devia tornar-se num George C. Scott, o personagem que era o seu inimigo principal no filme de há 25 anos. Depois tropeçaria em Vincent — Tom Cruise — mais parecido com o que ele fora há 25 anos, e, a pretexto de o conduzir, devia explorá-lo. Mas, ao fazê-lo, descobriria o seu vício, a sua tentação maior, a sua razão de viver.»

Scorsese prossegue:

«A coisa torna-se numa relação entre pai e filho, o velho guerreiro e o jovem iniciado. O simbolismo se-

(continua na pag. 7)



Monstros XII

Chaké Matossian

A matéria informe

O monstro humano de que fala Santo Agostinho na *Cidade de Deus* corresponde a matéria informe sobre que ele se interroga nas *Confissões*, mais particularmente na XII, em que o filósofo comenta os primeiros versículos do *Genesis*: «As trevas estavam sobre o abismo...». Este comentário levar-nos-á ao limiar do impensável, do indescritível. Como pensar o impensável? Ou ainda, como pensar a matéria informe que tem a ver com o impensável, não apenas pela sua ausência de forma, mas também por causa da sua situação muito singular e paradoxal no Tempo e no Espaço?

A matéria informe seria essa matéria bruta, inorganizada, a partir da qual Deus «afeiçoou» a Terra. Trata-se de matéria sem aparência, pura informidade, sem figura nem cor, mas uma informidade que, no entanto, se diferencia do *nada*.

É para atenuar a dificuldade de pensar o que não tem aparência que os versículos do *Genesis* utilizam, de modo muito pedagógico, as palavras «terra» e «abismo», que darão aos menos inteligentes, aos «espíritos lentos», segundo Santo Agostinho, uma «vaga ideia» da «total informidade» (iv., 4), ou para a fazer penetrar subtilmente neles: «Ora a terra era invisível e inorganizada, e as trevas estavam sobre o abismo. Estas palavras insinuam a ideia de informidade, como um soalco onde acolher aqueles para quem é impossível conceber uma rivação e aparência que seja total, sem no entanto atingir o *nada* (XII, 15).

O próprio Agostinho experimentou dificuldade em conceber a matéria informe que confundiu, num primeiro tempo, com a matéria disforme, pensando assim, erradamente,

o informe sob o aspecto do monstro: «Numa desordem extrema, o meu espírito desenrolava formas horribéis e repulsivas, mas que no entanto eram formas; e eu chamava informe ao que estava em estado, não de alta de forma, mas de ter uma tal que, se aparecesse, o seu aspecto insólito e bizarro agrediria os meus sentidos e libertaria a fraqueza do homem» (VI, 6).

É neste movimento das formas, este princípio de mutabilidade, que Agostinho, muito próximo de Plotino e, através dele, de Platão, desconfiará da existência da matéria informe.

A mutabilidade aparecerá como o que é próprio da matéria informe, o que permite à forma acontecer. Vemos, de resto, que a matéria informe de Agostinho recorda essa espécie de ser que Platão, no *Timeu*, tinha dificuldade em definir, quer dizer, a *khôra*, que seria como que o *receptáculo* e a *fonte* de todo o nascimento, análoga à mãe, semelhante a um «porta-impressões» e absolutamente informe, pela simples razão que ela deve poder receber todas as formas sem as contrariar; ora, uma forma prévia do receptáculo deformaria necessariamente uma forma heterogênea que nela se viesse imprimir: «É necessário que aquilo que deve receber todas as formas seja alheio a todas as formas» (50.^a).

A mutabilidade da matéria informe permanece, senão enigmática, pelo menos paradoxal para Santo Agostinho como para Platão.

Assi, escreve Agostinho, «a mutabilidade mesma das coisas mutáveis é capaz de todas as formas, nas quais se mudam as coisas mutáveis. Mas ela própria, o que é? ... Se pudéssemos dizê-la «um nada que é



Um monstro de François Desprez (1565)

alguma coisa» e «um ser que é um não-ser», eis o que eu diria dela» (VI, 6). Platão, por seu lado, definia a *khôra* como uma espécie invisível

e sem forma que recebe tudo, e que participa do inteligível de maneira bastante obscura e muito difícil de entender» (51 a), acrescentando que

não a podemos aproximar se não através de um «raciocínio bastardo» (52 b). Anotemos aqui que Platão assinala de preferência a perturbação criada pela questão da matéria informe, e não uma eventual inferioridade desta última.

A F. Dagognet falta portanto *nuance* quando ele afirma que o esquema *hilemórfico* do *Timeu* visa o «rebaixamento» da matéria (1).

Não é apenas do ponto de vista da sua essência espacial que informidade se revela paradoxal. É também do ponto de vista temporal.

Com efeito, ela é intemporal, por um lado, e, no entanto, embora subtraída ao tempo, ela comporta uma certa anterioridade em relação ao mundo organizado. Paradoxo que se enuncia ainda de outro modo, quando Agostinho anota, por um lado, essa antecedência a-temporal da matéria e, por outro lado, a criação *simultânea* da matéria e da forma.

Em última instância, o paradoxo da matéria informe reenvia-nos, como o monstro da *Cidade de Deus*, para a obra de um *Deus Artista*, tanto mais que, como escrevia Henri Focillon.

«Enquanto não vive na matéria, a forma não é mais do que uma visão do espírito, uma especulação sobre a extensão reduzida à compreensão geométrica... A mais ascética das artes, ... não apenas é sustentada pela matéria da qual quer escapar, como é alimentada por ela» (2).

Chaké Matossian

Notas

- 1) François Dagognet, *Kemeterialiset*, Paris, 1985
- 2) Henri Focillon, *Vida das Formas*, Rio de Janeiro, 1985

Scorsese e a cor do dinheiro

Continuação da pág. 1

xual do taco de bilhar torna-se evidente mesmo para um cego... E eu apercebi-me de que Felson tinha de reganhar interesse pelo jogo, e sobretudo que teria de se aperceber de que isso lhe estava a acontecer. Como um velho realizador de cinema que já não realizasse, e tivesse passado a produzir os filmes dos outros, mas que não pensasse senão em voltar a estar por detrás da *caméra*...

Scorsese empurrou Price para um sentido que lhe é querido: o da redenção.

Primeira reacção de Newman: «Hum, pode ser interessante. Explore por aí.» Comenta Richard Price:

«Eu pense que ele queria dizer: vamos a isso. Ingenuidade minha. Estar de acordo com certo ângulo não significa avançar à doida. De qualquer modo, o dinheiro não era dele e, naquele estágio, ainda não havia filme nenhum.»

Foi nesta base que Richard Price decidiu iniciar-se nos segredos do bilhar. Introduziu-se no meio dos «empresários» da 14.^a rua, em Nova Iorque, meteu-se à estrada, mergulhou nas salas de bilhar de Atlantic City, do Kentucky, da Virgínia, aprendeu como funcionam os «golpes» de grande calibre. Uma vez por outra, regressava das suas incursões com um relatório. No fim da série de viagens tinha 80 páginas cerradamente escritas à máquina.

Scorsese gostou. Newman detestou: «É duro de mais.»

«Newman — continua Richard — não gosta de representar malandros à la Robert de Niro, homens de coração de pedra, que estão para além de qualquer redenção possível. E se ele não quisesse representar mais, ninguém mais representaria, acabava-se o projecto, não haveria mais filme, adeusinho e obrigado.»

Assim, Richard decidiu-se a refazer o seu «puzzle», até que tudo voltasse a novos lugares, continuando a fazer sentido.

Cineasta e cenarista põem-se de acordo sobre o seguinte: a maioria das sugestões de Newman revelaram ser positivas.

Ele próprio diz, um dia:

«Porque é que o 'barman' não haveria de ser uma mulher?»

«Boa ideia», respondem eles. E assim surge a personagem desempenhada por Helen Shaver.

Do mesmo modo, a cor definitiva da personagem Carmen, a companheira de Tom Cruise (Mary Elisabeth Mastrantonio):

«Já tínhamos o jovem casal — conta Scorsese — e Newman passava-o pelas estradas, havia problemas entre ele e a rapariga. Então Newman sugere: 'E se o empresário fosse ela?' Toda a gente decidiu embraiar na ideia.»

Ora tudo isso demorou meses, entre o primeiro encontro, na Califórnia, em Fevereiro, até Novem-

bro de 1985, quando o trio está outra vez em casa de Newman, no Connecticut. O problema do final continuava então por resolver, mas eles decidem-se a dar início à aventura. Newman sugere o nome de Tom Cruise.

«Paul Newman e Tom Cruise», belo cartaz em perspectiva, o negócio está no papo. «Julgam vocês — acrescenta Scorsese. *Legend* ainda não tinha sido estreado, *Top Gun* ainda não tinha sido filmado, nós não fazíamos a menor ideia de qual iria ser a popularidade de Tom Cruise. Começámos a montar o filme com a Fox, visto que ela tinha os direitos do antigo filme, mas a Fox rejeitou-o. A *Columbia* também. Ninguém queria fazê-lo.»

Henri Behar

Retratos no Teatro

Manuela de Freitas

por Manuel Cintra

Telefonei para casa da Manuela de Freitas, na tarde em que estava previsto ir entrevistá-la. Ninguém respondia. Soube depois que tinham entretanto ligado para minha casa a adiar. Foi assim que esta conversa começou. Com um desencontro. Como tantas vezes no teatro português.

SÃO uns olhos azuis, grandes, inquietos. Umas mãos magras que mexem no ar como se quisessem agarrar uma coisa que não existe. Uma certa crueldade, contida, entalada nas rugas de dentro, que a luta foi deixando. Afinal a única certeza. Depois de duas horas de conversa tem-se a certeza da única certeza: para esta mulher, só o teatro é que pode ser. O resto é tão mais difícil, tão cheio de obstáculos, que se torna absurdo.

— O teatro é o único sítio onde eu me sinto bem. Na vida, nunca tive muito jeito, nunca me senti muito à vontade. E no teatro que tenho as minhas melhores capacidades, é onde tenho menos defeitos.

O «bicho» mordeu cedo. Já em miúda fazia brincadeiras, em casa, a querer fazer teatro. Com os irmãos. Ou até à mesa, para distrair os pais, para os convencer a não ter que comer a sopa... Ou depois nas festas de Natal, num grupo que montava espectáculos festivos, na igreja de Fátima. Mas tudo isso, por muito intenso que fosse, era a brincar: nunca lhe passou até muito mais tarde pela cabeça, vir a ser actriz.

Aí entra em cena uma grande ternura. Falar do passado parece difícil e ao mesmo tempo encantatório. Há muita dor no meio disto tudo. E uns sorrisos gigantes esboçados, que depois desaparecem.

— Estava no liceu, era para ir para Matemática. Era a coisa que eu mais gostava.

Mas houve dificuldades em casa. Achou que em vez de tirar um curso devia ir trabalhar. Tirou um curso intensivo de secretária e empregou-se. Tinha 18 anos. Ficou lá durante os cinco anos seguintes. A trabalhar as oito horas or dia, a chegar a casa rebentada e pronta para dormir, a ignorar o resto do mundo, o resto da vida, a fechar-se no sono ao fim-de-semana e a chorar bastante nas horas vagas. A vegetar.

Tudo isto é dito hoje com uma certa ironia. A ironia de quem sabe a que ponto a violência está errada, a que ponto dói entregar aquilo que não se tem e guardar cá dentro o resto, não o conhecer sequer. A ironia que vem muito mais tarde, quando já se sabe que quase todos fazem isso, todos os dias, a entregar a força errada no sítio errado.

Claro que durante esses anos o teatro estava ali, e a vontade também. Ia muito ao teatro. Foi quando o João d'Ávila formou o Grupo Fernando Pessoa. Um dia, a Manuela leu num jornal uma entrevista com o dr. Fernando Amado, em que ele falava de teatro e dizia o que o teatro era para ele. Onde explicava que tinha um grupo, no Centro Nacional de Cultura, que ela então ignorava. Foi um encontro muito importante. Estava ali uma pessoa a dizer exactamente aquilo que ela já pensava. Era assim que entendia o teatro, assim exactamente. Pouco depois soube de uma conferência, ilustrada com partes representadas, e foi assistir. Foi então que decidiu ir ter com ele, dizer-lhe que queria fazer teatro. «Então apareça.» Diz que sempre foi muito tímida. Ainda hoje é. Demo-

rou muito a tomar coragem, mas um dia apareceu. Depois de algumas peripécias, acabou mesmo por lá ir ter. Voltou para casa com o monólogo da Castro nas mãos, que Fernando Amado lhe entregou para que decorasse. Quando voltou, daí a uma semana, foi para ficar: passou a lá ir todos os dias, depois do emprego.

— Claro que no dia seguinte já sabia o texto de cor e salteado, mas parecia-me muito estranho aparecer logo a correr. Por isso deixei passar uma semana.

Daí a algum tempo, iria em «tournée» ao Brasil, com o Grupo Fernando Pessoa, substituir a Isabel de Castro, no Marinheiro, um dos textos que o grupo lá foi apresentar, em que contracenava com Glória de Matos e Isabel Ruth. A Isabel de Castro não podia ir e o dr. Fernando Amado desafiou-a. Foi difícil convencer os pais, que até então nem sequer sabiam das suas idas quotidianas ao Centro Nacional de Cultura. Mas o caso é que foi, e que ao longo de várias apresentações por cidades do Brasil, tudo foi mudando. Quando voltou, era quase certo nunca mais voltar atrás. Nunca mais deixar de ter a certeza do teatro.

E no entanto, foi coisa que veio a acontecer várias vezes. Várias vezes a certeza a largou. Várias vezes houve paragem, durante estes anos. Várias vezes foi preciso tornar a pôr tudo em causa, saber com exactidão qual o rumo a tomar num país onde o teatro é tão raro como ela o entende. Onde é tão raro o encontro. Onde, para uma visão tão definida como a sua, desde o encontro com Fernando Amado, transformar isso em coisa real foi quase sempre efémero ou impossível. Durante essa primeira fase, quando se transformou uma antiga carvoaria naquilo que ainda hoje é a Casa da Comédia, tudo correu intensamente; fez-se o teatro em que se acreditava. Em grupo, com força, com uma orientação da qual não duvidara.

Até que o Fernando Amado morreu. Ao fim de algum tempo, decidiu largar o grupo. Acha que nada era já como dantes e que nada estava a ser como ela entendia. Há alturas em que a luta se torna absurda, em que a maré é forte de mais. Isso viria a acontecer várias vezes mais tarde. Não iremos falar aqui em pormenor de todo o restante percurso ao longo do qual a Manuela de Freitas se foi definindo como actriz e como mulher de teatro.

Houve lutas várias, tentativas várias, ilusões e desilusões como para toda a gente. Mas o que talvez interesse é explicar que quando esta mulher fala de tudo isto, mesmo quando mostra incerteza, é um contorno muito nítido que começa a aparecer. Essa incerteza, essa timidez e essa inquietação que tantas vezes mostra acabam por fazer transparecer um edifício sólido, muito mais sólido do que as magras mãos, o olhar triste, o sorriso termo e o sarcasmo subtil deixariam, à primeira vista, adivinhar.

Fica cada vez mais a certeza de que não há dúvida quanto ao teatro. Nem quanto à maneira de o fazer. O problema está todo no encontro. Ou nos desen-



Manuela de Freitas

contros, que são infelizmente muito mais frequentes. A paixão está ali, transborda. A teimosia também. Mesmo que se fale de paragem, ou de desistência, ou de outras coisas tão dramáticas como alguns momentos o são no palco. Vivemos num País dividido. Onde a força se repartiu em pedaços tão soltos e discordantes que os actos de paixão afloram cada vez mais raramente. São invadidos pelo comércio. E quando o teatro comunga com o comércio, está o caldo entornado.

Foi uma dessas divisões que mais marcou a vida da Manuela de Freitas. A Comuna, grupo de que foi fundadora (resultante de uma experiência mais curta. Os Boneceiros, grupo no qual trabalhou durante anos e onde terá decerto vivido alguns dos momentos mais tortes da sua carreira, grupo onde a palavra grupo tomou forma para ela, um dia quebrou-se ao meio, houve desentendimentos que o vieram a dividir; nasceu assim o Teatro do Mundo, que após bastantes espectáculos e uma luta muito grande por um espaço próprio acabou por concluir a sua actividade, chegando a conclusão que mais tempo assim não fazia sentido. E que, ao longo dos vários governos e das várias orientações que o sector de Teatro na Cultura teve, um fenómeno foi sempre muito mal entendido, pessimamente acompanhado, quase nunca ajudado a resolver: um

grupo de teatro, para que a sua actividade seja consistente, para que a sua personalidade se desenvolva, precisa, tanto ou mais do que de subsídios, de um espaço próprio. Senão não poderá ser um grupo, mas sim um conjunto de pessoas que montam espectáculos de vez em quando, em variados locais.

Acontece que no caso do Teatro do Mundo chegou a estar em causa um espaço, o da «sopa dos pobres», no Intendente, que, como é sabido, após estar oficialmente destinado ao Teatro do Mundo, e por falta de acompanhamento do então Ministério da Cultura, acabou por voltar às mãos da Misericórdia, vindo isso a determinar o fim daquele grupo, um dos que espectáculos de melhor qualidade nos deu nos últimos anos.

De tudo isto a Manuela nos fala com amargura. Quando lhe pergunto se pensa tornar a formar um grupo como aquele um dia, diz-me que não sabe. A sua vida tem estado semeada de paragens e de arranques. Porque é que o telefone não havia de tocar amanhã, ou depois, e uma notícia inesperada tornar a pôr tudo em marcha?

Durante os últimos tempos, Manuela de Freitas trabalhou várias vezes como actriz convidada, por exemplo em «O anúncio feito a Maria», de Paul Claudel, no Teatro Nacional D. Maria II, ou em «Paí», de Strindberg, no Teatro da Cornucó-

pia. Neste momento uma paragem após algum tempo de doença torna a pôr em questão se o teatro poderá ou não ser o futuro. A total insegurança em que vive qualquer actor português não ajuda. A certeza de se querer fazer apenas aquilo em que se acredita, também não.

Pergunto-lhe qual a importância que tiveram as suas participações em cinema, que começaram com «O Passado e o Presente» de Manoel de Oliveira, seguindo-se muitos outros filmes. Diz que tentou cumprir o melhor possível aquilo que outro criava, dando o seu melhor para que a obra do realizador fosse conseguida. Apenas nos últimos três filmes em que participou sentiu algo de diferente, uma hipótese mais certa de estar a ter outro tipo de participação mais criativa: em «Agosto», de Jorge Silva Melo, no último filme de Alberto Saixas Santos e em «O desejado» de Paulo Rocha.

Veio-lhe de vez em quando uma humidade aos olhos. Talvez nos momentos em que falasse mais empolgadamente, ou das coisas mais envolvidas de paixão, ou das experiências mais dolorosas. Pensei que fosse comoção. Mas agora acho que não. Era com certeza uma poeira imprevisível, coisa sem importância. Como tantas vezes no teatro português.

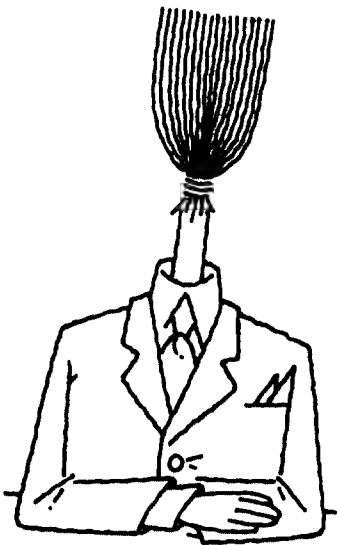
Inovação tecnológica e poder político

«Tecno-Lógicos» é o tema genérico do último número publicado da «Revista de Comunicação e Linguagens», órgão do Centro de Estudos do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, editada pela Afontamento.

Dedicado às novas tecnologias, este número inclui colaboração de Adriano Duarte Rodrigues, Pedro Jorge Braumann, Rui Cú-dima, Chaké Matossian (colaboradora habitual do Sete Ponto Sete), Emídio Rosa de Oliveira, José Bragança de Miranda, Joel Hasse Ferreira, Hector Schmucler, João Mário Grilo, Henri-Pierre Jeudy, Ricardo Petrella e Manuel Lopes da Silva.

Aqui publicamos, hoje, o artigo de Emídio Rosa de Oliveira «Inovação tecnológica e poder político», que situa o Estado e a prática política perante o desenvolvimento de um novo campo de determinações tecnológicas.

Datado de Dezembro de 1986, este número da «Revista de Comunicação e Linguagens» sucede a três outros volumes temáticos, respectivamente dedicados às «Máquinas Censurantes Modernas» (Março de 1985), «O Espaço Público» (Dezembro de 1985), e «Textualidades» (Junho de 1986).



A reflexão em torno da inovação tecnológica pressupõe partida uma tática de demarcação de dois tipos genéricos de discorrer: a posição catastrófica e que designarei por «retórica dos efeitos estatais», que encara a tecnologia como o operador por excelência da instrumentalização e da reflexividade do poder, e a posição inocentemente delirante a que apelidarei «retórica poética», que chega a considerar a técnica como a ocasião oceânica para a experimentação lúdica do real.

Ambas as concepções são maioritárias, atestando, cada uma por seu lado, o carácter estatal do real. A primeira sob o modo da sujeição, a segunda sob a modalidade da denegação. Como não me proponho fazer a genealogia do que é típico, nem tão-pouco comprazer-me na ideologia da desconstrução para averiguar o que já é sabido, tentarei nesta comunicação delinear, num primeiro tempo, uma reflexão capaz de dar conta da convivência da racionalidade tecnológica com o exercício da nova representação, e num segundo momento optar por uma posição mais preocupada com uma «política menor» do que com a grande política da conformação social.

PRIMEIRAMENTE trata-se de pôr em realce a correlação existente entre a nova racionalidade e o seu empenho em administrar simbolicamente um fundo de reserva, ou a reserva de um fundo. Convém desde já aclarar o que é que tendemos por reserva, a fim de pôr em destaque, no mínimo, três acepções possíveis. A palavra «reserva» é tomada em qualquer dicionário como sinónimo de: «corpo do exército que só em certas circunstâncias entra em serviço activo» (acepção militar). Ou ainda: «tudo aquilo que se põe em depósito para ocorrer a possíveis necessidades» (acepção económica), como também a maneira de adjectivar o carácter discreto de uma operação, ou de uma pessoa (acepção psicológica/diplomática). Estas três acepções bastam-nos para sublinhar o carácter económico-militar do dispositivo simbólico do poder. Os traços pertinentes extraídos dos vários usos da palavra «reserva» situam-nos frente a um dispositivo biotécnico de retenção e de conservação ao qual se articulam sempre uma estrutura de poder, quer ela seja de ordem militar, económica ou política (o segredo do Estado), ou religiosa (a sagrada reserva). A eficácia deste dispositivo realiza-se mediante uma operação de CÁLCULO e de CAPTURA, através da qual ele consegue transmutar cada estado de surpresa surgida no seu horizonte em variável a integrar. É bem comum ver-se neste esquema de captura, ou neste dispositivo oco, a maneira ideal que tem a ciência oficial de Estado de transformar os fluxos em axiomas e de praticar a sua sujeição reescrevendo-os numa ordem interna de razões verificáveis. A primeira «forma-Estado», ou a primeira máquina de guerra, será o SILOGISMO, na medida em que a sua clareza e verificabilidade nos cega pela poupança e magreza higiénica das suas premissas. A ciência do Estado, como diz Gilles Deleuze, «inibe a experimentação» (1), na justa medida em que receia a ALTERIDADE. Só entra no dispositivo aquilo que comprova o código — só é real o que pode ser operativizado e controlado e simultaneamente só é significativo o que se CIFRA, ou o que se RESUME. Tática que não vai sem nos elucidar de uma assentada do alcance performativo da logística*, bem como ainda do mecanismo de feedback como «técnica de retroacção regu-

ladora e conservadora da estrutura existente» (2). Se desenvolvemos toda esta «démarche» explicativa em torno do dispositivo simbólico do poder, é que a eficácia deste advém-lhe de ele ser uma mecânica constituída por uma constelação minuciosa de estratagemas, desembocando directamente na administração energética de um RESTO. É neste sentido, como bem afirma Jean Baudrillard, que o pensamento ocidental nunca suportou o vazio da significação, o não-lugar e o não-valor: «sempre lhe foi necessário um LUGAR e uma ECONOMIA» (3). É curioso, a título de exemplo, constatar a importância atribuída à «reserva do ouro» no domínio microeconómico, onde funciona como caução garantindo a legitimidade das trocas. Se insisto tanto no decorrer desta exposição no carácter económico é no fito de por aí visar o carácter sacrificial de toda a representação e ao mesmo tempo de salientar a vontade ética que nos tem ligado, no decorrer da história, a uma memória conservada como resto. Em ordem a medir a feitura do sistema ocidental no seu funcionamento mental e jurídico, talvez fosse bom reter a nossa análise no espaço reservado do silogis-

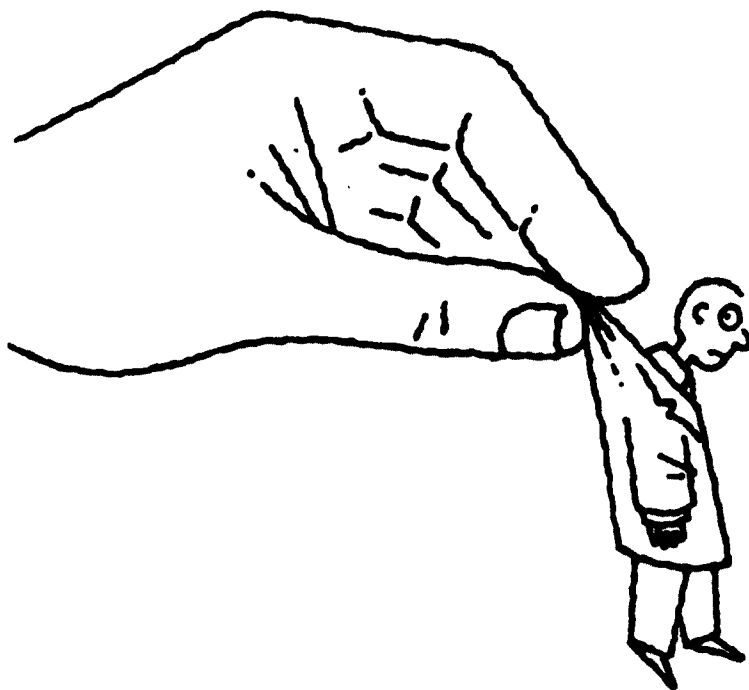
mo e tentar ver nele o lugar decisivo por onde nos é dado figurar a violência dos códigos. Sabemos, bem depois de Freud, que a cultura emerge a partir de um crime cometido em sociedade e que consequentemente toda a clareza, seja ela discursiva ou legal, esconde uma VIOLENCIA GENÉTICA, que parece ser a condição exigida instauradora de uma estrutura de significação. A orgânica reguladora dos códigos obrigou desta forma a representação do real a ser conforme à economia restrita dos enunciados. A carga biótica deste resto violentamente reprimida deslocou-se como máquina de guerra selectivamente programada e partiu em cruzada devastando tudo o que não se coaduna com o arquivo e conservou ao longo do trajeto tanatocrático «espécimes», que pudessem vir a garantir que a hecatombe teve lugar. A captura verificável forneceu a prova simbólica do acontecimento. O que a memória poupou serviu-lhe de prova. Foi assim que a regra lógica do terceiro excluído manifesta já na ordem interna dos discursos a transposição de uma operação e extermínio ocorrido no espaço/tempo das culturas. Parece ser em virtude desta transacção que a representação irá procurar ao equivalente homólogo desta «porção de realidade» na ordem abstracta das razões dos «LOGOS». Contudo, esta substituição da lógica do lugar (TOPOS) pela lógica gramatical revela-se impossível. É neste espaço de não coincidência entre a representação e as coisas, entre o desejo de saber e o poder de ocultar, que o símbolo emerge como RESQUÍCIO**, por onde vem a desempenhar eticamente a função de simulacro, e por onde, por sua vez, regula discretamente o funcionamento da sociedade e da língua. De Mauss a Lévi-Strauss, a antropologia social não deixa de confirmar esta equivalência do simbólico e do social, ao considerar como linguagens os diferentes meios de regulação a que o social dá origem» (4).

Por outro lado, a reserva, não é tanto a acumulação quantitativa que releva do domínio da utilidade pública, mas antes o LUGAR DA DÍVIDA. Depois de já não (poder) haver troca, ficou o lugar da operação da troca. Ora este lugar desempenha na lógica do símbolo o lugar do morto. Na conjuntura actual este lugar é o da DÍVIDA PÚBLICA, onde

cada um de nós figura de pés e mãos ligados, imolado para o resgate da crise. A administração deste estado de coisas resulta de um mecanismo de governação altamente simbólico e prático, que consiste em fazer passar a responsabilidade do regime público de uma governação para o domínio psicológico da individuação. Sempre foi em momentos de crise que mais se fez apelo à consciência cívica e à identidade nacional e em que o apelo frequente à cultura surge como o meio nobre para remediar e validar os ritos e actos de governação. É neste sentido que a terapêutica da crise está a fazer fortuna nos media — enquanto estes (e especialmente a televisão) a caracterizam não como trauma da política, mas como acidente de percurso a incorporar ou a esquecer. Para tal bastará diluir o «ocorrido» em narração e esperar que o discurso incorporado no espaço doméstico prossiga o seu lento trabalho de luto. Ora vejamos.

Logo após a constatação do «buraco orçamental» (5) seguiu-se o tratamento da crise nas «performances mediáticas» das quais o governo tanto se preocupa, pois é em virtude da sua eficácia que depende, imaginem, a possibilidade de ele continuar a convencer-se de que ainda representa alguém ou alguma coisa. É assim que, como diz Mattelart, «a indústria da informação é considerada, nas nossas sociedades, não só como saída económica da crise, mas também como a saída política da crise» (6). Ora pensamos que esta regulação postulada ou prevista para o bom funcionamento da sociedade surge fundamentada numa reserva simbólica, espécie de corpo dentro do corpo, que visa a constituir a legitimidade conferindo quanto mais não seja «cariz antropológico» aos actos formais de governação do poder. Não é tanto o conteúdo das formulações que conta, mas antes o aspecto autorizado e legal dos enunciados institucionais. Entre o símbolo e o direito, entre as reservas e as regulações, a sociedade dispõe para a reactualização permanente das suas regras e dos seus jogos de linguagem, de uma disciplina que a leva a distribuir discretamente o «claro/escuro», em ordem a poder tirar partido e proveito de todas as circunstâncias.

Estes expedientes de natureza política ou ideológica do saber e do poder têm sido postos em relevo por Michel Foucault. Os problemas levantados por este autor são tanto mais actuais quanto com a chegada da nova racionalidade tecnológica, a questão premente que irá ser posta reside na maneira como é que a tecnologia se enxerta ou ainda como é que será odelada toda a vasta gama microscópica e residual dos vários cultu-remas, mitemas e gustemas atinentes à singularidade ecológica de cada povo. Na óptica de alguns, pensase que nós estaremos em vias de passar de uma gestão racional dos resíduos para uma programação racional e nacional dos resíduos e dos objectos dos outros, consumidos a domicílio. Neste caso, hipótese que não é de rejeitar, a tecnologia revestiria a forma do grande cerco da domesticação e da ORTOPEDIA do social. A visão que Baudrillard projecta no seu livro *A sombra das maiorias silenciosas ou o fim do social* é a de que a integração simbólica está prestes a ser substituída por uma integração funcional onde as instituições funcionais tomam a cargo os resíduos da desintegração simbólica. Perspectiva que a rali-zar-se transformará o resto numa espé-



* Logística: ramo da arte militar que tem por objecto o movimento das tropas e do material.

Continua na pag. 5

** Resquício: restos, vestígios, mas ainda significa «pequena abertura».

Continuação da pág. 4

cie de anamorfose do social — pois será à medida que a MÁQUINA SOCIAL se apodera da higiene da alta tecnologia que ela tentará dar cabo de todos os resíduos tornando-se magicamente, por contágio ou por absorção, toda ela residual: «quand le reste atteint les dimensions de la société entière, on a une socialisation parfaite» (7). A imanetização deste resto à escala da sociedade não se exerce sem afectar profundamente a representação do social e sem nos elucidar do carácter homeostático do poder: à medida que o indivíduo tenderá a tornar-se mais visível emergindo desta atomização do social, o poder será cada vez mais anónimo e implosivo. O Estado confundido com o RESTO tomar-se-á endócrino.

— A segunda parte deste texto prende-se com uma micropolítica. A reflexão incide sobre a análise do contrato social e interroga o aparecimento de uma nova dissociação interna que caracteriza a maior parte da nossa *intelligentsia*. Adorno, como bom sintomatólogo, ao indagar o porquê desta nova configuração no seu tempo, pergunta: como é possível que haja homens que sejam levados a optar por uma política que proíbe o que eles próprios defendem ou desejam em estética? (8) Esta questão ilustra, em termos limite, o beco a que chegamos. Não deixa de ser curiosa a contradição. O aconchego da fórmula de massa do todos por um e do um por todos domou-nos a tal ponto que ainda não saímos da identidade geral das grandes causas. Falar, pois, de uma política menor é condenar-me a ser julgado por mais um pedante do social. Estará a política maioritária portuguesa, que já hoje tão ciosa é de reter e de administrar a informação, disposta a pôr de lado os mecanismos bióticos da regulação e a desatar os «nós» ou os núcleos duros que escravizam os «pensares» à força coercitiva da ideologia dominante? A análise de qualquer discorrer massmediático devolve-nos a vontade que todo o poder tem de submeter o local ao global, o específico ao genérico mediante o PACTO que encontra a sua razão última no BEM COMUM da gregaridade ouvida no voto. O sistema baseado nestes ingredientes de feitura jurídica, nesta *RATIO*, tenta definir a «estabilidade funcional» e o fechamento da organização social das pessoas e dos haveres sobre si, operando desta sorte uma morfogénese do tipo (1 + 1 ≠ 2), sendo esta a idealidade numérica do cidadão, a figura abstracta, ou a forma simbólica da ordem, dos estados.

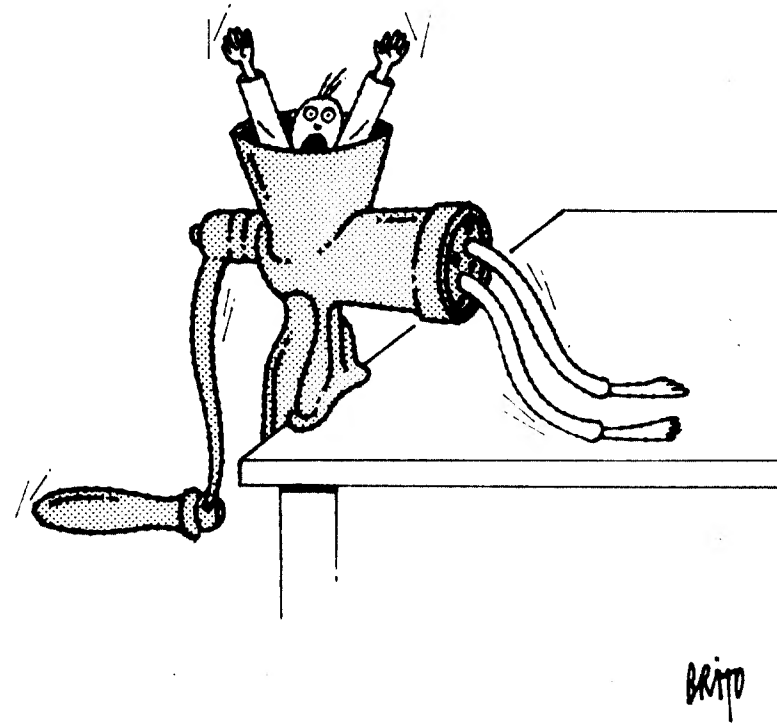
Tornou-se impossível, no dizer de Lyotard, «legitimer le dépeçage» por la promesse d'une émancipation de l'humanité tout entière» (9). Esse projecto de emancipação que apontava para uma universalidade da razão e para um grande «récit» em torno do qual girava a grande política, já não é possível. Aquilo a que assistimos hoje nas nossas democracias mediáticas é bem equacionado por Jean-Luc Godard: «Si Mauroy trouve que la télé française est mauvaise, qu'il se demande si elle ne serait pas meilleure si l'envie lui prenait de ne plus s'adresser à quarante millions de personnes. Il n'y a que Hitler qui a pu un moment vouloir s'adresser à..., on a vu les résultats» (10). O mesmo mal nos é apontado por William Burroughs quando nos elucida sobre o alcance ideologizante da informação: «quanto menos um saber é monopolizado, tanto menor ele poderá ser empregue para fins de controlo» (11). A importância de uma política menor mais confrontada com questões de estilo de existência, parece-me inevitável, dado o desejo hege-

mónico da grande política em tudo querer açambarcar. Se o gigantismo parece condenado em razão da sua rigidez e dos seus custos, é necessário favorecer a criação de pequenas unidades que tenham «chances» efectivas de sucesso. A descentralização deveria permitir realizar, neste domínio, opções e promover novas configurações que precipitassem, a breve trecho, o enfraquecimento das classificações unificadoras. Para tal, urge reinventar uma RACIONALIDADE MALEÁVEL na sociedade pós-industrial e exigir um «ESTADO MÍNIMO», pois gerir a mudança pressupõe também um mínimo de coesão social. Devia ser para o estabelecimento de uma tal racionalidade que o progresso das ciências e das técnicas deveria contribuir, caso contrário tudo se encaminharia para uma tecnologia política do controlo social. Só uma política adequada à mudança social poderá afrontar os problemas e as virtualidades inerentes a esta nova ordem tecnológica. Esperar pela informática e pela tecnologia de ponta para resolver todos os impasses é mais uma vez retardar as propostas para a viabilização de um futuro diferente.

O discurso político, na sua forte resistência à mudança, continua a fomentar a dissociação hereditária entre a cultura e a técnica, afectando esta ao domínio do «utilitarismo» e a cultura à actividade nobre do espírito. Só uma acção dos poderes públicos numa reflexão conjunta entre diversas áreas profissionais, acerca das saídas para os impasses poderia, para além das variações doutrinárias e das estratégias políticas divergentes, fazer face à inovação tecnológica. A necessidade urgente que temos de repensar a inovação tecnológica provém de um mal-entendido que gostaríamos de questionar. Porque é que é necessário um desenvolvimento tecnológico uniforme em todo o planeta, porque é que não se desenvolvem tecnologias alternativas adaptadas às necessidades das diferentes comunidades e às suas concepções de vida?

A resposta a dar a tal questão é fácil, pois ninguém duvidará que o desenvolvimento tecnológico cresce perulariamente sem visar alvos. A tecnologia moderna não nos conduzirá fatalmente a uma sociedade mais livre, como o desenvolvimento das forças de produção não nos conduziu ao socialismo, como o pensava Marx. O desenvolvimento da indústria cultural da informação, do social, traz consigo não somente um projecto de cultura como ainda um novo sistema de organização do poder. No dizer de Mattelart, a comunicação e a cultura ocupam um lugar privilegiado na restauração dos mecanismos institucionais, na medida em que através deles se opera o que se poderia chamar o processo de privatização ou de «comercialização» do Estado, quer dizer, a colonização do Estado pela norma comercial, forçosamente mais universalizável do que a norma do serviço público ou do interesse público (12). O problema principal dos anos oitenta, conclui Mattelart, será a revisão radical das relações entre o Estado e o cidadão. É no interior desta sociedade tecnologicizada e estatizada à dimensão do planeta que urge estabelecer uma cartografia microbiana de expedientes e de táticas móveis, e pensar uma combinação de alianças microscópicas tendentes a que se viva, de outra maneira. A micro-utopia nunca teve tanta oportunidade como hoje.

As micro-utopias apresentar-se-ão como movimentos dinâmicos disseminados no corpo social, exercendo-se fora da órbita representativa de um poder que fale em nome de uma



maioria. A micro-utopia nomadiza-se não na conjunção disjuntiva «ou», onde finalmente acabaria por resolver a sua indecisão num acordo negociado, caindo definitivamente na boa convivência com o poder, mas na conjunção coordenativa «e» — manifestando-se num processo indefinido de reinvenção a partir do social. Contrapondo-se à lenta engrenagem de uma reivindicação marcada de concessões e negociada por agentes intermediários, a micro-utopia insinua-se em revolta utópica na mobilidade do instante, decretando morte à mediação por onde se infiltra o poder. A micro-utopia surge-nos pois como um processo órfão que erra como uma linguagem dispersa, traçando na variedade a pulsão de uma diferença para a qual ainda não existe nome.

Não é a reprodução em miniatura do folclore social das maiorias cristalizadas em torno dos grandes consensos. Se tal assim fosse, de nada valeria arrear pé de junto das ditas maiorias. O reconhecimento da divisão social que existe no interior da sociedade democrática não se resume somente à legitimidade do conflito de classes ou de grupos, mas supõe que seja admitida doravante a diferença de crenças, opiniões e costumes. A essência da sociedade democrática é constituída, como bem o afirma Claude Lefort, por «cette tacite légitimité du conflit, et plus largement, cette tacite légitimité de la différence» (13). Contudo, nem sempre o posicionamento da sociedade democrática tem sido correcto face a esta dupla componente constitutiva, dado que desde os seus começos, por efeitos de conjuntura histórico-social, a democracia não tem cessado de gerar e de administrar o fantasma de um povo unido, o que ela tem feito em detrimento do reconhecimento de uma alteridade que a atravessa. Ora a micro-utopia não é mais do que a resistência a esta vontade hegemónica de querer tornar a sociedade perfeitamente racional e transparente a ela própria, como se ainda hoje se pudesse definir a sociedade como «uma substância detentora de uma identidade orgânica através das suas múltiplas diferenciações» (14). Resta-nos hoje não fazer parte destes «intelectuais televisivos» que já deixaram de ir à fábrica falar aos proletários porque é «démodé» e que por agora desempenham precisamente a mesma função de iluminados através dos seus discursos altamente autoritários, contribuindo assim para o ronzar doméstico das instituições, ou para a consoli-

dação democrática das mesmas. Só haverá lugar, efectivamente, para a diferença, se ela não for vivida nem como regionalismo (exibição exótica de produto de feira), nem como arremedo miniaturizado da lógica maioritária. Parece ter chegado o tempo de se substituir o referendo (esta entidade esponjosa que se sonda, no dizer de Baudrillard) pela livre discussão pública dos diferendos. «As grandes narrativas tornaram-se pouco críveis» (15) e no seu prosseguimento há que confessar que «il n'y a pas de sujet-victime universel, faisant signe dans la réalité, au nom duquel la pensée puisse dresser un réquisitoire qui soit en même temps une conception du monde» (16). As micro-utopias nasceram da impossibilidade que temos hoje em voltar a pensar todo e qualquer discurso em termos de emancipação e libertação. A análise de Lyotard sobre a condição moderna conduz a uma rigorosa desconstrução e deslegitimação da pretensão totalizante da ideologia e da política moderna. Resta-nos procurar a legitimidade para este espaço feito de diferendos e para a afirmação das singularidades individuais. Trata-se, pois, segundo Michel Foucault, de desocidentalizar a postura habitual do pensar e substituir a ontologia por uma análise capaz de pôr imediatamente em destaque as práticas culturais, enquanto estas incarnam literalmente «uma forma de

vida». Foucault, como vemos, não elabora um método geral, ou uma teoria geral de produção (como Pierre Bourdieu ou os neomarxistas) nem uma teoria universal à maneira de um Heidegger, que problematizou o esforço moderno para encontrar um fundamento transcendental no sujeito do conhecimento (17). Foucault propõe simplesmente uma analítica interpretativa (acidental e não ocidental) da situação presente, ou seja uma interpretação histórica orientada para a análise pragmática das práticas da nossa subjectivação. É necessário, diz ele: «en se débarrassant du sujet constituant, se débarrasser du sujet lui-même, c'est-à-dire arriver à une analyse qui puisse rendre compte de la constitution du sujet dans la trame historique» (18). Começa a ser cada vez mais inoportuno, ou meramente perda de tempo, conceber uma teoria de indole universal, embora a racionalidade mediática, por seu lado, se mostre cada vez mais performante e activa em fabricar um sujeito/alvo (um retrato do sujeito em todos os seus estados) que se ajustaria à intuição de Jürgen Habermas: de um «homem fabricado» não só por manipulações psicotécnicas mas sobretudo biotécnicas (19).

As micro-utopias, ou a atenção às diferenças e aos estilos de vida implantados no social, permitiram pôr em evidência que é a variação contínua que constitui o devir minoritário de toda a gente, por oposição ao facto maioritário, que não pertence a ninguém. O devir minoritário, como figura universal da consciência, chama-se autonomia (20). Não é certamente utilizando uma língua menor como dialecto, ou praticando o regionalismo ou o «ghetto» que alguém se torna revolucionário: «c'est en utilisant beaucoup d'éléments de minorité, en les connectant, en les conjugant, qu'on invente un devenir spécifique autonome, imprévu» (21). Contudo há quem afirme que isto é o que fazem já hoje os media. Enganam-se, porque os media raramente trabalham sem falsear o jogo da diferença, só estarão à sua altura quando forem capazes de emancipar o olhar das regras da perspectiva e deixarem de descaracterizar os casos individuais e singulares para os afogar na poeira estatística do espectro social — comprovando desta maneira o que Louis de Broglie fazia saber sobre a relação entre o mundo macroscópico e os fenómenos discretos individuais em física: «Quando nos elevamos ao mundo macroscópico, o carácter descontínuo dos fenómenos individuais desaparece. Por assim dizer, ele afoga-se na estatística» (22).

Emídio Rosa de Oliveira

Notas

- (1) DELEUZE, Gilles, *Mille Plateaux*, Paris, Ed. Minuit, 1980.
- (2) EPSTEIN, Isaac, *Cibernética e comunicação*, São Paulo, Ed. Cultri, 1973.
- (3) BAUDRILLARD, Jean, *L'Echange symbolique et la mort*, Paris, Ed. Gallimard, 1976.
- (4) KRISTEVA, Julia, *La révolution du langage poétique*, Paris, Ed. du Seuil, 1974.
- (5) Consultar crónica de Vicente Jorge Silva, *Expresso*, 10 de Nov. 1984.
- (6) MATTELART, Armand, *La Culture contre la démocratie*, Paris, Ed. La Découverte, 1983.
- (7) BAUDRILLARD, Jean, *À l'Ombre des majorités silencieuses, ou la fin du sociale*, Paris, Cahier d'Utopie quatre, 1978.
- (8) ADORNO, Theodor, *Teoria Estética*, Lisboa, Ed. 70, 1982.
- (9) LYOTARD, Jean-François, «Une ligne de résistance», in *Traverses* 33/34, Paris, Centre Pompidou, C.C.I., 1985.
- (10) GODARD, Jean-Luc, in *Art, Press*, numero especial sur l'audiovisuel, Paris, 1982.
- (11) BURROUGHS, William, *révolution électronique*, Paris, Ed. Champs Libre, 1974.
- (12) MATTELART, Armand, *La culture contre la démocratie*, Paris, Ed. La Découverte, 1983.
- (13) LEFORT, Claude, «De la démocratie», *Traces*, n.º 7, Paris, pag. 7.
- (14) Ibid.
- (15) LYOTARD, J.-F., *Le postmoderne expliqué aux enfants*, Galilée, Paris, 1986, p. 53.
- (16) LYOTARD, J.-F., *Tombeaux de l'intellectuel et autres papiers*, Galilée, Paris, 1984, p. 20.
- (17) RABINOW, D. & DREYFUS, Michel Foucault, *Un parcours philosophique*, Paris, Gallimard, 1984, pp. 179-180: «A nossa utilização da palavra analítica situa-se no prolongamento de uma linha de pensamento que começa com a analítica transcendental de Kant e que é depois repensada por Heidegger e definida como a analítica existencial no «ser e o tempo». Kant problematizou o pensamento das Luzes procurando as condições que tornam possível e limitam a análise racional. Heidegger... procurou definir as condições existenciais, a-históricas e transculturais que são necessárias ao homem para se conhecer... Ambos visaram formular uma «teoria universal». Foucault aceita este projecto mas rejeita a ideia de que seja necessário procurar um funcionamento universal no pensamento ou no ser».
- (18) FOUCAULT, M., *Microfísica do poder* (Vérité et pouvoir, Entretien avec Alessandro Fontana et Pasquale Pasquino), in *L'Arc*, n.º 70.
- (19) HABERMAS, J., *La technique et la science comme idéologie*, Paris, Gallimard, 1973.
- (20) DELEUZE, Gilles, *Mille Plateaux*, Paris, Minuit, 1980.
- (21) Ibid.
- (22) Citado por René Passet, «Os paradigmas do incerto», *Análise*, vol. 1, n.º 2, Lisboa, 1984.

Saldanha da Gama, estrabismos e utensílios

A O tentarmos compreender o valor intrínseco de uma obra, devemos, necessariamente, recorrer à relação que com ela estabelece o próprio artista. No caso de Saldanha da Gama, além do que os seus quadros nos revelam, aflui na sua «reflexão» pictural, ao nosso ver, a trama invisível das suas preocupações estéticas que a obra, na sequência dos seus quadros, atravessa. Um espaço semeado de vicissitudes, de relações emocionais e visuais que o percurso do olhar investe, interrogando-se, delimitando áreas que a desestruturação que aí se realiza nos envia ao método, factício, mas real, que o pintor reinventa à medida que o quadro desponta.

Se a maior parte da moodernidade em pintura tudo deve ao «ready-made» duchampiano, mais deve ainda à posição fragmentar que este assume quanto ao teor da sua exigência. Isolar um objectivo da continuidade da produção industrial — (o urinol — FONTAINE) — inscrever mas sublinhar o sistema de cortes a que o processo creativo-productivo corresponde: desmontar a produção pelo gesto único e intransmissível, alienar algures o objectivo, isto é, trans-feri-lo para o espaço museal da representação ocidental. De utensílio que deveria ser, ao devir objecto de arte, foi a cardinalidade que este atingiu que o seu acto nos evidenciou.

Saldanha da Gama «recupera» esse gesto, comum à modernidade, a que chamamos CORTE; gesto que o artista decanta através das variações a que o submete. Neste ponto é o *fragmento* que se manifesta e atinge o valor de ludíbrio do «ready-made», inscrevendo-se, por sua vez, no mesmo «traço» mas num espaço diferente — a exigência do seu próprio advento — transformando o corte em sistema.

Porém, se sistema conota a repetição de um mesmo gesto, o que o solicita e inventa é, apenas, o que o guia: a sua própria cegueira: «Técnicamente, o pintor opera por uma série de manipulações: incisões praticadas sobre madeira, gesso ou outras matérias adicionadas de objecto ou fragmentos encontrados ao acaso. Por vezes, estes riscam, cunham ou inscrevem-se na dureza da folha de metal ou da madeira ressequida, ou, então, insinuam-se na lânguida moleza do gesso.

Colagens e impressões provêm sempre do seccionamento dos bocados ou da fricção de objectos

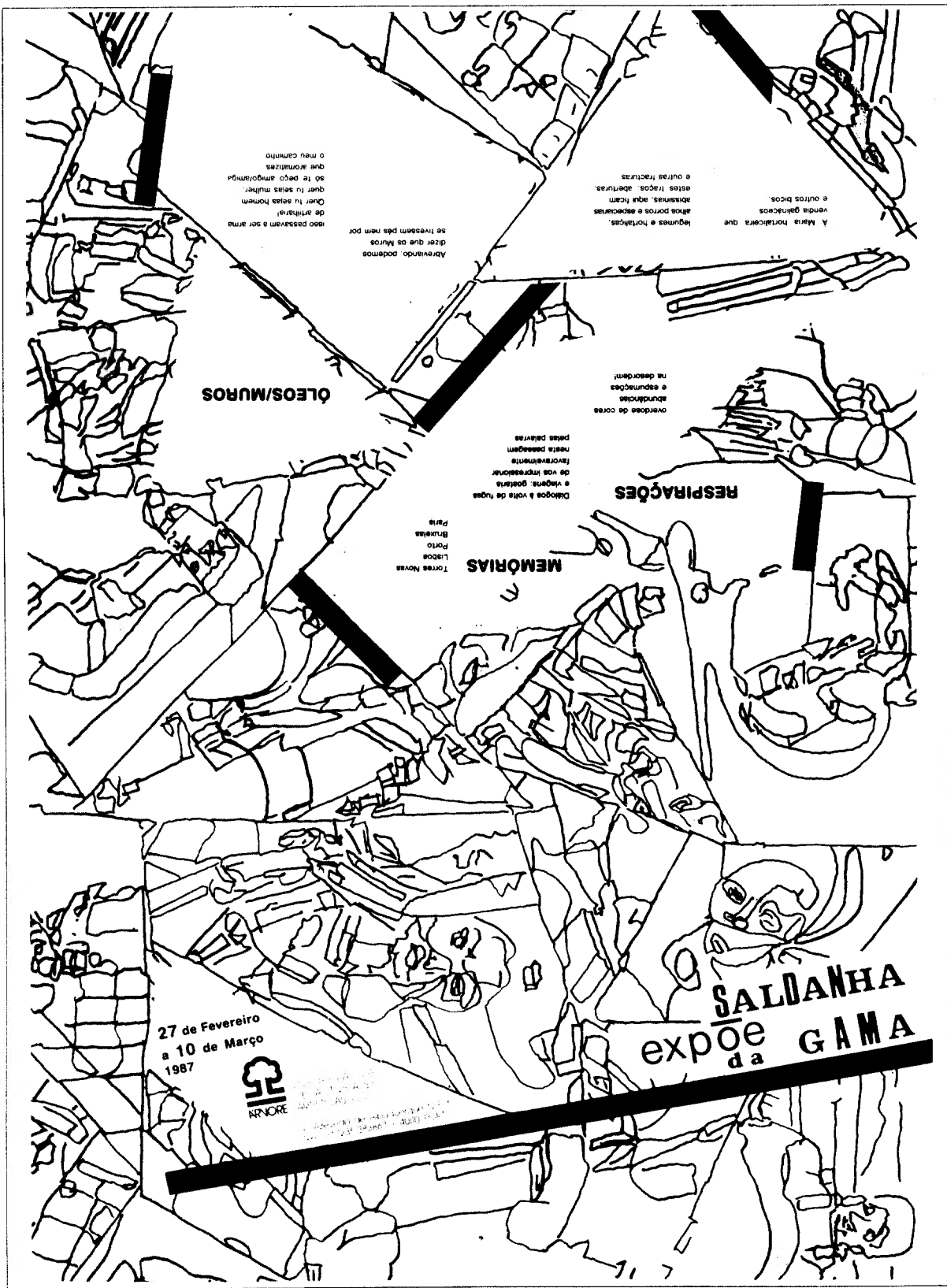
fragmentados e de restos de matéria. É sobre as bitolas que assim resultam que serão exercidos uma série de cortes. «Por outras palavras, o sistema invalida-se ao propor-se, devido, somente, à qualidade autárca do gesto. A superfície, à flor dos cortes, afirma-se ao embater nela qualquer olhar interrogador, mas, ao negar atridimensionalidade do «ready-made», ganha a planura da superfície enquanto quadro, embora nele se crie e alastre um género de profundidade ilusória que se arrisca em meneios de sedução.

O que nos convém salientar neste ponto contém o sustentáculo da obra de Saldanha da Gama, um «alinhamento de cortes». Parece-nos, pois, que essa atitude, geral nos trabalhos do artista, conduz-nos à intencionalidade corporal do gesto em pintura, sem que possamos cair no logro de um olhar formalista. É nesse âmbito que assim nos é proposto, na veemência do seu gesto, que descobrimos o traçado do dispêndio na acção concreta, o desgaste — sem ganho nem dano — que a actividade exigida na confrontação com o quadro é o espelho deformante da relação com o mundo.

Porém, o que se reestrutura nesse meneio equivale não só ao **estrabismo** corrector em que o quadro faz obra, mas delimita a própria legitimação do sistema-quadro. Re-envia, constantemente, o olhar à sua necessidade de autarcia, promove um novo olhar sem preconceitos.

Mas toda a percepção visual existe em função do equipamento mental com o qual o indivíduo ordena a sua experiência do mundo! Poder-se-á, então, falar ainda de uma atitude que escape, virtualmente pelo menos, a esse olhar pré-condicionado ou formalista perante a pintura de Saldanha da Gama?

A resposta, se há uma, constrói-se no compasso de espera que é a metamorfose auto-referencial da obra, isto é, Saldanha da Gama consegue instaurar no seu «sistema» de «alinhamentos» uma espécie de VISTA DUPLA: há um olhar que afecta simplesmente a superfície do objecto pictural, enquanto que o outro, simultaneamente, mergulha e vasculha a profundidade ilusória. Se há um sistema Saldanha da Gama, consiste, precisamente, nesse processo, na metamorfose do «estrabismo» em «dupla vista», na passagem do método ao sistema, e,



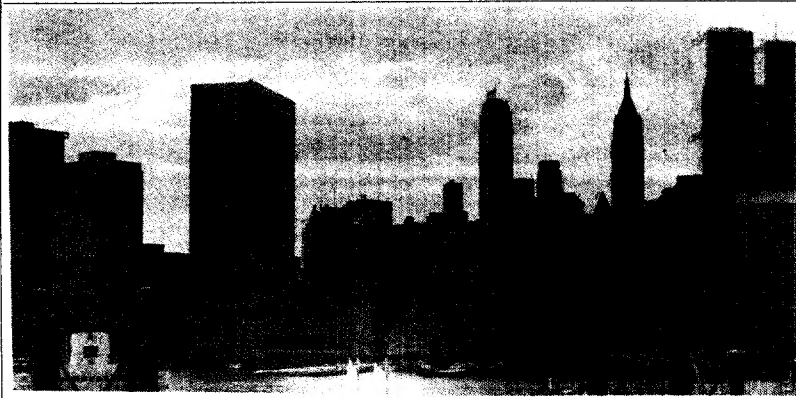
em seguida, à sua transfiguração.

Será que esta advém ou funciona sem qualquer pressuposto? Qual é a fisiologia — (desse gesto que na emancipação que o quadro reclama) — que lhe poderemos atribuir? Na esfera da modernidade é, com certeza, a maturidade frágil do TEMPO que, num primeiro lapso, se profila além da espaço-

temporalidade que é exterior ao quadro, agindo, secundamente e investindo este último de um carácter absolutamente inconfundível com a temporalidade das manipulações a que poderá ser submetido. Além disso, essa madurez também é feita, paradoxalmente, do conjunto de elementos e da densidade material a que o artista faz apelo. E, se Salda-

nha da Gama se arrisca numa atitude «minimal», o objecto saldanhesco não é cristalização mas deriva de sedimentações, obriga-nos à imploração de outros horizontes, encaminha-nos à indeterminação na qual o olhar, sem se retrair, hesita perante os seus «utensílios visuais»

Rafael Godinho



Pepe Diniz na Gulbenkian

Notas Nova-iorquinas, fotografias de Pepe Diniz: uma exposição a não perder na Fundação Gulbenkian. Do «subway» à tatuadora profissional e às escadas de incêndio de Bronx, uma Nova Iorque «déjà vue» mas também com imagens novas, algumas delas tomadas na rua, em jeito de reportagem. Abundam os retratos. Pepe Diniz nunca viveu em Portugal mas tem por língua o português.

Na quinta-feira

TER-ESCREVER

Fotografia 10 — Figuras do espanto

Retenções excessivas do efémero

A LÉM da causalidade e contiguidade postas em jogo pelos processos técnicos e circunstâncias da génese das imagens fotográficas, que mais pode efectivamente contribuir para que estas sejam perscrutadas e concebidas como **pregas do tempo**? Talvez o seu carácter excessivo.

Falar de excesso a propósito das imagens fotográficas pode ser surpreendente, porquanto muitos insistem em considerá-las como os duplos diminuídos de um real infinitamente mais rico do que elas, como representações faltosas, como que endividadas para além de qualquer remissão possível em relação ao seu representado. Com efeito, a partir do momento em que se faz bascular a consideração do estatuto representativo do objecto fotografia para um simples escrutínio por comparação, em que se procure avaliar o que é que, sendo aparente na fotografia, é ao mesmo tempo comum e idêntico ao objecto tal como ele se apresenta, forçoso será concluir pela sua pobreza representativa. Encarada sob esse prisma radical a fotografia terá muito pouco em comum com o seu objecto, e aos prestígios do real apenas poderão fazer-se corresponder as misérias da representação: no limite, a fotografia não será sequer imagem, se se teimar em ouvir nesta palavra a voz latina de *imitari*. Tal conclusão, de uma facilidade propriamente desconcertante, não é aquela que julgamos mais conveniente pois ela equivaleria pura e simplesmente a fazer do realismo (ou do irrealismo) fotográfico uma concepção meramente dedutiva ou subtractiva, fazendo resvalar a avaliação do estatuto semiótico da fotografia para uma sobrevalorização daquilo a que F. Gil chamou o «pólo objectivo» da representação⁽¹⁾.

Um dos traços mais fascinantes das imagens fotográficas é o de elas conseguirem conciliar a certa pobreza relativamente à realidade dos seus objectos com uma extraordinária riqueza em relação às possibilidades perceptivas dos sujeitos que com elas se defrontam. Porque mesmo quando a câmara não conseguia ainda ver melhor do que o olho humano, ela conseguia já ver mais exaustivamente. Max Kozloff: «os contemporâneos de Hill e Fox Talbot, De Secq e Du Camp, também sabiam que lhes tinha sido conferido um poder extraordinário. Olhando para uma cena registada por qualquer destes fotógrafos, eles detinham uma vantagem visual sobre alguém susceptível a todos os tipos de brisas, texturas, movimentos e calor que tivessem estado apenas presentes quando o obturador se abriu. Uma maior plenitude tinha sido atribuída aos seus olhos ausentes, uma que aumentava a retenção visual com uma torrente de detalhes...»⁽²⁾ O que equivale a dizer: se bem que não restituindo integralmente (?) o aspecto visível dos objectos ou cenas que representa, a imagem fotográfica devolve, sob certos aspectos, muito mais do que o que o sujeito deles tinha visto. Sobretudo o fotógrafo, condenado a encontrar sempre no resultado mais do que aquilo que o tinha levado ao acto, ele que não consegue impedir a sua câmara de registar, a cada vez, mais do que aquilo que o tinha decidido a fotografar. A extraordinária receptividade da placa ou da película, a sua voracidade



Inglês a quem vem servir o café à cama, cap. W. W. Hopper, álbum sobre cenas indianas pelo autor e por V. S. G. Wester

cega em relação ao visível, fazem com que em cada fotografia se jogue a irrisão da intencionalidade.

Seríamos demasiado apressados se considerássemos este traço das imagens fotográficas como algo susceptível de as desprezarmos. Na verdade, elas ficam a dever-lhe muito da sua riqueza de imagens, e apenas uma concepção redutora do papel destas últimas teimaria em colocá-las sob a tirania mfope da intencionalidade. Nos primeiros tempos da fotografia, aqueles em que a conquista mecânica das aparências se acomodava sem esforço ao tom exaltado da epopeia, os imperativos da transcrição fiel dos factos na ciência e de representação ajustada do verdadeiro na arte conjugavam-se para que fosse possível viver positivamente essa dissolução do sujeito do olhar na superfície granulosa da emulsão que a partir de então se lhe substituiu com vantagem. Celebrava-se então a fotografia como se ela tivesse preenchido um vácuo, e a natureza nunca teve tanto horror ao vácuo como os homens... Já Fox Talbot, por alturas de 1844, saudava a descoberta da Arte Fotográfica por

ela «permitir introduzir nas nossas imagens uma multidão de minúsculos detalhes e ao mesmo tempo, de dar a ver a precariedade deste último e de nos divertir dele. A imagem introduz um extase no visível, e por isso ela não pode ser aproximada das visibilidades perceptivas que constituem o correlato movente da nossa frequência do mundo; mas, e paradoxalmente, se ela não nos dá nunca a ver aquilo que nós vimos ela dá-nos a ver, seguramente, aquilo que poderíamos ter visto não fora o nosso olhar tão deficiente e a nossa atenção tão impotente. Parada, congelada, a cena fotografada é-nos restituída em bloco, mesmo se dela apenas recebemos um fragmento: na verdade, mais do que de uma prega, deveríamos falar aqui de um **vinco do tempo**, tanto se põe essa espacialidade ao mesmo tempo confinada e transbordante a funcionar como temporalidade retida, como signo de uma duração sustida. Retenção efectuada de um só golpe, garrote que sustém a hemorragia do tempo para manter um instante eleito num simulacro de animação suspensa, a fotografia assume assim,

resíduo perigoso, uma marginalidade ameaçadora do sentido, capaz, ao mesmo tempo, de dar a ver a precariedade deste último e de nos divertir dele. A imagem introduz um extase no visível, e por isso ela não pode ser aproximada das visibilidades perceptivas que constituem o correlato movente da nossa frequência do mundo; mas, e paradoxalmente, se ela não nos dá nunca a ver aquilo que nós vimos ela dá-nos a ver, seguramente, aquilo que poderíamos ter visto não fora o nosso olhar tão deficiente e a nossa atenção tão impotente. Parada, congelada, a cena fotografada é-nos restituída em bloco, mesmo se dela apenas recebemos um fragmento: na verdade, mais do que de uma prega, deveríamos falar aqui de um **vinco do tempo**, tanto se põe essa espacialidade ao mesmo tempo confinada e transbordante a funcionar como temporalidade retida, como signo de uma duração sustida. Retenção efectuada de um só golpe, garrote que sustém a hemorragia do tempo para manter um instante eleito num simulacro de animação suspensa, a fotografia assume assim,

graças à própria irreversibilidade do tempo que ela nega sem conseguir contrariar, o carácter espantoso daquilo que se obstina em fazer-nos ver ainda os aspectos passados daquilo que se desvaneceu sem que o tivéssemos podido ver. «A cada vez que uma imagem é revelada, volta para nós o vestígio de uma visão perdida, como que recuperada de algum abismo.»⁽³⁾

Pedro Miguel Frade

Notas

- (1) Cf. Fernando Gil, *Mimésis e Negação*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Estudos Gerais, Lisboa 1984.
- (2) Max Kozloff, *Photography and Fascination*, Addison House, N. Y. 1979, p. 103.
- (3) W. H. F. Talbot, *The Pencil of Nature*, Da Capo Press, N. Y. 1969, comentário à prancha n.º X.
- (4) Kozloff, op. cit., p. 101.

MULHERES DO MEU TEMPO

Nasceram depois da Guerra e já não ouviram o eco da Bomba em Hiroshima; mas o mundo na infância delas continuou a ser sacudido por explosões dispersas que mudaram a face do século.

Algumas alimentavam-se, ainda, a biberão quando a Winchester de dois canos estoitou os miolos de Hemingway, no Idaho; outras gatinhavam na sala quando a rádio anunciou a morte de Kennedy. Terão colecionado «posters» do Che... e tantas as que choraram connosco, quando Guevara foi liquidado, a sangue frio, na Bolívia!

Porque eram miúdas, ao iniciar-se o baile orbital dos Sputniks, só mais tarde terão compreendido porque se chamava Laika a cadela com que brincavam e quem foi Yury Gagarine; mas já fizeram um berreiro medonho se o pai as não deixou ver a televisão, até o pé de Neil Armstrong poisar na Lua. Amadurecemos juntos na ressaca de Maio de 68.

Exorcisaram os vampiros, em coro temeroso, nas festas da escola e agitaram-se, vivamente, ao saber que os americanos

tinham sido varridos do Vietnam.

Um ano depois, Chaimites galgaram estradas, a caminho do Carmo, levando no bojo o soldadinho que se

recusara a voltar da guerra envolto numa caixa de pinho. E elas saltaram às ruas distribuindo cravos à tropa, as mesmas ruas por onde viram desfilar, na segunda metade dos anos setenta, «metalúrgicos com chapéus de ferro» fustigando o ar «como se batessem à porta de um porvir» tal como contou Lúcia Jorge, uma destas mulheres do meu tempo.

Encontrei algumas nas Áfricas, curtindo desencantos, e quiçá convencidas, como eu que, a haver um corte radical com o passado, ele aconteceria lá longe da nossa Europa vestida de cinzento e sombras.

Hoje, é vê-las por aí na primeira linha da batalha, dando impulsos fortíssimos à roda da vida no sentido da mudança: são as mulheres do meu tempo e vamos falar delas, a começar por uma que todos conhecem da televisão, da rádio e dos teatros: Lúcia Franco.

Lúcia Franco

por Daniel Reis

Lúcia Franco tornou-se figura peculiar devido à participação regular em programas de grande audiência na televisão, ao lado de Herman José. Mas aquela voz já há muito mais anos impressionara o repórter envergonhado, que a procurava pedindo-lhe, em entrevista breve, explicações para a ousadia de se despir de preconceitos, em pleno palco e em tempos de intolerância.

«Para espanto geral, incluindo o meu próprio-contou-me, então, Lúcia Franco-quando começámos os ensaios não era capaz de me despir. Dei-me conta das dimensões do palco e das limitações que carregamos connosco desde a infância, nesta sociedade. Foi necessário o trabalho paciente do encenador para conseguir representar o papel que a peça exige. Só mais tarde, com meses de representação comecei a sentir como que a libertação sobre mim própria e a libertação de muitos preconceitos que trazemos connosco».

Nesse tempo, os olhos dela inquietavam parceiros de mesa e de conversa. Tornaram-se, entretanto, mais doces, de uma doçura que desarma. Aligeirou também, com os anos, os vestígios do cabelo à Angela Davies; não aligeirou, ganhou talvez até uma consistência mais radical, a sua atitude perante a vida, a sua posição de mulher que quer mesmo vivê-la, por si e à sua exclusiva custa, se for necessário, num meio hostil aos contrastes assumidos.

Os anos setenta, vivera-os Lúcia Franco na vertigem. Fora bailarina na Gulbenkian, durante dois anos, até partir para a Bélgica ao encontro do marido, um refugiado político. O filho (Miguel Che, hoje com 19 anos e a estudar Biologia Genética) nasceu lá e regressaram sós, mãe e filho, para crescerem juntos no turbilhão de luzes e sombras que marcou indelevelmente a década portuguesa de setenta.

Bailarina, funcionária pública, mulher a dias, empregada de balcão, assistente de terra na TAP, dactilógrafa, operária numa fábrica, baby sitter, tradutora e actriz, tudo isto foi Lúcia Franco, cá e lá, em Portugal e no estrangeiro, em vagas alternadas de alegrias e frustrações, de encantos e desilusões.

Essas ondas, ora mansas ora agitas, esses fluxos e refluxos da vida, apaziguaram-se, quando chegou à Terra Prometida, à miragem dos anos de juventude, que foi, como ela confessa, o teatro.

«Sempre gostei de teatro e ainda miúda já dava o meu espectáculo

para a vizinhança, cantando o fado nas traseiras do prédio onde vivíamos».

Sendo neta de Alice Ogando, era natural que esta tendência para o teatro e o palco se desenvolvesse. Primeiro na rádio, depois em peças

infantis no Teatro Avenida, mais tarde no ballet Gulbenkian, então ainda um grupo experimental, eis Lúcia no seu caminho. Não tardou, porém, o primeiro aviso de que a vida, para as mulheres que a quem viver por elas próprias, não tem nada de fácil.

Lúcia trinha cortado o cordão umbilical que a ligava aos pais e a ordem, na Gulbenkian, chegou-lhe seca, inesperada:

«A menina, ou volta para casa dos pais, ou sai da Companhia».

Ela saiu. Da Gulbenkian, do Bairro e do País.

Escrevia eu que as ondas amainaram quando Lúcia Franco chegou à Terra Prometida. Conheci-a nessa altura, entrara havia pouco tempo para o Teatro Estúdio de Lisboa e fazia as suas primeiras peças com Luzia Maria Martins. Uma delas, o «Pecado de Saiote», incluía a tal cena fugaz de nú, que provocou alguns abalos na cabeça da jovem actriz-era um escândalo para a época e suscitou tentativas de alijamento para outro teatro, muito mais bem pago.

«Recusei, como é óbvio»-disse-me ela, em entrevista exactamente para este jornal, acrescentando que a espantava «a facilidade com que rotulam as pessoas sem se saber delas nem das suas preocupações».

Oito anos depois desse desabafo, aqui estamos nós, algo mais velhos, Lúcia mais madura e mais mulher, na maior como actriz, popular quanto baste e quanto isso é possível num País como o nosso onde a televisão dita as leis do mercado de trabalho no sector e quem não está contente que se dane.

--Mudámos assim tanto, quanto o pressupõe a agitação destes anos oitenta?-pergunto-lhe.

«Não mudámos nada», jura ela. «Ainda recentemente, quando fazia O Tal Canal, na televisão, me apareceu um senhor rico a dizer que me queria tirar daquela vida...As pessoas ainda continuam a pensar que a profissão de actriz não é séria, que levamos uma vida de rebeldia».

Pois é, menina: quem diria que toda a mudança continua tão perra, apesar dos nossos anos sessenta? Lá teremos que continuar a dar-lhe uma forcinha.



Lúcia Franco vista por Amílcar Teixeira

Mensagens Pessoais

Edições ecologistas

Procuram-se jovens gráficos e jornalistas que queiram alinhar em cooperativa editorial da área ecologista — Resposta a Afonso Cautela — Apartado 17 — Paço de Arcos — 2780 OEIRAS

Plantas de maracujá

Vendem-se plantas de maracujá. Tel. 613256 Lisboa (depois das 20 horas)

Raquetas Yonex

Vendo raquetas de Badminton. Marca Yonex. Modelos Carbonex-10 e Carbonex-7. Muito bom estado, com capas e encordoamentos novos. Preço muito em conta. Contactar pelo telefone: 2751314.

Spectrum 48K

Vendo Spectrum 48K como novo, com manual em português, mais livros «Aprofundar o Basic» e «Novas aventuras para 7x Spectrum»; 18 contos. Contactar Morais Castro, tel. 373514.

Zoom para Pentax

Compro lente Zoom para Pentax Rosca 42 Tel. 2182297

Explicações-1

Universitário dá explicações de Matemática, Física e Química do 9.º ao 12.º ano nas áreas de Almada e Seixal. Preços acessíveis. Não deixe os exames aproximarem-se. Contacte João Paulo Bernardo. Telefone: 2751314.

Explicações -2

Estudante universitária dá explicações. Preço acessível. Contacte: 883689. telefone já!

Benfica Superstar

Da autoria de J. Vieira. O futebol antes do 25 de Abril. Preço 350\$00. Pedidos a Palas Editores - Rua Quirino da Fonseca n.º 4-cave-dt.º 1000 Lisboa. Telefone: n.º 574903.

Quatro assoalhadas

Andar 4 boas assoalhadas. 2 casas banho, despensa. 2 amplas marquises fechadas, corredor, hall e sala alcatifados, e mais parte de outra fracção no prédio. Centro de Linda-a-Velha, excelente vista, todos os transportes à porta. Informa próprio depois das 20 horas. Tel. 4192748.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.